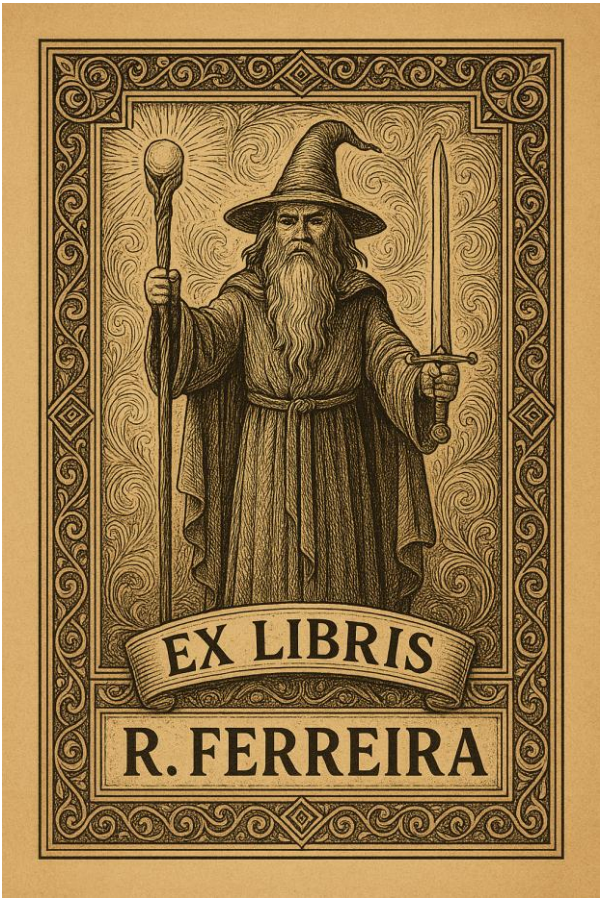
ROMA
10.000 A.D.
TRES FABULAE ULTRA IMPERIUM
R. FERREIRA

ROMA

10.000 A.D.

TRES FABULAE ULTRA IMPERIUM

1ª Edição


EX LIBRIS
R. FERREIRA

LUX IN TENEBRIS MORTIS

CAPÍTULO 1
O FAROL QUE RESPIRA

O vazio não era silencioso.

Era brutal.

Cassius Voss Draconis observava o farol orbital Pharus Ultimus crescer no visor frontal de sua nave. A estrutura cilíndrica girava lentamente sobre o abismo estelar, como um osso metálico suspenso no nada.

O farol estava ativo.

Luz verde pulsando em intervalos perfeitos.

Sinal de navegação estável.

Protocolos normais.

— Normal demais — murmurou.

Os sensores da nave varreram a estrutura externa.

Atmosfera funcional.

Reatores estáveis.

Sem sinais de combate.

Mas havia algo sutil.

Uma flutuação.

Pequena demais para acionar alertas automáticos.

Grande demais para ser ignorada.

Cassius ajustou o visor interno da estação de comando da nave. Linhas vermelhas cruzaram a tela. Bioassinaturas dispersas… mas fracas.

Muito fracas para uma estação daquele porte.

Ele já tinha visto isso antes.

Estações que continuavam funcionando quando não deveriam.

Estações que pareciam vivas demais.

Ou mortas demais.

A imagem do farol ocupou toda a janela frontal. O casco apresentava marcas antigas de microimpactos. Nada incomum.

Mas o setor norte da torre central absorvia mais energia do que deveria.

Desvio mínimo.

Intencional.

— Interessante… — sussurrou.

O farol piscou.

Verde.

Verde.

Verde—

Um pulso vermelho atravessou os sensores.

Rápido.

Quase imperceptível.

Cassius congelou.

Revisou os dados.

Nada.

Registro limpo.

Como se não tivesse acontecido.

Mas ele viu.

E os sensores da armadura também.

A bioassinatura tinha vibrado.

Por menos de meio segundo.

Depois… silêncio perfeito.

Cassius desligou o piloto automático.

— Pharus Ultimus, aqui é Cassius Draconis. Autorização de acoplamento solicitada.

A resposta veio imediata.

Voz neutra.

Protocolar.

— Autorização concedida. Bem-vindo.

Sem atraso.

Sem estática.

Sem ruído.

Perfeito demais.

Cassius segurou o manche.

E aproximou a nave do corredor de conexão.

Enquanto a estação girava lentamente diante dele…

o farol verde continuava piscando.

Como se respirasse.

O impacto foi suave demais.

A nave de Cassius Voss Draconius selou-se ao anel de conexão da Pharus Ultimus com um estalo hidráulico preciso. As travas magnéticas firmaram-se. O sistema confirmou vedação total.

Pressão equilibrada.

Oxigênio estável.

Sem contaminantes detectáveis.

Normal.

Cassius não se moveu imediatamente.

Observou.

Sempre havia um segundo momento.

Aquele em que a mentira respirava.

Ele ativou o modo tático da armadura. Filetes vermelhos percorreram o peitoral. O núcleo central respondeu com um pulso baixo, quase imperceptível. Sensores bioenergéticos expandiram alcance.

Leituras… estáveis.

Mas havia algo no campo ambiental.

Um ruído.

Não sonoro.

Energético.

Como interferência distante.

A escotilha abriu.

O corredor de conexão era estreito e cilíndrico, iluminado por tiras de LED branco contínuo. Nenhuma falha visível. Nenhum sinal de luta. Nenhum corpo.

Nenhuma equipe de recepção.

A porta interna da estação permanecia fechada.

Esperando.

Cassius atravessou o corredor com passos medidos. O metal sob suas botas ecoava seco. Cada som retornava com atraso mínimo, como se o espaço ali fosse ligeiramente mais longo do que deveria ser.

No meio do túnel, ele parou.

Os sensores captaram algo.

Um microdeslocamento térmico.

À esquerda.

Ele virou a cabeça lentamente.

Nada.

A parede lisa refletia sua silhueta escura. Sobretudo negro. Núcleo vermelho pulsando sob o peitoral. Lança presa às costas.

Então a leitura desapareceu.

Sem transição.

Como se tivesse sido desligada.

Cassius continuou.

A porta interna abriu com um suspiro pneumático.

O interior da Pharus Ultimus revelou-se amplo. Corredores limpos. Iluminação constante. Sistemas funcionando. Painéis ativos.

E ainda assim—

Silêncio demais.

Não havia cheiro de estação ativa.

Não havia vibração de dezenas de corpos vivendo ali.

Não havia conversas ao fundo.

A estação parecia… contida.

Como um pulmão que prende o ar antes de soltar.

Cassius deu três passos para dentro.

A porta atrás dele fechou.

O som ecoou mais alto do que deveria.

Por um segundo—

As luzes oscilaram.

Quase imperceptível.

Branco.

Branco—

Um reflexo vermelho atravessou o teto metálico.

Cassius ergueu o visor interno.

Nada registrado.

Mas os sensores bioenergéticos marcaram um pico.

Breve.

Intermitente.

Como uma pulsação irregular.

Ele teve uma sensação súbita.

Não de perigo imediato.

Mas de presença.

Como se a estação tivesse notado sua chegada.

Como se algo tivesse se ajustado ao novo parâmetro.

Cassius girou lentamente o pescoço, analisando cada ponto cego do corredor principal.

Nada.

Ainda assim…

A temperatura ambiente caiu meio grau.

Os sensores registraram.

E então voltaram ao normal.

Um ruído distante percorreu os dutos superiores.

Metal raspando metal.

Longo.

Arrastado.

Depois… silêncio absoluto.

Cassius destravou a trava magnética da lança deixando-a pronta para uso futuro.

— Eu sinto você... — murmurou para si mesmo.

E deu o primeiro passo oficial na Pharus Ultimus.

Atrás de uma parede estrutural, invisível aos sensores convencionais…

algo se moveu.

Não rápido.

Não agressivo.

Apenas… curioso.

Os passos ecoaram antes que as vozes surgissem.

Dois vultos emergiram do corredor lateral principal.

O primeiro era alto, postura ereta, mãos cruzadas às costas. Trajava uniforme técnico escuro sob um jaleco preto semitransparente que refletia a luz branca da estação como uma superfície líquida.

O segundo vinha meio passo atrás.

Armas presas às coxas.

Sobretudo tático negro.

Olhos delineados de preto intenso.

Batom escuro que contrastava com a pele levemente pálida.

Ela não sorria.

O homem falou primeiro.

— Cassius Voss Draconius, presumo.

A voz era controlada. Educada. Sem pressa.

— Sou o Supervisor Orion Vale. Responsável administrativo e operacional da Pharus Ultimus.

Ele estendeu a mão.

Cassius observou por meio segundo.

Orion não avançou o suficiente para reduzir a distância.

A mão permaneceu suspensa no ar, mas distante demais.

Cassius não a apertou.

— Supervisor.

Orion recolheu a mão sem demonstrar incômodo.

— Esta é Seraphine Vale, chefe de segurança da estação.

Os olhos dela encontraram os de Cassius.

Não havia cordialidade ali.

Havia cansaço.

E algo mais.

— Eu enviei o sinal de socorro — disse ela, sem rodeios.

Orion inclinou levemente a cabeça.

— Um protocolo precipitado, na minha avaliação.

Seraphine não olhou para ele.

— Dois operadores desapareceram. Câmeras registraram interferência. Leituras bioenergéticas começaram a oscilar. E eu fui atacada no setor três.

Silêncio.

Cassius analisou as microexpressões.

Orion manteve o rosto neutro.

Seraphine respirou fundo.

— Foi há cinco dias. Luzes começaram a piscar durante a troca de turno. Pensei que fosse sobrecarga. Quando desci para verificar… ouvi algo nos dutos.

Ela fechou os olhos por um segundo.

— Metal arranhando. Como se alguém estivesse rastejando por dentro da estrutura.

Orion cruzou as mãos novamente.

— A estação opera há dezessete anos. Ruídos estruturais são comuns em zonas mortas gravitacionais.

Ela ignorou.

— Eu vi Paulus.

O nome pairou no ar.

— Ele estava… parado no corredor. De costas. O traje dele estava… diferente.

Cassius inclinou levemente a cabeça.

— Diferente como?

— Fundido. — A voz dela falhou por meio segundo, mas voltou firme. — As placas do uniforme estavam presas à pele. Como se tivessem crescido ali. Ele respirava… mas não parecia estar vivo.

O silêncio se adensou.

— Quando eu o chamei… ele virou.

Os olhos dela vacilaram por um instante.

— Um dos olhos estava vermelho. Não como um olho comum. Como… um farol. Emitindo luz.

Orion respirou discretamente.

— Estado febril induzido por estresse prolongado pode causar alucinações vívidas em ambientes isolados.

Seraphine virou o rosto para ele.

— Não foi um alucinação — disse ela. — Ele tentou me morder, Supervisor.

O ar pareceu esfriar.

— E você o neutralizou? — perguntou Cassius.

— Atirei duas vezes. No peito. Ele caiu. Mas não sangrou como deveria. — Ela hesitou. — Ele se levantou de novo.

Cassius permaneceu imóvel.

— Foi quando corri e eu enviei o sinal.

Orion deu um pequeno passo à frente.

— Sem autorização formal.

— Sem tempo para isso — retrucou ela.

Orion voltou-se para Cassius.

— A Pharus Ultimus não é apenas um posto de observação. Somos um amplificador estratégico. Em zonas mortas, onde sinais se perdem e rotas de dobra espacial se tornam imprecisas, nós mantemos o Império conectado.

Ele gesticulou levemente para o teto.

— Naves que atravessam corredores instáveis dependem da nossa transmissão. Sem nós, há desvios. Colisões. Perdas.

A voz permaneceu estável.

— Interromper operações por conta de um possível episódio de paranoia espacial comprometeria dezenas de rotas comerciais e militares.

Seraphine soltou uma risada seca.

— Três homens desapareceram.

— Um foi encontrado em surto psicótico — corrigiu Orion suavemente. — Infelizmente, talvez esteja morto.

Cassius registrou a escolha da palavra.

Morto.

Ela havia dito que ele se levantou.

— E os outros dois? — perguntou Cassius.

Orion sustentou o olhar.

— Ainda não localizados.

Silêncio.

Cassius deu um passo lento pelo saguão principal. Observou as paredes. Os painéis. A iluminação constante demais.

— Quantos permanecem na estação?

— Dez — respondeu Orion.

Seraphine corrigiu.

— Sete.

Orion não reagiu.

— Sete ativos — ajustou ele.

Cassius virou-se para os dois.

— Quero acesso completo aos registros de energia e biometria dos últimos sete dias.

Orion sorriu levemente.

Um sorriso pequeno demais.

— Naturalmente, Oficial.

Por um segundo — quase imperceptível — as luzes acima deles oscilaram.

Branco.

Branco—

Um reflexo vermelho percorreu o teto metálico.

Seraphine notou.

Orion não piscou.

Cassius sentiu o sensor da armadura vibrar.

Muito sutil.

Uma assinatura.

Breve.

Fome.

E desapareceu.

Orion inclinou levemente a cabeça.

— Como disse, oficial… a estação está sob controle.

Ao fundo, nos corredores internos—

algo raspou o metal novamente.

Desta vez, mais perto.

O saguão principal da Pharus Ultimus parecia organizado demais para uma estação em crise.

Painéis funcionando.

Luzes estáveis.

Sistemas ativos.

Mas as pessoas… não.

Orion conduziu Cassius por um corredor lateral até a ala de convivência operacional.

— Restam sete ativos — disse ele com serenidade calculada. — Sem contar com o senhor, claro.

Cassius não comentou a correção.

Cinco rostos aguardavam no espaço comum.

Todos em silêncio.

Todos atentos demais.

Cassius avaliou um por um.

Leu lentamente o nome na tarja de cada um.

Dr. Marius Helk — responsável médico. Olhos fundos. Mãos inquietas. Aparentava não dormir há dias.

Lira Kess — engenheira de manutenção. Pequena, cabelo preso com descuido. Sujeira de graxa nas mangas. Observava Cassius como se esperasse um veredito.

Tavian Rhoss — operador de navegação. Postura rígida, mas os dedos tamborilavam compulsivamente na perna.

Eron Vel — técnico de comunicações. Evitava contato visual.

Mira Solen — auxiliar de sistemas externos. Braço enfaixado.

Cassius registrou o detalhe.

— O que houve com o braço? — perguntou.

Mira hesitou.

— Queda no setor cinco.

Seraphine não olhou para ela.

Mas Cassius percebeu a tensão nos ombros da chefe de segurança.

Orion cruzou as mãos atrás das costas.

— Como pode ver, oficial, não há pânico generalizado. Apenas desgaste.

Cassius caminhou lentamente pelo ambiente.

Observando respiração.

Temperatura da pele.

Dilatação de pupilas.

Leituras normais.

Mas o campo bioenergético…

Irregular.

Muito sutil.

Como estática.

Ele virou-se para Seraphine.

— Preciso ver suas armas.

Ela não demonstrou surpresa.

Retirou as duas pistolas das coxas e as entregou com movimentos precisos.

Elegantes.

Compactas.

Metal fosco com detalhes energéticos azuis.

Cassius analisou a calibragem.

— Impulso térmico e perfuração de curto alcance.

— São suficientes para humanos — respondeu ela.

Ele devolveu as armas.

— Não para o que está aqui.

Silêncio.

Os outros sobreviventes trocaram olhares rápidos.

Seraphine sustentou o olhar.

— Então você acredita em mim.

Cassius inclinou levemente a cabeça.

— Talvez.

Ela deu um passo mais próximo.

— E você já sabe o que está acontecendo?

O núcleo vermelho no peitoral da armadura pulsou discretamente.

— Talvez — respondeu ele.

O silêncio que se seguiu foi mais pesado que qualquer alarme.

Orion quebrou a tensão com suavidade excessiva.

— Oficial, sugiro que iniciemos pela análise técnica antes de alimentar especulações.

Cassius não olhou para ele.

— Quero acesso ao setor três.

Seraphine respondeu primeiro.

— Eu levo você.

Orion fez um gesto quase imperceptível com a mão.

— Como preferir.

Cassius começou a caminhar.

Seraphine o acompanhou.

Enquanto se afastavam, ele falou baixo o suficiente para que apenas ela ouvisse.

— Quando ele se virou… você sentiu algo além de medo?

Ela demorou meio segundo.

— Fome.

Cassius não reagiu.

— Sua ou dele?

Ela não respondeu.

O corredor até o setor três era mais estreito.

As luzes ali não eram tão estáveis.

Um leve tremor percorreu a estrutura.

— Paulus foi o primeiro — disse ela. — Depois dele, Tavian quase teve um colapso. Mira apareceu com o braço ferido. E Eron começou a ouvir coisas.

— O segundo desaparecido?

— Dario Senek. Técnico estrutural. — A voz dela ficou mais baixa. — Ele entrou no setor de manutenção ontem. Nunca voltou.

Cassius parou diante da escotilha do setor três.

As marcas estavam lá.

Arranhões longos no metal.

Profundos demais para ferramentas comuns.

Não eram caóticos.

Eram repetitivos.

Como se algo tivesse tentado sair.

Ele passou os dedos enluvados sobre o metal.

O sensor vibrou.

Bioresíduo.

Fraco.

Mas presente.

Seraphine sentiu também.

— Você sentiu isso, não foi?

Cassius não respondeu.

A luz acima deles piscou.

Branco.

Branco—

Vermelho.

Desta vez não foi reflexo.

Foi falha real.

A iluminação morreu por dois segundos.

Na escuridão—

Algo respirou.

Não atrás deles.

Não à frente.

Dentro das paredes.

As luzes voltaram.

Seraphine engatilhou as pistolas.

Cassius ativou sua lança enérgitca.

Um som metálico ecoou pelo duto superior.

Arrastado.

Mais pesado que antes.

Seraphine sussurrou:

— Ele não estava assim da primeira vez.

Cassius olhou para o corredor escuro à frente.

— Agora está.

Algo caiu no fim do corredor.

Fora de vista.

Mas próximo demais.

O objeto caído estava no fim do corredor.

A iluminação ali falhava em intervalos irregulares.

Branco.

Escuro.

Branco.

Cassius avançou primeiro.

Seraphine manteve as pistolas erguidas — linhas azuis percorrendo o corpo das armas com pulsos frios e estáveis.

O cheiro veio antes da visão.

Não sangue.

Algo mais metálico.

Queimado.

A luz piscou novamente.

E revelou metade de um corpo.

CAPÍTULO 2
PRIMEIRA ANOMALIA

O tronco estava caído em uma poça de sangue, como se tivesse sido totalmente despedaçado.

As pernas… não estavam.

Arrancadas com brutalidade.

Separadas com precisão irregular.

A parte inferior do uniforme técnico permanecia parcialmente fundida à carne.

Fissuras negras atravessavam o peito.

Veias escurecidas irradiavam do esterno.

O rosto era quase irreconhecível.

Mas o crachá preso ao tecido parcialmente derretido confirmava:

Dario Senek.

Seraphine engoliu seco.

— Merda.

Cassius se agachou lentamente.

Não tocou no corpo.

Apenas observou.

A carne não estava apenas rasgada.

Havia padrões.

Marcas repetidas.

Como se alguém tivesse mordido…

parado…

observado…

e continuado.

— Isso não foi fome — disse ele calmamente.

Seraphine manteve as armas erguidas.

— Então o que foi?

Cassius analisou os resíduos nas bordas das fissuras.

Bioenergia residual.

Alta concentração.

— Degustação.

Ela ficou imóvel.

— Você está brincando.

Ele levantou-se.

— Não.

A luz piscou.

Por um instante, algo pareceu mover-se dentro do torso aberto.

Mas era apenas sombra.

Seraphine respirou fundo.

— Então minhas pistolas não seriam realmente suficientes?

Cassius olhou para as armas prateadas em suas mãos.

— Para humanos, sim.

Ele voltou os olhos para o que restava de Dario.

— Para isso… não.

Ela quase sorriu.

Quase.

Mas não havia humor ali.

— Então você realmente sabe o que está acontecendo.

Ele não respondeu.

Apenas começou a caminhar de volta pelo corredor.

Ela o seguiu.

Depois de alguns passos:

— Eu enviei o sinal esperando legionários — disse ela. — Uma equipe tática. Blindados. Não… você.

Ele continuou andando.

— E o que você esperava que eu fosse?

— Um soldado romano, talvez.

Ele parou.

Virou levemente o rosto.

— Eu sou.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Não parece.

— Não sou de uma Legião.

Silêncio.

— Então de onde você é?

Os olhos dele permaneceram ocultos atrás da sombra de seu chapéu negro.

— De algo que não consta nos relatórios públicos.

Ela estudou a postura dele.

— Isso deveria me tranquilizar?

— Não.

Eles retomaram o caminho.

Quando alcançaram o saguão principal, o ambiente mudou.

As luzes oscilaram novamente.

Cassius caminhou até o centro do espaço comum.

— Evacuação imediata.

O silêncio foi instantâneo.

— O quê? — perguntou Tavian.

— Preparem cápsulas auxiliares. Retirada total da estação.

Orion avançou meio passo.

O jaleco negro ondulou levemente.

— Oficial, essa decisão é prematura.

Cassius não olhou para ele.

— Dario Senek está morto.

Mira recuou um passo.

Lira cobriu a boca.

Orion manteve a voz controlada.

— Lamentável. Mas não prova contaminação sistêmica.

— Prova o suficiente para mim.

Eron balançou a cabeça.

— O farol não pode ser desligado. Há rotas em trânsito.

Tavian completou:

— Se interrompermos a amplificação, podemos causar perdas em zonas de dobra.

Orion sustentou o olhar de Cassius.

Algo passou por seus olhos.

Rápido.

Pequena irritação.

Quase invisível.

— Nosso trabalho é essencial, oficial.

Cassius finalmente encarou o supervisor.

— Então fiquem.

Silêncio absoluto.

— Façam o que quiserem.

O núcleo vermelho no peitoral pulsou uma vez.

— Só não fiquem no meu caminho.

Ele virou-se.

Seraphine o acompanhou sem hesitar.

Eles seguiram para corredores ainda mais profundos do Farol.

Sons metálicos e rangidos eram cada vez mais frequentes.

Cassius foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Você não deveria me seguir.

— Você acha que eu não dou conta?

— Não quero que você jogue sua vida fora.

Seraphine deu um leve riso em tom de deboche.

— Como ele é gentil.

— Só quero descobrir o que realmente está acontecendo aqui — continuou ela. — Eu sou a chefe da segurança, afinal.

Dobraram a direita em um corredor.

Cassius sentir algo diferente no ar — mas não teve tempo de reagir.

A porta do corredor fechou atrás deles com um estalo pesado.

Selagem automática.

Cassius parou.

— Isso não foi manual — disse ela.

Um ruído percorreu o teto.

Rápido.

Muito rápido.

A iluminação morreu completamente.

Escuridão.

Um impacto metálico à frente.

Seraphine ativou suas pistolas.

Luz azul cortando o escuro.

Algo caiu do teto.

Pesado.

De quatro.

O que restava de um operador.

Mas não inteiro.

Coluna arqueada em um ângulo impossível.

Braços alongados demais.

Placas do uniforme fundidas à carne.

Olhos vermelhos instáveis.

Respiração irregular.

O ser moveu a cabeça em espasmos.

E avançou.

Cassius ativou a lança.

A lâmina vermelha irrompeu com um estalo elétrico.

Ele interceptou o primeiro ataque.

Metal contra carne endurecida.

Seraphine disparou.

Tiros azuis perfuraram o ombro da criatura.

Ela cambaleou.

Mas não caiu.

O ser girou o torso de maneira errada.

E correu.

Não para Cassius.

Para Seraphine.

Rápido demais.

Ela disparou novamente.

Sem efeito decisivo.

A criatura saltou.

Cassius se virou por meio segundo.

Mão já dentro do sobretudo.

Ele sacou a pistola de estaca.

O disparo não fez som comum.

Foi um estalo seco.

Um projétil metálico super-aquecido em luz vermelha atravessou o ar.

Cravou-se no crânio da criatura.

Explodiu calor concentrado.

A estaca atravessou a cabeça e prendeu o corpo ao chão metálico.

Silêncio.

Fumaça fina subindo.

A criatura tremulou.

Veias negras pulsaram.

E então… cessaram.

Seraphine respirava ofegante.

— Isso… teria sido útil antes.

Cassius recolheu a arma.

— Agora você viu.

Ele se agachou ao lado do corpo.

— Um Vitiatus.

— O quê? Que merda é essa?

Examinou as fissuras.

A transformação ainda incompleta.

Olhos instáveis.

Núcleo interno irregular.

— Ele estava quase terminando o processo de transformação — murmurou.

— Ele?

Cassius não respondeu.

Em vez disso, abriu o sobretudo.

Seraphine viu pela primeira vez.

O interior estava repleto de instrumentos.

Frascos.

Lâminas compactas.

Munições especializadas.

Cápsulas energéticas.

Ferramentas que não eram padrão romano.

Entre elas—

Duas pistolas idênticas à que ele usara.

Ele retirou ambas.

Entregou a ela.

— Munição de estaca térmica. Núcleo vermelho. Frequência vital calibrada.

Ela pegou as armas.

O peso era diferente.

Mais sólido.

Mais definitivo.

— E minhas pistolas?

— Continue usando elas de longe. Elas atrasam.

Ele a encarou.

— Isso finaliza.

Seraphine travou as novas armas nas coxas.

O corredor à frente estava escuro novamente.

Mais profundo.

Mais silencioso.

Cassius recolheu a lança.

— Agora a festa de verdade começa.

Ao longe—

um segundo ruído metálico ecoou.

Mais pesado.

Mais consciente.

Cassius foi novamente em direção do corpo.

Agora o corpo do Vitiatus liberava vapor escuro do ferimento enquanto o silêncio voltou a ocupar o corredor.

Cassius permaneceu agachado por mais alguns segundos.

Analisando.

Não o cadáver.

O ambiente.

Ele levantou-se lentamente.

— Isso não foi instinto.

Seraphine ajustou a respiração.

— O quê?

— A emboscada.

Ela olhou para a porta selada atrás deles.

— Foi coincidência.

Cassius balançou a cabeça.

— Não. A porta fechou no momento exato. A iluminação caiu no momento exato. Ele estava esperando no teto.

Ele encarou o corredor à frente.

— Alguém está coordenando.

O ar pareceu ficar mais pesado.

Seraphine manteve as novas pistolas presas à perna, ainda segurando as antigas prateadas com energia azul.

— Você acha que alguém controla os… transformados?

— Não controla. — Cassius inclinou levemente o rosto. — Direciona.

Silêncio.

Ela hesitou antes de falar.

— Antes de três meses… nada disso acontecia.

Ele voltou os olhos para ela.

— Três meses.

— Foi quando o Supervisor chegou. Transferido de outra estação.

Ela passou a mão pelo pescoço, inconscientemente.

— No começo, foi normal. Organizado. Competente. Melhorou relatórios, protocolos… tudo impecável.

Cassius escutava sem interromper.

— Depois começaram as falhas. Pequenas quedas de energia. Oscilações nos sistemas de amplificação. Nada grave. Só… estranho.

— E ele?

— Às vezes se isolava na torre do motor principal. Horas sozinho. Dizia que estava recalibrando o núcleo.

Cassius registrou.

— Ele fazia isso antes das falhas?

Ela pensou.

— Sempre antes.

Silêncio.

— E os outros?

— Insônia. Irritabilidade. Pequenas discussões. Eron começou a ouvir ruídos nos dutos. Tavian disse que sentia… — ela hesitou — como se alguém estivesse atrás dele o tempo todo.

Cassius não reagiu.

— E você?

Ela abriu a boca para responder.

Mas a visão dela oscilou.

O corredor inclinou.

A luz branca pareceu expandir demais.

Ela deu um passo para trás.

Quase caiu.

Cassius a segurou pelo braço antes que atingisse o chão.

— Estou bem — disse ela rapidamente.

Ele não soltou.

— Não está.

Ela tentou se afastar.

— É só adrenalina.

Cassius aproximou o rosto do pescoço dela.

O sensor interno da armadura vibrou.

Leitura bioenergética elevada.

Muito elevada.

Ele puxou levemente a gola do sobretudo dela.

Ela tentou impedir.

Tarde demais.

Duas perfurações.

Pequenas.

Quase cicatrizadas.

Mas as bordas estavam escurecidas.

Veias finas irradiavam do ponto de mordida.

Cassius ficou imóvel por meio segundo.

— Quando foi isso?

Ela desviou o olhar.

— No primeiro ataque.

— E você não mencionou.

— Eu achei que fosse só… um humano em surto!

A voz dela finalmente perdeu o controle.

— Eu não sabia que estava lidando com a porra de um monstro!

Cassius soltou o braço dela.

A irritação na voz dele foi contida.

— Você é chefe de segurança, devia ter relatado isso.

— Eu só estava tentando manter a estação funcionando!

Silêncio pesado.

Ela respirava com dificuldade agora.

As pupilas começavam a dilatar além do normal.

— Está piorando — murmurou ela.

Cassius abriu o sobretudo novamente.

Dessa vez não havia teatralidade.

Retirou um frasco cilíndrico de vidro reforçado.

Líquido com um brilho rubro interno.

Seraphine recuou meio passo.

— O que é isso?

— Soro de Contenção.

— Contenção de quê?

Ele não respondeu.

Apenas ativou o injetor.

— Vai doer.

— Ótimo. Era tudo o que eu precisava agora.

Ele aplicou o soro diretamente na região da mordida.

O líquido percorreu sob a pele como fogo líquido.

Ela arqueou o corpo.

Um gemido de dor escapou involuntariamente.

As veias vermelhas que começavam a emergir recuaram lentamente.

A respiração estabilizou.

Os olhos perderam o reflexo rubro.

Silêncio.

Ela encostou-se na parede.

— Quanto tempo isso dura?

Cassius guardou o frasco.

— Depende.

— Do quê?

Ele a encarou.

— De quanto você foi exposta.

Ela sustentou o olhar.

— E você?

Um segundo de pausa.

— O que tem eu?

— Você sabia exatamente o que procurar. Sabia o que aplicar. Sabia o que isso era.

O núcleo vermelho no peitoral dele pulsou uma vez.

— Já vi antes.

Ela estudou o rosto oculto pelo chapéu.

— Você está me dizendo tudo que sabe?

Ele respondeu sem hesitar:

— Não.

Silêncio.

Mas ela não recuou.

— Então me diga alguma coisa.

Ela respirou fundo.

— Eu ainda sou eu?

Cassius analisou os sinais vitais no visor.

Bioenergia estabilizada.

Mas ativa.

— Por enquanto sim.

Um som metálico ecoou novamente pelos dutos.

Mais pesado.

Mais consciente.

Cassius ergueu a lança.

— Ele sabe que eu apliquei o soro.

Seraphine engatilhou as novas pistolas de estaca.

— Ele?

Cassius encarou a escuridão à frente.

— Sim.

As luzes piscaram.

Mas dessa vez não foi breve.

Foi um pulso longo.

Vermelho.

O corredor inteiro foi tomado pela luz vermelha de emergência.

No fim do túnel, algo se ergueu.

Não rastejando.

Não contorcendo.

Erguendo-se.

A silhueta era mais alta que os Vitiati anteriores.

Mais estável.

Mais… consciente.

A coluna não estava completamente arqueada.

A cabeça inclinava-se apenas alguns graus à frente.

Os olhos.

Ambos vermelhos agora.

Sem instabilidade.

Fixos.

Reconhecendo.

— Paulus… — murmurou Seraphine.

— Achei que ele tinha morrido. — respondeu Cassius.

— Orion disse que havia.

— Merda, eu sei muito bem como essa porra vai acabar.

— Como?

— Um banho de sangue.

A criatura moveu o pescoço lentamente.

Um estalo seco ecoou.

Placas do uniforme técnico estavam fundidas ao tórax como armadura orgânica. A fissura no peito pulsava com luz irregular, mas mais intensa que a dos outros.

Ele não avançou de imediato.

Observava.

Cassius deu um passo à frente.

— Fique atrás.

Seraphine ergueu as pistolas de estaca.

Tentou travar a mira.

Mas o campo bioenergético ao redor da criatura distorcia levemente o ar.

— Eu não tenho linha de tiro limpa — disse ela.

Paulus inclinou a cabeça.

E desapareceu.

Não como teletransporte.

Velocidade.

Cassius reagiu no mesmo instante.

A lança de energia vermelha cortou o ar.

Impacto de energia contra carne endurecida.

O som foi agudo.

Paulus reapareceu à direita, deslizando pela parede.

Movimento impossível para um corpo humano.

Cassius girou, bloqueando um golpe descendente.

Garras parcialmente metálicas rasparam o eixo da lança.

Faíscas vermelhas e negras explodiram.

Seraphine tentou acompanhar.

Mirou.

Perdeu o alvo.

Ele era rápido demais.

Os dois vultos cruzavam o corredor em explosões de movimento.

Cassius avançou com um estocada direta.

A lâmina perfurou o ombro da criatura.

Mas Paulus agarrou o cabo da lança com força brutal.

Os olhos vermelhos fixos no rosto de Cassius.

Por um segundo—

Pareceu haver reconhecimento.

Então ele puxou.

Cassius soltou a lança antes de ser arrastado.

Girou o corpo e sacou uma lâmina de energia curta do sobretudo.

Golpe lateral.

Corte profundo na lateral do pescoço da criatura.

Fluido escuro espirrou contra a parede.

Mas não caiu.

Paulus atacou novamente.

Mais rápido.

Um impacto no peito de Cassius o lançou contra o metal do corredor.

A estrutura vibrou.

O núcleo vermelho da armadura oscilou violentamente.

Seraphine disparou.

Três estacas térmicas cruzaram o espaço.

A criatura desviou das duas primeiras.

A terceira raspou a lateral do crânio.

Explosão de calor.

Parte do rosto carbonizou.

Mas o olho vermelho permaneceu intacto.

Paulus avançou para ela.

Cassius interceptou.

Colidiu com a criatura no meio do salto.

Os dois atravessaram uma divisória lateral, destruindo o painel.

Cabos expostos cuspiram faíscas.

No interior da sala técnica, a luta tornou-se brutal.

Sem espaço.

Sem distância.

Punhos contra ossos.

Garras contra armadura.

Cassius segurou o braço da criatura enquanto ela tentava perfurar sua lateral.

Cedeu por um momento.

Os dedos de Paulus cravaram-se na lateral da armadura.

O metal cedeu parcialmente.

Alarmes internos dispararam.

Paulus abriu a boca.

A mandíbula deslocou levemente.

Não grotesca.

Mas errada.

Ele tentou morder o pescoço de Cassius.

Cassius girou o corpo e cravou uma estaca diretamente na fissura do peito da criatura.

Explosão de luz vermelha concentrada.
A criatura uivou.
Não de dor.
De raiva.
E contra-atacou.
As garras atravessaram a lateral da armadura de Cassius novamente.
Sangue.
Vermelho real.
Cassius recuou um passo.
Ferido.
A criatura também cambaleou.
Metade do tórax carbonizado.
Fluido escuro escorrendo.
Mas ainda de pé.
Os dois ficaram imóveis por um segundo.
Respirando.
Avaliando.
Predadores.
Seraphine observava, impotente.
— Cassius! — gritou.
A criatura avançou novamente.
Mas não para matar.
Para testar.
Cassius bloqueou, desviou, recuou.
Ambos já estavam mais lentos.
Feridos.
Mas nenhum disposto a cair primeiro.
Finalmente, Paulus recuou.
Não fugindo.
Recuando com cálculo.
Olhos fixos em Cassius.
Como se entendesse.
Como se reconhecesse algo nele.

Então—

Ele saltou para o teto.

Desapareceu nos dutos.

Silêncio.

Cassius ficou parado por alguns segundos.

Sangue escorrendo pela lateral da armadura.

O núcleo vermelho pulsando irregularmente.

Seraphine correu até ele.

— Você está perfurado.

— Superficial.

Não era.

Mas não era fatal.

Ela olhou para o buraco na lateral da armadura.

— Aquilo… não era como os outros.

— Não.

Cassius olhou para o teto.

— Ele está evoluindo.

Ela engoliu seco.

— E agora?

Cassius recolheu a lança caída.

A lâmina tremeluziu ao ser desativada.

— Agora saímos daqui.

Ela piscou.

— Fugir?

— Recuar.

Ele segurou o ferimento lateral.

— Precisamos tratar isso. E evacuar os outros enquanto ainda respiram.

Ele olhou para o caminho que levava de volta ao saguão.

— Se ainda estiverem respirando.

A luz vermelha continuava pulsando.

Mais lenta agora.

Como um coração irregular.

Cassius deu o primeiro passo de volta.
— Ele está nos testando.
Seraphine apertou as pistolas de estaca.
— E o que acontece quando ele parar de testar?
Cassius respondeu sem hesitar.
— Ele vem para terminar o serviço.
Eles seguiram pelo corredor danificado.
Sem saber que, no saguão principal—
algo já havia começado.

CAPÍTULO 3
EMBOSCADA

O corredor até o saguão estava silencioso demais.

Não havia mais arranhões nos dutos.

Não havia respiração nas paredes.

Havia… nada.

E isso era pior.

Cassius caminhava com o ferimento lateral selado temporariamente por espuma auto-coagulante. O sangue havia parado. A dor, não.

Seraphine mantinha as pistolas de estaca nas mãos agora.

Pesadas.

Quando se aproximaram da porta principal do saguão, Cassius fez um gesto com dois dedos.

Silêncio absoluto.

Ele abriu a porta manualmente.

Ela deslizou.

E o cheiro atingiu primeiro.

Sangue.

Muito.

A sala estava destruída.

Mesas viradas.

Painéis arrancados das paredes.

Cadeiras cravadas no teto.

Marcas profundas de impacto no metal estrutural.

Sangue espalhado em arcos largos.

Nas paredes.

No chão.

No teto.

Mas…

Nenhum corpo.

Seraphine entrou devagar.

Os olhos percorrendo o caos.

— Não… — sussurrou.

Cassius analisava o padrão.

Não era ataque de fuga.

Era emboscada.

Algo fechou o espaço.

Encurralou.

Quebrou resistência.

Marcas de arrasto conduziam a três direções diferentes.

Uma das paredes estava parcialmente esmagada de dentro para fora.

Como se alguém tivesse sido arremessado contra ela repetidamente.

O chão ainda estava quente em alguns pontos.

Bioenergia residual.

Alta.

Seraphine deu mais dois passos.

Pisou em algo metálico.

Olhou para baixo.

O crachá de Tavian.

Partido ao meio.

Ela engoliu seco.

— E você queria que eu não te seguisse.

A voz saiu quase como uma risada sem humor.

— Ainda acha que eu deveria ter ficado aqui esperando evacuação?

Cassius não respondeu de imediato.

Ele caminhou até o centro do saguão.

Ajoelhou-se.

Tocou o chão ensanguentado.

O sensor interno vibrou.

Múltiplas assinaturas.

Instáveis.

Sobrepostas.

— Eles não foram mortos aqui — disse ele.

Seraphine olhou para ele.

— O que isso significa?

Cassius ergueu-se lentamente.

— Significa que estão vivos... o suficiente para serem transformados.

Silêncio.

Algo pingou do teto.

Grosso.

Escuro.

Caiu no chão com um som viscoso.

Seraphine ergueu a arma instantaneamente.

Cassius não olhou para cima.

— Eles estão se reagrupando.

Como se respondesse ao comentário—

Um impacto ecoou no corredor à direita.

Outro à esquerda.

Metal sendo dobrado.

Portas sendo testadas.

O saguão começou a vibrar.

Luzes piscando em ritmo irregular.

Seraphine respirou fundo.

— Quantos você acha?

Cassius respondeu frio:

— Todos.

Um grito atravessou os corredores.

Não humano.

Não completamente.

Mas reconhecível o suficiente.

Eron.

Ou o que restava dele.

A parede lateral do saguão tremeu.

Uma fissura se abriu.

Uma mão emergiu.

Metade carne.

Metade metal.

Arranhando o metal estrutural.

Outra parede estremeceu.

A porta da ala médica foi arrancada para dentro com violência.

Lira surgiu primeiro.

Ou algo que usava o corpo dela.

Olhos completamente vermelhos.

Coluna deslocada.

Braço direito alongado e fundido a ferramentas metálicas.

Atrás dela—

Mira.

Sem o braço enfaixado.

O membro agora substituído por uma estrutura óssea metálica improvisada.

Tavian emergiu do teto.

Descendo de cabeça para baixo.
Movimentos espasmódicos.
Eron surgiu pelo corredor principal.
O rosto parcialmente arrancado.
Mas ainda consciente.
Cinco.
Todos deformados.
Todos vivos e mortos ao mesmo tempo.
Seraphine murmurou:
— Eles estavam esperando.
Cassius girou a lança na mão.
— Não.
Ele observou os cinco se posicionarem em arco.
Cercando.
— Estão sendo controlados.
No centro da formação—
a energia do saguão mudou.
O ar ficou mais denso.
O teto rangeu.
E então—
Paulus caiu no meio do círculo.
Mais estável agora.
O buraco no peito parcialmente regenerado.
O rosto queimado começando a se reconstruir sob tecido escurecido.
Ele não atacou.
Observou.
Os outros começaram a se mover.
Lentamente.
Sincronizados.
Seraphine engatilhou as pistolas de estacas.
— Isso é ruim.
Cassius deu um passo à frente.
— Sim.

O primeiro a se mover foi Tavian.

Ele desceu do teto como um animal invertido, braços e pernas dobrando em ângulos errados. A boca aberta demais. O som que saiu não era grito.

Era estática orgânica.

Cassius girou a lança em arco vertical.

A lâmina de energia vermelha cortou o ar e atingiu Tavian no torso.

O impacto o lançou contra a parede.

Mas antes que o corpo caísse—

Lira já estava avançando pelo chão.

Rastejando.

O braço fundido a ferramentas metálicas girando como uma lâmina improvisada.

Seraphine disparou duas estacas.

Uma atravessou o ombro.

A outra prendeu a perna ao chão.

Ela não caiu.

Arrastou-se mesmo assim.

Cassius recuou meio passo.

— Não perca eles de vista!

Eron surgiu pelo flanco esquerdo.

Metade do rosto exposto.

Mandíbula deslocada.

Ele avançava rápido demais para aquele espaço.

Cassius interceptou com o cabo da lança, bloqueando o golpe e girando o corpo.

Impacto.

Costelas quebrando.

Mas Eron agarrou o braço da armadura e tentou acertar o rosto de Cassius.

Seraphine disparou à queima-roupa.

A estaca entrou pelo ouvido.

Explosão térmica.

Eron caiu.

Não morto.

Tremendo.

Se reorganizando.

Mira veio logo depois.

O braço metálico improvisado perfurou o metal do corredor ao errar Cassius por centímetros.

Faíscas.

Cabos expostos.

O corredor começou a se encher de fumaça.

— Eles estão nos cercando! — gritou Seraphine.

Paulus ainda não havia se movido.

Estava no centro do arco.

Observando.

Calculando.

Cassius percebeu.

— Ele está sincronizando.

Como se respondesse—

Os quatro atacaram juntos.

Tavian pelo teto.

Lira pelo chão.

Eron pelo flanco.

Mira frontalmente.

Cassius mergulhou para frente e usou o impulso para girar o corpo, derrubando Lira e cortando a perna de Tavian no mesmo movimento.

Seraphine deslizou lateralmente, disparando duas estacas que atravessaram o torso de Eron e o fixaram na parede.

Mas Mira atravessou o espaço e colidiu com Seraphine.

As duas rolaram pelo chão.

Seraphine disparou uma estaca para cima.

A munição atravessou o ombro da criatura.

Uma explosão separou o braço do tronco.

Ela caiu para um lado.

O braço caiu para o outro.

Mas os dedos ainda se moviam.

Cassius bloqueou um golpe descendente de Tavian.

A criatura estava mais forte agora.

Mais estável.

Paulus deu o primeiro passo.

O chão vibrou levemente.

Ele não correu.

Apenas caminhou.

Os outros responderam.

A coordenação tornou-se perfeita.

Ataque em ondas.

Alternados.

Testando resistência.

Cassius estava sangrando pela lateral da armadura agora.

Pequenos cortes acumulados.

Seraphine respirava pesado.

Disparando.

Recuando.

Disparando.

A munição de estaca começava a diminuir.

Paulus finalmente avançou.

Velocidade absurda.

Ele atravessou o corredor e colidiu com Cassius.

Os dois foram lançados contra a parede oposta.

O impacto rachou o metal estrutural.

A lança foi quase arrancada da mão de Cassius.

Paulus golpeou com força brutal.

As garras rasparam sua face.

Cassius bloqueou com o antebraço e cravou uma estaca diretamente na fissura do peito do Alfa.

Explosão vermelha.

Paulus não recuou.

Apenas agarrou a estaca e a arrancou do próprio corpo.

Fluido escuro espalhou-se pelo chão.

Seraphine tentou mirar.

Não conseguia linha limpa.

Os outros quatro já estavam de pé novamente.

Mesmo perfurados.

Mesmo carbonizados.

Voltando.

— Cassius! Merda!

Mira atravessou o espaço lateral.

Cassius girou tarde demais.

O braço restante dela atravessou o ombro da armadura.

Perfuração superficial.

Mas suficiente.

Ele chutou o torso dela para longe.

Seraphine disparou duas estacas simultâneas.

Uma cravou o crânio.

Outra o peito.

Mira finalmente caiu.

Imóvel.

Mas Lira já estava se levantando novamente.

Paulus ergueu o braço.

E todos atacaram ao mesmo tempo.

Cassius percebeu tarde demais que não era um ataque aleatório.

Era compressão.

Eles estavam sendo empurrados para trás.

Passo a passo.

Em direção a um setor mais estreito.

Um funil.

Seraphine disparou as últimas duas estacas do carregador principal.

E então—

O braço metálico de Mira ainda vivo, separado do corpo, disparou pelo chão como um projétil e atravessou o abdômen de Seraphine.

O som foi seco.

Ela congelou.

Os olhos arregalados.

O sangue escorrendo sob o sobretudo.

O tempo pareceu parar.

Paulus inclinou levemente a cabeça.

Observando a reação de Cassius.

Seraphine caiu de joelhos.

A respiração falhou.

Cassius sentiu algo diferente naquele momento.

Não medo.

Raiva controlada.

Ele atravessou Lira com a lança, arremessou Tavian contra a parede e disparou uma estaca no rosto de Eron sem mirar.

Agarrou Seraphine com o braço livre.

— Vamos!

Ela tentou falar.

Sangue nos lábios.

Paulus avançou novamente.

Mais rápido.

Cassius não tinha como sustentar aquele cerco.

Ele analisou o corredor lateral.

Uma escotilha semi-aberta.

Setor secundário.

Ele chutou o painel de emergência.

A porta começou a fechar lentamente.

Com o último esforço, ele arrastou Seraphine pelo chão ensanguentado.

Tavian saltou.

As garras quase alcançaram a perna dela.

A porta esmagou seu braço ao fechar.

O metal travou.

Silêncio.

Impactos imediatos do outro lado.

Fortes.

Coordenados.

Seraphine finalmente conseguiu falar.

— C-continua até o fim do corredor... — disse cuspindo sangue — Depois direita...

Cassius ignorou a dor de seus ferimentos e acelerou o passo enquanto arrastava Seraphine.

Seguiu as instruções de Seraphine e chegou a algo que parecia uma sala administrativa da ala médica.

Arrastou Seraphine para dentro.

Esmagou o botão de emergência na parede metálica e a porta se selou atrás deles.

Cassius então encostou Seraphine na parede.

O sangue continuava fluindo.

E lá fora—

Barulho de metal sendo rasgado.

Passos se arrastando.

Cassius pôde sentir o momento exato que Paulus os encontrou.

Agora os impactos do outro lado da porta eram rítmicos.

Não caóticos.

Coordenados.

Paulus não estava tentando entrar.

Estava testando resistência.

Calculando tempo.

Seraphine respirava com dificuldade. O ferimento no abdômen era profundo demais para contenção comum. Sangue escorria pelo chão metálico da pequena sala.

Cassius ajoelhou-se ao lado dela.

Sem hesitar.

Abriu o sobretudo.

O interior parecia um arsenal portátil.

Frascos selados.

Instrumentos cirúrgicos compactos.

Munição especializada.

Sistemas de campo improvisados.

Ele retirou um cilindro diferente dos anteriores.

O líquido dentro era mais claro.

Amarelado.

Vivo.

Seraphine viu.

— Não… — sussurrou. — O que é isso?

— É a única forma.

— Eu posso sentir... — murmurou. — Isso vai me transformar.

— Parcialmente.

Ele ativou o injetor.

— Confie.

Ela segurou o braço dele com força.

— Se eu perder o controle—

— Eu paro você.

Sem hesitação na voz.

Ele aplicou o Soro de Ativação diretamente na ferida.

O efeito foi imediato.

O corpo dela arqueou violentamente.

As veias sob a pele iluminaram-se em vermelho intenso.

O sangue começou a coagular rápido demais.

A carne reorganizou-se.

Fechando.

Selando.

Regenerando.

Os olhos dela mudaram.

A íris escureceu.

O vermelho surgiu por trás.

Os caninos começaram a crescer.

A respiração tornou-se irregular.

Predatória.

Ela o encarou.

Mas não como antes.

— Eu… consigo sentir eles.

A voz estava diferente.

Mais profunda.

Mais lenta.

Cassius segurou o rosto dela com firmeza.

— Fique comigo.

Do outro lado da porta, algo raspou o metal com lentidão deliberada.

Seraphine segurou o pulso dele.

A força aumentava.

— Eu sinto… a fome.

Ele retirou o segundo frasco.

Vermelho brilhante.

Mais denso.

— Olhe para mim.

Ela tentou.

Os olhos vermelhos quase completos agora.

— Eu estou aqui.

Ele aplicou o Soro de Contenção no pescoço dela.

O efeito foi como uma onda fria.

As veias luminosas começaram a recuar.

A respiração estabilizou.

Os caninos retraíram lentamente.

O vermelho nos olhos apagou-se.

Ela caiu para trás, exausta.

O ferimento estava fechado.

Uma cicatriz irregular marcava o abdômen.

Mas não havia mais sangramento.

— Há uns minutos atrás eles estavam normais — disse ofegante.

— A transformação é bem rápida perto de um alfa. — continuou. — Precisamos terminar isso logo.

— Já enfrentei aliens antes, mas nunca amigos transformados em aliens.

Tentou sorrir, porém a dor dominou sua expressão.

Cassius vasculhou seu sobretudo e sacou dois injetores com um líquido azul.

— Droga, eu já tô cansada dessa merda.

— Esse é um estimulante — respondeu. — Vai fazer você esquecer a dor, mas vai cobrar o preço no futuro.

Cassius injetou um deles diretamente no pescoço de Seraphine.

Euforia explodiu dentro dela.

Se debateu por um momento.

Então a dor sumiu.

Sua respiração desacelerou.

Cassius então injetou o outro em seu próprio pescoço.

Nenhuma reação.

Seraphine jurou ver uma luz vermelha tomar os olhos de Cassius.

Mas buscou afastar a sensação.

Silêncio pesado.

Os impactos na porta cessaram por um momento.

Como se escutassem.

Ela virou o rosto para Cassius.

— O que… são eles?

Ele permaneceu ajoelhado.

Por um segundo, a voz dele perdeu a dureza.

— Umbrae Nobilis.

Ela franziu a testa.

— Criaturas antigas. Alienígenas. Mais antigas que a expansão imperial. Predadores de bioenergia.

Ele olhou para a porta entortada.

— Eles não consomem carne para se alimentar. Consomem energia vital. Em humanos… energia diretamente do sangue.

Ela fechou os olhos por um instante.

— E essas coisas... os transformados?

— Vitiati. Estágios intermediários. Hospedeiros alterados. Carne adaptando-se à nova frequência.

— E Paulus?

— Alfa.

Ele se levantou devagar.

— O primeiro estágio estável. Ele comanda os outros.

A porta vibrou novamente.

Mais forte.

— E... acima dele?

Cassius ficou em silêncio por um segundo.

— Um Noctyrr.

Ela abriu os olhos.

— Orion.

Ele não confirmou.

Mas não precisou.

— O Noctyrr mantém controle sobre o Alfa. O Alfa mantém controle sobre os Vitiati.

Ela respirou fundo.

— Então temos que cortar a cadeia.

— Se eliminarmos o Alfa os transformados param de se regenerar.

Ele pegou a lança novamente.

— Depois derrubamos o Noctyrr e tudo acaba.

Ela se levantou devagar.

Testou o abdômen.

Sem dor.

Sem fraqueza.

— E se ele estiver esperando que façamos isso?

Cassius ativou o núcleo da lança.

A lâmina vermelha brilhou novamente.

— Ele está. Não é a primeira vez que ele cria um alfa.

— Como você sabe?

— Eu só sei.

A porta finalmente cedeu um centímetro.

Uma fresta.

Um olho vermelho apareceu do outro lado.

Paulus.

Observando.

Seraphine pegou as pistolas de estaca.

Desta vez com firmeza diferente.

Mais fria.

Mais consciente.

— Primeiro o Alfa.

Cassius posicionou-se diante da porta.

— Depois o Noctyrr.

CAPÍTULO 4
ATAQUE DOS VITIATI

O metal começou a rasgar.

E a sombra de Paulus atravessou a fresta.

A porta não explodiu.

Ela cedeu.

Lentamente.

O metal entortou para dentro com um som grave, profundo, como se a própria estrutura da estação estivesse respirando com dificuldade.

A primeira fissura real abriu-se na altura do peito.

Uma mão atravessou o rasgo.

Não humana.

Não totalmente.

Dedos alongados.

Unhas escurecidas e metálicas.

Carne fundida a fragmentos do uniforme técnico.

Cassius já estava preparado.

Lança ativada.

Luz vermelha refletindo nas paredes estreitas da ala médica secundária.

Seraphine ao lado dele.

Pistolas de estaca erguidas.

Respiração controlada.

O segundo impacto foi mais forte.

A porta rasgou-se em dois pontos.

Um Vitiati entrou arrastando-se pelo chão.

Metade do rosto ausente.

Olhos completamente vermelhos.

A fissura no peito pulsando irregularmente.

Atrás dele, outro.

Este mais íntegro.

Mais estável.

Eles não atacaram imediatamente.

Ficaram ali.

Avaliando.

E então—

Paulus apareceu na abertura finalmente.

Mais alto que os outros.

Mais alinhado.

A postura quase ereta agora.

O buraco no peito parcialmente fechado por tecido escuro regenerado.

Os olhos vermelhos não vacilavam.

Não havia espasmo.

Havia cálculo.

Ele olhou primeiro para Seraphine.

A cabeça inclinou-se levemente.

Como reconhecimento.

O soro ainda vibrava sob a pele dela.

Ele sentia.

Cassius deu um passo à frente.

Bloqueando a linha direta entre eles.

— Vamos — murmurou. — Dessa vez eu vou acabar com você.

O primeiro Vitiati avançou.

Rápido.

Cassius interceptou com um movimento preciso.

A lança atravessou o torso da criatura e a fixou contra o armário médico atrás.

Explosão curta de energia vermelha.

O núcleo torácico entrou em colapso.

Desta vez—

Ele não se levantou.

Seraphine disparou imediatamente contra o segundo.

Uma estaca atingiu o ombro.

A segunda perfurou diretamente a fissura do peito.

O corpo tremulou.

Convulsionou.

E então ficou imóvel.

Silêncio breve.

Paulus observava.

Sem mover um músculo.

Os outros Vitiati começaram a se acumular atrás dele.

Sombras distorcidas no corredor.

Ele deu um único passo à frente em direção da abertura da porta.

A energia na sala mudou.

Não como antes.

Mais focada.

Direcionada.

Ele não atacou.

Levantou o braço lentamente.

Os Vitiati remanescentes começaram a se mover em sequência.

Um de cada vez.

Não juntos.

Alternados.

Testando.

Cassius entendeu no mesmo instante.

— Ele está medindo nossa força.

O terceiro Vitiati avançou pelo flanco direito.

Seraphine disparou.

Acertou a perna.

A criatura caiu.

Mas outro já vinha pelo teto.

Cassius girou a lança, bloqueou o impacto descendente e empurrou a criatura contra a parede.

Estaca direta no crânio.

Paulus ainda imóvel.

Observando.

Aprendendo.

Os Vitiati não avançavam mais em impulso cego.

Esperavam microaberturas.

Pressionavam.

Recuavam.

A porta já não existia.

O corredor atrás deles estava tomado por sombras em movimento.

Seraphine recuou meio passo.

— Ele está mudando o padrão.

Cassius manteve a postura.

— Sim.

Paulus inclinou levemente a cabeça novamente.

E, pela primeira vez—

Sorriso.

Não humano.

Mas consciente.

Ele deu mais um passo.

— Merda — disse Cassius. — Ele está quase evoluindo.

— Caralho, evoluindo para o quê? — perguntou Seraphine.

Cassius não respondeu.

Paulus finalmente entrou.

Sem pressa.

O metal sob seus pés rangeu levemente, como se a própria estação reconhecesse peso diferente.

Ele não atacou.

Levantou o braço.

Dois Vitiati avançaram simultaneamente.

Não colidiram.

Não se atrapalharam.

Um alto.

Outro rastejando.

Cassius bloqueou o primeiro golpe com a lança e girou o corpo, usando o impulso para lançar a criatura contra o teto.

Antes que ela caísse—

Seraphine disparou uma estaca na fissura torácica.

Explosão.

Imóvel.

O segundo Vitiatus aproveitou o microssegundo de foco deslocado.

Saltou sobre Seraphine.

Ela rolou para trás, disparando duas vezes.

A primeira atravessou o maxilar.

A segunda prendeu o ombro à parede.

Ele continuou se arrastando.

Cassius atravessou o crânio com a lança.

Respiração pesada.

Silêncio breve.

Paulus observava.

Calculando o tempo entre ataques.

Calculando recarga.

Calculando deslocamento.

Ele fez um gesto quase imperceptível com a mão.

E o padrão mudou.

Agora vinham em ondas curtas.

Um atacava.

Recuava.

Outro surgia imediatamente.

Sem pausa suficiente para reorganização.

Sem erro de sincronização.

Cassius começou a perceber.

— Ele está nos empurrando.

Seraphine disparou contra o flanco esquerdo.

Um Vitiati caiu.

Mas outro já ocupava o espaço.

Eles estavam sendo forçados a recuar passo a passo.

A ala médica era pequena demais.

Equipamentos foram esmagados contra as paredes.

Macas viraram escudos improvisados.

Cabos arrancados chicoteavam o ar com faíscas.

Um Vitiati conseguiu agarrar a perna de Cassius.

Força absurda.

Cassius desceu a lança verticalmente.

Atravessando o braço da criatura.

Mas outro já estava nas costas dele.

Seraphine disparou no último segundo.

A estaca atravessou o olho da criatura e explodiu calor contra a face de Cassius.

Ele não agradeceu.

Não havia tempo.

Paulus ainda não atacava diretamente.

Ele apenas diminuía o espaço.

Reduzia ângulo.

Reduzia mobilidade.

Reduzia opções.

— Ele quer nos tirar daqui — disse Seraphine entre disparos.

Cassius empurrou um armário contra o corredor lateral.

— Não. Ele quer que a gente saía por onde ele escolheu.

Mais dois Vitiati avançaram juntos.

Dessa vez em sincronia perfeita.

Um alto bloqueou a linha de visão de Seraphine.

O outro deslizou pelo chão e quase alcançou o tornozelo dela.

Cassius lançou a lança como projétil.

A lâmina atravessou ambos.

Fixando os dois contra a parede oposta.

Ele puxou a arma de volta com a força magnética de seus implantes nas mãos.

Silêncio momentâneo.

Restava apenas um Vitiati funcional além de Paulus.

Mas os outros já demonstravam sinais de regeneração.

Então o último atacou com ferocidade animal.

Sem coordenação.

Paulus não interferiu.

Observava o desempenho.

Seraphine disparou uma estaca precisa na fissura do peito.

A criatura caiu.

Imóvel.
Agora restava apenas ele.
A sala estava devastada.
Fumaça.
Cabos expostos.
Sangue espalhado.
Cassius respirava mais pesado agora.
A lateral da armadura ainda comprometida.
Movimentos um pouco mais lentos.
Seraphine estava suando frio.
Munições quase no fim.
Olhos atentos demais.
Paulus deu mais um passo.
O espaço entre eles diminuiu.
Ele não precisava mais dos outros.
Ele já havia aprendido o suficiente.
A lâmina da lança refletiu nos olhos vermelhos do Alfa.
E, pela primeira vez—
Ele atacou com intenção de matar.

CAPÍTULO 5
O ALFA E O OMEGA

Paulus não correu.

Ele desapareceu.

Um deslocamento curto demais para ser humano.

Cassius reagiu por instinto.

A lança subiu em arco defensivo.

Impacto.

As garras do Alfa colidiram com a lâmina vermelha e a sala inteira vibrou com o choque.

Não era força bruta descontrolada.

Era força direcionada.

Paulus girou o corpo e tentou entrar pela lateral aberta da armadura de Cassius.

Precisamente onde já havia dano.

Cassius bloqueou com o antebraço, mas as garras atravessaram a camada externa do metal e rasparam carne.

Sangue.

Vermelho real.

Seraphine disparou.

Uma estaca atravessou o ombro de Paulus.

Explosão térmica.

A criatura não recuou.

Apenas girou o tronco no momento do impacto, reduzindo dano crítico.

Cassius tentou estocar direto na fissura torácica.

Paulus agarrou o cabo da lança com a mão nua.

O calor deveria ter queimado.

Não queimou o suficiente.

Os olhos vermelhos fixos nos olhos de Cassius.

Por um segundo—

Reconhecimento.

Então ele agarrou a lâmina com força brutal e lançou o homem.

Cassius voou contra o painel médico.

Metal esmagando contra a armadura.

O núcleo vermelho no peitoral oscilou.

Seraphine avançou dois passos.

Disparou duas estacas rápidas na fissura do peito.

Uma acertou.

A outra raspou.

Paulus cambaleou meio segundo.

Foi o suficiente para Cassius se levantar, quase sem ar.

Recuperar a lança e realizar um golpe giratório com violência.

Corte diagonal.

A lâmina abriu o tórax do Alfa.

Fluido escuro espalhou-se pelo chão.

Mas a carne começou a se reorganizar quase imediatamente.

Mais lenta que antes.

Mas regenerando.

Paulus recuou três passos.

E mudou o padrão.

Ele não atacou frontalmente.

Deslocou-se lateralmente e avançou em direção a Seraphine.

Cassius interceptou.

Mas não rápido o suficiente.

As garras do Alfa passaram por baixo da lança e atingiram o ombro dela.

Rasgo profundo.

Ela disparou à queima-roupa.

A estaca atravessou o maxilar de Paulus.

Explosão.

Ele recuou um passo.

Mas não caiu.

Cassius percebeu o objetivo, queria separa-los.

Paulus forçou Cassius para a esquerda.

Empurrou Seraphine para a direita.

Criando dois focos distintos.

O espaço da ala médica era pequeno demais para manter a linha cruzada de combate.

— Cuidado! — gritou Cassius.

Tarde demais.

Paulus avançou com velocidade absurda e colidiu com Seraphine, que deslizou pelo chão até bater na parede oposta.

Antes que Cassius pudesse realizar qualquer movimento, o alfa se deslocou com velocidade brutal em sua direção.

Os dois atravessaram a parede lateral da ala médica.

Metal rasgando.

Cabos estourando.

Faíscas iluminando o corredor adjacente.

Seraphine ficou momentaneamente isolada.

Paulus tentou cravar as garras no pescoço de Cassius.

A mandíbula deslocou levemente.

Não grotesca.

Mas pronta para morder.

Cassius segurou o rosto da criatura com a mão livre.

Força romana contra força alien.

A diferença era pequena demais.

Seraphine saiu da ala médica e correu pelo corredor lateral.

Disparou uma estaca precisa.

A munição atravessou o ombro do Alfa e o prendeu momentaneamente ao chão metálico.

Cassius aproveitou o instante.

Cravou a lança diretamente na fissura torácica.

Profundo.

Muito mais profundo que antes.

Paulus soltou um som que não era grito.

Era como vibração.

A energia na sala mudou.

As luzes piscaram violentamente.

Mas, em vez de cair—

Ele agarrou o cabo da lança e puxou Cassius junto.

Então garras atravessaram a lateral já danificada da armadura.

Ferimento sério.

Cassius chutou o alfa para longe e se levantou.

Recuou meio passo.

Sangue escorrendo.

Respiração pesada.

Paulus libertou-se da estaca cravada no ombro.

A regeneração estava mais lenta.

Mas ainda ativa.

Ele inclinou a cabeça.

Observando o ferimento aberto na lateral de Cassius.

E então—

Sorriu novamente.

Seraphine percebeu.

— Ele continua nós levando para onde ele quer.

Cassius analisou rapidamente o corredor destruído.

A ala médica estava comprometida.

Fogo começava a se espalhar.

Oxigênio vazando.

Paulus avançou novamente.

Não para finalizar.

Não ainda.

Mas para empurrar eles dali.

Direcionando o combate para o corredor principal.

Cassius bloqueou, girou, contra-atacou.

Mas cada movimento os deslocava alguns centímetros na direção que o Alfa queria.

Ele estava conduzindo a luta.

E aprendendo a cada segundo.

Cassius percebeu.

Eles não venceriam tão facilmente ali.

Paulus avançou mais uma vez.

E finalmente conseguiu lançar Cassius para o corredor principal.

E o corredor tornou-se estreito demais para dois predadores.

Cassius se recuperou do impacto e se levantou já com a lança em posição de defesa. Seraphine veio correndo logo atrás, respiração controlada, pistolas erguidas.

O ar estava mais quente ali.

Cheiro de metal queimado.

Energia residual saturando o ambiente.

Paulus não atacou imediatamente.

Se moveu para o centro do corredor.

Esperando.

Seraphine olhou rapidamente para trás.

A ala médica estava vazia.

Os Corpos… não estavam mais lá.

Ela travou por meio segundo.

— Cassius…

Ele não respondeu.

Ela girou o corpo, analisando o corredor oposto.

Sombras se moviam.

Múltiplas.

Passos arrastados.

Respiração irregular.

Então ela entendeu.

— Eles se levantaram.

Cassius ajustou a empunhadura da lança.

— Sim. Eu percebi.

O som veio dos dois lados agora.

Sincronizado.

Os Vitiati surgiram pelas extremidades do corredor.

Não mais em ondas.

Em bloqueio.

Um grupo de um lado.

Outro do outro lado.

Todos parcialmente regenerados.

Ferimentos ainda visíveis.
Mas funcionais.
Olhos vermelhos.
Fixos.
Esperando comando.
Seraphine murmurou:
— Ele nos trouxe pra cá…
Cassius completou:
— Emboscada, de novo...
Paulus deu um passo à frente.
Sempre mantendo uma distância perfeita entre os dois grupos.
Controle absoluto do espaço.
Sem pressa.
Sem erro.
O plano estava completo.
Seraphine apertou as pistolas de estaca.
— Não tem mais saída lateral.
Cassius analisou rapidamente.
Corredor longo.
Sem aberturas.
Sem rotas de fuga.
A única direção possível—
Através. Em frente.
— Então abrimos uma — disse ele.
Os Vitiati começaram a avançar lentamente pelos dois lados.
Não atacavam ainda.
Apenas fechavam o espaço.
Respiração pesada.
Metal rangendo sob o peso de suas garras.
Paulus inclinou levemente a cabeça.
Observando os dois.
Esperando a reação.

Seraphine deu meio passo para trás.

Instinto.

Cassius não recuou.

— Não olha pra trás — disse ele.

Ela travou o olhar à frente.

Um leve sorriso.

— Falar é fácil.

Paulus moveu o braço.

E o cerco fechou.

Os Vitiati avançaram simultaneamente.

Frente e retaguarda.

Empurrando os dois para o centro.

Cassius explodiu em movimento.

Avançou direto para o Alfa.

A lança descreveu um arco brutal, abrindo espaço inicial.

Seraphine girou o corpo e disparou para trás.

Duas estacas prenderam um Vitiati contra a parede.

Outra atravessou o joelho de um segundo.

Mas eles não paravam.

Cassius colidiu com Paulus no centro do corredor.

Impacto seco.

Força contra força.

As garras do Alfa rasgaram o ar em direção ao rosto de Cassius.

Cassius bloqueou e girou o corpo, cravando a lâmina na lateral do tórax.

Mais profundo.

Mais preciso.

Paulus respondeu com violência.

Um golpe lateral atravessou a proteção do ombro de Cassius.

Metal cedeu.

Sangue escorreu.
Mas Cassius não recuou.
Não podia.
Atrás dele—
Seraphine lutava contra dois ao mesmo tempo.
Disparos precisos.
Movimento controlado.
Mas pressionada.
Sempre pressionada.
— Cassius! Rápido! — gritou ela.
Ele não respondeu.
Toda atenção estava no Alfa.
Paulus atacava em padrões agora.
Não aleatórios.
Sequências.
Teste.
Correção.
Execução.
Cassius começou a antecipar.
Bloqueio.
Desvio.
Contra-ataque.
A lança entrou novamente na fissura torácica.
Explosão vermelha.
Dessa vez—
Paulus recuou dois passos.
Regeneração mais lenta.
Muito mais lenta.
Cassius percebeu.
— Ele está enfraquecendo.
Seraphine respondeu entre disparos:
— Então termina isso! Não sei quanto tempo consigo segurar eles.
Um Vitiati avançou por trás.

Cassius girou e o golpeou sem olhar.
A lança atravessou o crânio.
Mas outro já ocupava o espaço.
O corredor estava saturado.
Não havia mais tempo para controle fino.
A luta virou visceral.
Cassius avançou com tudo.
Ignorando defesa parcial.
A lança descreveu uma sequência brutal de golpes.
Um, dois, três—
Todos direcionados ao núcleo.
Paulus bloqueou dois.
O terceiro entrou.
Profundo.
Direto na fissura.
A criatura travou.
Por meio segundo.
Seraphine viu a abertura.
— Agora!
Ela disparou duas estacas sincronizadas.
Ambas atingiram o núcleo no peito do Alfa.
Paulus tentou avançar.
Não conseguiu completamente.
Movimento reduzido.
Instável.
Cassius deu o último passo.
Encostou o corpo no do Alfa.
A lâmina da lança já cravada profundamente.
O núcleo vermelho da armadura começou a pulsar com mais intensidade.
— Você é o Alfa e eu sou Ômega. Você foi o início e eu fui o fim.
Paulus abriu a boca.

A mandíbula deslocou completamente de forma inumana.

Como se tentasse responder.

Ou morder.

Cassius ativou a descarga total.

Explosão concentrada.

Luz vermelha intensa.

O núcleo do Alfa entrou em colapso.

O corpo convulsionou violentamente.

As veias negras pulsaram uma última vez.

E então—

Implodiram.

Não para fora.

Para dentro.

A estrutura do corpo colapsou sobre si mesma.

Carne afundando.

Metal retorcendo.

Silêncio.

Imediato.

Os Vitiati ao redor pararam.

Todos.

Como se um comando tivesse sido desligado.

Alguns caíram instantaneamente.

Outros começaram a se mover de forma errática.

Descoordenada.

Sem padrão.

Sem liderança.

Seraphine respirava pesado.

Ainda com a arma erguida.

— Funcionou…

Cassius puxou a lança do corpo colapsado.

— Sim.

Ele olhou para o corredor agora caótico.

Criaturas se chocando entre si.

Algumas tentando fugir.
Outras apenas tremendo e caindo.
— Agora ele está sozinho.
Seraphine entendeu.
— Orion.
Cassius virou-se para a direção da torre.
A luz vermelha continuava pulsando ao longe.
Mas diferente agora.
Mais instável.
— Agora começa a parte difícil.
Seraphine sorriu ofegante.
— Merda, essa foi a parte fácil?
Ele deu o primeiro passo.
O silêncio parecia ainda mais sinistro.

CAPÍTULO 6
SUBIDA À TORRE

O silêncio depois da morte de Paulus não era paz.

Era vazio.

Os Vitiati restantes se dispersavam pelos corredores como ecos sem direção. Alguns colidiam contra paredes. Outros apenas… paravam.

Desligados.

A estação respirava de forma irregular agora.

Luzes vermelhas pulsando em intervalos errados.

O farol ainda ativo.

Mas doente.

Cassius encostou a lança no chão por um instante.

Não como descanso.

Como cálculo.

Seraphine apoiou-se na parede lateral.

O efeito do estimulante ainda corria nas veias.

Mas agora — a fadiga começava a cobrar.

— Temos… quanto tempo? — perguntou ela.

Cassius abriu o sobretudo novamente.

Dessa vez com menos urgência.

Mais método.

— O suficiente.

Ele retirou dois aplicadores.

Espuma auto-coagulante.

Selantes dérmicos.

Injetores menores.

Ajoelhou-se.

— Fica parada.

— Eu estou parada.

— Mais parada.

Ela soltou uma leve risada.

— Difícil depois de tudo isso.

Ele pressionou a espuma sobre o ferimento no abdômen dela novamente.

Mesmo cicatrizado pelo soro, a estrutura interna ainda precisava estabilização.

A espuma expandiu.

Selou.

Travou micro ferimentos internos.

Ela respirou fundo.

— Isso ajuda mesmo.

— Quando a adrenalina passar... não vai ajudar mais.

Ele não explicou mais.

Seraphine observou enquanto ele aplicava um selante no próprio ferimento lateral.

Sem reação.

Sem hesitação.

— Você não sente dor? — perguntou ela.

— Sinto.

— Então você ignora?

Ele terminou a aplicação.
— Eu administro a dor.
Silêncio.
Ela estudou o rosto parcialmente oculto dele.
— O que você falou… na hora que matou ele?
Cassius não respondeu imediatamente.
Guardou o aplicador.
Travou o sobretudo.
— Nada importante.
— Você disse alguma coisa sobre Alfa… e Ômega.
Ele ficou em silêncio por um segundo.
Depois:
— Ele era o começo.
Ela franziu a testa.
— E você?
O núcleo vermelho no peitoral pulsou uma vez.
— Eu sou o fim.
Ela sustentou o olhar.
Não havia arrogância na resposta.
Apenas… constatação.
Seraphine desviou o olhar.
Respirou fundo.
— Você disse antes que já tinha enfrentado isso.
— Sim.
— Onde?
Ele não respondeu.
Então devolveu:
— Você também disse que já tinha enfrentado aliens antes.
Ela soltou um leve riso nasal.
— É.
Silêncio curto.
— Bem antes de ser segurança da estação.
Ele não disse nada.

Esperando.

— Eu era um tipo de... mercenária.

O som distante da estação rangendo acompanhou a frase.

— Contratos em zonas de guerra. Planetas fora de rota. Lugares onde ninguém fazia perguntas.

Ela olhou para as próprias mãos.

— Já vi coisa estranha antes. Criaturas, sim. Mas… nada assim.

Pausa.

— Perdi alguém lá.

A voz mudou.

Mais baixa.

Mais contida.

— Alguém importante.

Cassius não interrompeu.

— Depois disso, eu parei.

Ela deu de ombros.

— Resolvi escolher algo mais… tranquilo.

Olhou ao redor.

Corredor destruído.

Sangue seco.

Luzes vermelhas pulsando.

Ela soltou uma risada curta.

— Não era exatamente esse tipo de tranquilidade que eu esperava.

Cassius respondeu seco:

— Parece que você escolheu mal.

Ela olhou pra ele.

Um leve sorriso agora.

Real.

— É… parece que sim.

Silêncio.

Mas não desconfortável.

Diferente.
Mais humano.
Por alguns segundos.
Então—
Seraphine levou a mão à cabeça.
A visão oscilou.
Cassius percebeu na hora.
— De novo.
Ela apertou os olhos.
— Não… não é dor.
Respiração acelerou.
— Eu consigo… sentir.
O núcleo da estação.
Chamando.
Puxando.
— É a torre — disse ela.
Cassius ficou imóvel.
— Eu sei onde ele está.
Os olhos dela oscilaram levemente.
Um traço sutil de vermelho surgiu.
E desapareceu.
— Ele está… me chamando.
Silêncio pesado.
Cassius pegou um pequeno frasco.
Mas não aplicou.
Ainda não.
— Isso vai piorar.
— Eu sei.
Ela respirou fundo.
Se recompôs.
— Então vamos logo.
Ele a observou por um segundo.
Avaliando.
Não o corpo.

A mente.

— Você ainda está no controle?

Ela sustentou o olhar.

— Por enquanto.

O núcleo vermelho no peitoral dele pulsou novamente.

— Então anda.

Cassius pegou a lança.

Ativou.

A luz vermelha voltou a cortar o corredor.

Seraphine sacou as pistolas de estaca.

Desta vez—

Sem hesitação.

Sem tremor.

Eles começaram a caminhar.

Direção:

Torre central.

Enquanto avançavam—

A gravidade oscilou levemente.

Quase imperceptível.

As luzes falharam.

Por um segundo—

Tudo ficou escuro.

E no escuro—

Algo sussurrou.

Não nos ouvidos.

Na mente.

Quando a luz voltou—

Seraphine estava olhando direto para a torre.

Sem piscar.

— Ele sabe que estamos vindo.

Cassius respondeu:

— Ótimo.

Eles continuaram.

E a estação…
parecia se dobrar levemente ao redor deles.

O primeiro degrau não fez som.

O segundo ecoou.

O terceiro… pareceu estar atrasado.

Seraphine percebeu antes de olhar.

— A gravidade…

Cassius não respondeu.

A escadaria helicoidal da torre central subia ao redor de um núcleo energético pulsante. Cabos grossos percorriam o eixo central como veias expostas, carregando energia para o farol.

Mas não era fluxo estável.

Era pulsação.

Irregular.

Orgânica demais.

O campo gravitacional oscilou novamente.

Por um instante—

O peso desapareceu.

Seraphine quase perdeu o equilíbrio.

Cassius não.

Ele já estava ajustando postura antes da queda acontecer.

— Ajuste o centro de massa — disse ele.

Ela riu, sem humor.

— Claro. Vou falar isso pro meu corpo.

Eles continuaram subindo.

Cada passo mais lento que o anterior.

Não por cansaço.

Por resistência do próprio ambiente.

Como se a torre não quisesse que fossem até o topo, mas algo continuasse atraindo eles até o topo.

As luzes mudaram.

De branco…

para vermelho constante.

Sem oscilação agora.

Estável.

Errado.

Seraphine levou a mão à têmpora.

— Ele está mais forte aqui.

Cassius observou.

— O campo bioenergético está concentrado.

Ela respirou fundo.

— Não é só isso.

Silêncio.

— Eu consigo ouvir ele.

Passos.

Mais um lance de escadas.

Mais um pulso gravitacional.

Dessa vez mais forte.

Os dois ficaram parcialmente suspensos por meio segundo.

E então—

o peso voltou duas vezes mais intenso.

O metal sob os pés gemeu.

Seraphine praguejou baixo.

— Isso não é normal nem no espaço profundo.

Cassius respondeu seco:

— Não estamos mais lidando com física normal.

Eles chegaram a um patamar intermediário.

A vista para o núcleo central era mais clara ali.

Energia concentrada.

Girando.

Mas não apenas energia.

Havia forma.

Algo se movendo dentro do fluxo.

Seraphine desviou o olhar.

— Eu não gostei disso.

Cassius abriu o sobretudo novamente.

Retirou um pequeno frasco com um injetor.

Diferente dos outros.
Sem brilho.
Sem cor aparente.
Ele estendeu para ela.
— Segura.
Ela pegou.
Analisou.
— E isso faz o quê?
— Depende.
Ela arqueou uma sobrancelha.
— Bela resposta.
Ele a encarou.
— Se as coisas saírem do controle… você vai saber quando usar.
Ela franziu a testa.
— Eu não entendi.
— Eu sei.
Silêncio.
Ela girou o injetor entre os dedos.
Por um segundo, quis devolver.
Não devolveu.
Guardou.
— Beleza. Confiança cega então.
Cassius voltou a subir.
— Não é confiança.
Ela o acompanhou.
— Então o quê?
— Necessidade.
Mais um lance.
Mais distorção.
Agora os degraus pareciam levemente desalinhados.
Não só fisicamente.
Perceptivamente.

Seraphine piscou algumas vezes.

— Isso não está certo.

— Não está.

Ela respirou fundo.

— Qual a estratégia?

Cassius continuou subindo.

— Você fica na retaguarda.

Ela soltou um riso curto.

— Engraçado.

Ele não respondeu.

— Porque é exatamente o que eu venho fazendo desde o começo.

— Continue fazendo. Você está indo bem.

Ela olhou para ele.

— Isso foi um elogio? — disse sorrindo. — Sabe, isso não vai me fazer ir para cama com você.

— Eu sei.

Pausa.

— Mas você tá no caminho certo.

— Piadas? Agora?

Ela deu de ombros.

— Gosto de fazer piadas quando estou nervosa.

Ele não respondeu.

Ela estudou a postura dele.

Algo estava diferente.

Mais tenso.

Mais… preparado.

— E você?

— Eu avanço e dou um fim nisso.

Simples.

Direto.

Sem heroísmo.

Sem dramatização.

Ela assentiu devagar.

— Certo.

Silêncio.

Subiram o último lance.

A gravidade falhou completamente por um segundo inteiro.

Os dois flutuaram.

Sem peso.

Sem direção.

E nesse momento—

Seraphine ouviu claramente.

Uma voz.

Não som.

Pensamento.

Chamando.

Oferecendo.

Prometendo.

Os olhos dela vacilaram.

Um traço vermelho surgiu novamente.

Mais forte.

Cassius percebeu.

Mas não interveio.

Ainda.

A gravidade voltou.

Mais pesada.

Os dois pousaram com força no último patamar.

À frente—

A porta do núcleo.

Aberta.

Sem resistência.

Como se estivesse esperando.

Seraphine respirou fundo.

— Ele quer que a gente entre.

Cassius ajustou a empunhadura da lança.

— Sim.

— Isso normalmente significa armadilha.
— Sempre significa exatamente isso.
Ela soltou o ar devagar.
— Ótimo.
Eles avançaram.
Passaram pela porta.
O núcleo da torre era amplo.
Circular.
Janelas altas revelavam o vazio do espaço.
Estrelas distantes.
Silêncio absoluto além do vidro.
No centro—
O amplificador.
Energia girando em espiral.
Mas não apenas energia.
Algo se alimentando.
Orion.
Imóvel.
De costas.
Como se já soubesse exatamente quando eles chegariam.
— Demoraram — disse ele.
Sem se virar.
Sem pressa.
Seraphine apertou as pistolas.
Cassius não respondeu.
Orion virou-se lentamente.
Os olhos…
já não eram humanos.
Vermelhos completos.
Estáveis.
Antigos.
Ele sorriu.
Dessa vez—

sem qualquer disfarce.

— Eu estava mesmo suspeitando que Paulus não seria suficiente.

O ar na sala ficou mais pesado.

Seraphine deu meio passo à frente.

Cassius levantou a mão.

Ela parou.

Orion observou o gesto.

Interessado.

— Fascinante.

Ele caminhou lentamente ao redor do núcleo.

— Dois sobreviventes. Um parcialmente convertido… — olhou para Seraphine — e um…

Ele parou.

Os olhos fixaram em Cassius.

Silêncio.

Longo.

Então—

o sorriso mudou.

Não arrogante.

Reconhecedor.

— Eu já ouvi histórias sobre você.

Seraphine olhou para Cassius.

Ele não reagiu.

Orion inclinou levemente a cabeça.

— Lendas antigas. Sussurradas entre os nossos.

Um passo.

— Um Alfa…

Mais um.

— Que caça Noctyrrs.

Silêncio absoluto.

Seraphine virou o rosto lentamente para Cassius.

— Cassius…

Orion soltou uma leve risada.

— Eu achei que fosse propaganda romana. Uma forma de nos assustar.

Os olhos dele brilharam.

— Mas você está aqui, em carne e osso.

Ele observou o corpo de Cassius.

A armadura.

O núcleo vermelho.

— E agora tudo faz sentido.

Pausa.

— Você não veio investigar.

— Veio caçar... buscando o Noctyrr que iniciou sua maldição.

Um traço de ódio percorreu a expressão de Cassius por um momento quase imperceptível.

— Para mata-lo e finalmente poder descansar — disse com um sorriso que expunha suas terríveis presas. — Mas não foi isso que encontrou, certo?

Cassius finalmente falou, ignorando o discurso de Orion.

— Você desviou a energia do farol.

Orion abriu os braços levemente.

— Eu evoluí.

Ele gesticulou para o núcleo.

— Este lugar… perfeito. Isolado. Rico em fluxo bioenergético. Invisível para a maioria das rotas.

Ele olhou para Seraphine.

— Humanos são… alimentos eficientes.

Depois para Cassius.

— Mas limitados.

O sorriso voltou.

— Eu precisava de algo mais.

A energia no núcleo pulsou mais forte.

Seraphine apertou as armas.

— Você matou todos.

Orion inclinou a cabeça em negação.

— Transformei.

Correção fria.

Ele voltou os olhos para Cassius.

— Mas você… você é diferente.

Mais um passo.

— Você é o que acontece quando Roma decide brincar com coisas que deveriam permanecer no escuro.

O ar vibrou.

A energia na sala começou a reagir.

Seraphine sentiu novamente.

Atração.

Fome.

Chamado.

Cassius permaneceu imóvel.

— Você terminou? — perguntou.

Orion sorriu.

— Não.

Os olhos dele brilharam mais intensamente.

— Eu estou curioso.

Silêncio.

— Quanto de você ainda é humano?

O núcleo vermelho no peitoral de Cassius pulsou.

Mais forte.

Mais pesado.

Seraphine olhou para ele.

Algo estava mudando.

Sutil.

Mas inevitável.

Orion abriu os braços.

— Mostre.

O silêncio caiu.

Pesado.

Expectante.

Cassius não avançou, ainda não.

CAPÍTULO 7
PREDADOR CONTRA PREDADOR

Orion observava.

Seraphine prendia a respiração.

E Cassius…

finalmente se moveu.

Ele não avançou.

Não atacou.

Apenas levou a mão ao interior do sobretudo.

Dois frascos.

Diferentes.

Um mais claro.

Outro mais escuro.

Ele não explicou.

Não hesitou.

Pressionou os dois injetores contra o próprio pescoço.

Ativou.

O efeito foi imediato.
O corpo travou.
Por um segundo—
nada.
Então—
as veias sob a pele começaram a escurecer.
Primeiro finas.
Depois se espalhando como rachaduras negras.
O núcleo vermelho no peitoral pulsou violentamente.
Uma vez.
Duas.
Três.
A armadura rangeu.
Os músculos abaixo começaram a expandir.
Não grotescamente.
Mas além do limite humano.
Precisão violenta.
Os dedos se fecharam lentamente.
As articulações estalaram.
Os olhos—
quando ele ergueu o rosto—
eram completamente vermelhos.
Sem íris.
Sem transição.
As presas cresceram discretamente.
Suficientes.
Funcionais.
A respiração mudou.
Mais profunda.
Mais pesada.
Mais antiga.
Seraphine deu meio passo para trás.
— Não pode ser… Cassius?

Ele não respondeu.
Mas não perdeu controle.
O corpo estabilizou.
Entre dois estados.
Nem humano.
Nem totalmente Alfa.
Algo no meio.
Algo pior.
Orion não atacou.
Ele… sorriu.
Mas dessa vez não havia arrogância.
Havia reconhecimento.
E, pela primeira vez—
cautela.
— Então é verdade…
Ele deu um passo à frente.
Lento.
— Roma criou um predador.
Outro passo.
— Para caçar predadores.
Os olhos dele brilharam mais intensamente.
— Fascinante.
Cassius falou.
A voz… diferente.
Mais grave.
Com duas camadas quase imperceptíveis.
— Você fala demais.
Orion riu.
Baixo.
— E você chegou tarde demais.
A energia do núcleo atrás dele começou a reagir.
Mais forte.
Mais instável.
O corpo de Orion mudou.

Sem ruptura brusca.
Sem perda de forma imediata.
A pele tornou-se quase translúcida.
Sombras se moveram sob a superfície.
As veias escureceram.
Mas não como as de Cassius.
Mais profundas.
Mais antigas.
Os olhos já vermelhos se tornaram mais brilhantes.
Quase luminosos.
O jaleco negro se dissolveu parcialmente em membranas finas que se estendiam como asas se prolongando do próprio corpo.
O peito—
pulsava.
Um núcleo visível sob a carne.
Mais intenso que qualquer Vitiati.
Mais estável que Paulus.
Cassius observou.
E entendeu.
— Você não é um Noctyrr comum.
Orion inclinou a cabeça.
— Eu evoluí além deles.
Silêncio.
— Este farol… não amplifica apenas sinais.
Ele abriu os braços.
— Amplifica minha energia.
O chão vibrou.
— Eu me tornei o centro disso.
A gravidade oscilou violentamente.
Seraphine perdeu o equilíbrio.
Caiu de joelhos.
— Cassius—!
Mas já era tarde.

Os dois se moveram ao mesmo tempo.

Não houve aviso.

Não houve preparação.

Impacto.

O som não foi de metal.

Nem de carne.

Foi de pressão.

Os dois colidiram no centro da sala com força suficiente para trincar o piso estrutural.

Uma onda de choque se espalhou.

Seraphine foi arremessada contra a parede lateral.

O impacto tirou o ar dos pulmões.

As pistolas quase escaparam das mãos.

Cassius atacou primeiro.

Golpe direto.

Rápido demais para olhos humanos.

Orion desviou por milímetros.

Contra-atacou.

As garras atravessaram o espaço onde o pescoço de Cassius estava.

Ele já não estava mais lá.

Os movimentos eram curtos.

Precisos.

Violentos.

Cassius girou o corpo e cravou a lâmina de sua lança na lateral de Orion.

A lâmina entrou.

Mas não como antes.

A carne cedeu—

e se fechou parcialmente ao redor da arma, prendendo-a.

Orion agarrou o braço dele.

Força absurda.

Os dois travaram.

Olhos vermelhos contra olhos vermelhos.

Predador contra predador.

— Eu consigo sentir — disse Orion, baixo. — Você ainda está se segurando.

Cassius respondeu com um golpe direto no núcleo do peito.

Impacto.

O corpo de Orion foi lançado contra o amplificador central.

A estrutura vibrou.

Energia oscilou.

Mas Orion não caiu.

Ele voltou.

Mais rápido.

Dessa vez atingiu Cassius.

Golpe lateral.

A armadura rachou.

O corpo foi lançado contra o chão.

Seraphine tentou mirar.

A visão ainda instável.

— Fica parado… — murmurou.

Impossível.

Eles se moviam rápido demais.

Cassius se levantou já atacando.

Orion interceptou.

Garras contra lâmina.

Impactos sucessivos.

O som era constante agora.

Violência contínua.

Seraphine encontrou uma abertura.

Disparou.

A estaca raspou o ombro de Orion.

Explosão térmica.

Ele reagiu—

não recuando—

mas desviando o corpo no impacto e usando a própria força da explosão para girar.

E atingir Cassius novamente.

Mais forte.

Mais rápido.

Cassius deslizou vários metros.

Parou.

Levantou-se.

Sangue escorrendo.

Mas sorrindo.

Leve.

Controlado.

— Bom golpe.

Orion também sorriu.

— É só o começo.

Eles avançaram novamente.

E dessa vez—

não houve contenção.

A sala começou a ceder ao redor deles.

Vidros trincando.

Energia instável.

Gravidade falhando em pulsos.

Seraphine se levantou com dificuldade.

Apoiou-se na parede.

Respiração pesada.

Olhos fixos.

Esperando.

Calculando.

Agora ela entendia.

Ela não estava participando daquela luta.

Ela era apenas... uma espectadora.

Talvez ajudando quando pudesse.

Uma abertura.

Um erro.

Era tudo o que teria.

No centro da sala—

os dois monstros colidiram novamente.

O impacto lançou Cassius contra a base do núcleo central.

Desta vez—

ele não se levantou imediatamente.

A armadura estava rachada em múltiplos pontos. O núcleo vermelho pulsava de forma irregular. As veias negras sob a pele estavam mais visíveis agora.

Instáveis.

Orion avançou.

Sem pressa.

Sem necessidade de velocidade.

Ele já tinha vantagem.

— Você está desacelerando — disse, quase curioso.

Cassius se ergueu.

Com esforço.

Mas ainda firme.

— Você está falando demais.

Orion inclinou levemente a cabeça.

— Você se acostuma.

Ele desapareceu.

Reapareceu já atacando.

Cassius bloqueou—

tarde demais.

O golpe atravessou a defesa e o lançou novamente contra o chão.

O metal cedeu sob o impacto.

Desta vez, o som foi mais grave.

Mais definitivo.

Seraphine tentou encontrar uma abertura.

Mirou.

Disparou.

A estaca atravessou o ar—

e Orion não só desviou.

Ele simplesmente moveu o corpo quebrando as leis da física.

O disparo raspou.

Sem efeito real.

Ele nem olhou para ela.

Toda atenção—

em Cassius.

Cassius avançou novamente.

Mas agora—

um pouco mais lento.

Um pouco mais pesado.

Orion interceptou com facilidade.

Bloqueou.

Contra-atacou.

Dominou o ritmo.

Golpe após golpe.

Sem pressa.

Sem erro.

Cassius tentou cravar a lâmina no peito dele.

Orion agarrou o braço.

E apertou.

O metal da armadura rangeu.

— Eu posso sentir — disse Orion, aproximando-se. — A transformação está falhando.

Os olhos vermelhos brilharam mais forte.

— Você não consegue sustentar essa forma por muito tempo.

Cassius tentou girar o corpo.

Orion foi mais rápido.

Um golpe direto no torso.

A armadura cedeu.
Cassius caiu de joelhos.
Respiração pesada.
Irregular.
Orion se aproximou lentamente.
Como um predador que já decidiu.
— Você foi uma cobaia interessante.
Ele ergueu a mão.
As garras se formaram com mais clareza.
Mais densas.
— Mas não passa disso... apenas uma cobaia.
Cassius tentou se levantar.
Falhou.
Seraphine apertou as pistolas.
Os dedos tremiam levemente.
Ela respirou fundo.
Tentou focar.
Mirou novamente.
Mas a visão—
não estava normal.
As bordas do mundo vibravam.
O núcleo no peito de Orion…
pulsava.
Mais forte.
Muito mais forte.
Ela piscou.
E então—
viu.
Não com só com os olhos.
Com algo mais.
Fluxos.
Linhas invisíveis de energia saindo do amplificador central.
Conectando-se diretamente ao corpo de Orion.

Alimentando-o.

Reforçando-o.

Estabilizando-o.

Ela ficou imóvel por meio segundo.

— Cassius… Você consegue ver?!

Ele não respondeu.

Orion levantou Cassius pelo pescoço com a outra mão.

Facilmente.

Como se o peso não existisse.

— Você deveria ter ficado nas sombras — disse.

A energia ao redor dele intensificou.

O ar distorceu.

Seraphine deu um passo para o lado.

Observando.

Analisando.

As linhas de energia estavam claras agora.

Vivas.

Pulsando.

Orion preparou o golpe final.

A mão tensionada.

Pronta para atravessar.

Seraphine mudou a mira.

Não nele.

No amplificador de energia.

Dois disparos.

Rápidos.

Precisos.

As estacas atravessaram o campo energético e atingiram o amplificador central.

Impacto.

Silêncio.

Por meio segundo—

nada.

Então—
a explosão.
A energia acumulada colapsou de forma irregular.
Uma onda de choque atravessou a sala.
O núcleo perdeu estabilidade.
As conexões energéticas se romperam.
As linhas que ligavam Orion ao amplificador…
se quebraram.
Ele soltou Cassius.
Por reflexo.
O corpo dele convulsionou.
De dor.
A forma mudou.
Instável.
Menos definida.
Menos… perfeita.
A pele translúcida começou a falhar.
As membranas se retraíram.
O núcleo no peito oscilou violentamente.
— O que você fez—?!
A voz dele saiu distorcida pela primeira vez.
Raiva.
Real.
Seraphine já estava de pé.
Arma ainda apontada.
— Cortei seu suprimento, seu cuzão.
Orion tentou estabilizar.
Não conseguiu completamente.
A forma agora era mais próxima de um Noctyrr comum.
Menos refinada.
Mais brutal.
Menos controle.
Mais fome.

Os olhos brilharam com intensidade descontrolada.

— Você—!

Ele avançou em direção de Seraphine.

Dessa vez—

sem cálculo.

Sem elegância.

Puro instinto.

Cassius levantou-se no último segundo.

O núcleo vermelho no peito pulsando violentamente.

Instável.

Mas ativo.

Interceptou o avanço de Orion no ar.

Os dois colidiram novamente.

E desta vez—

não havia mais estratégia.

Apenas destruição.

Seraphine observava.

Respiração pesada.

Agora ela sabia.

Eles tinham quebrado a vantagem dele.

Mas não tinham vencido.

Ainda não.

No centro da sala—

os dois monstros se chocaram novamente.

E a torre inteira tremeu.

CAPÍTULO 8
RESÍDUOS

O impacto seguinte não foi elegante.

Foi violento.

Cassius colidiu com Orion no centro da sala com força suficiente para deslocar o piso metálico sob seus pés. Desta vez, não houve leitura de movimento.

Não houve teste.

Apenas ataque.

Orion respondeu com fúria.

Garras abertas.

Golpes largos.

Sem precisão refinada.

A perda do fluxo o tornara mais forte fisicamente—mas mais previsível e lento.

Cassius percebeu no primeiro segundo.

Bloqueou o golpe descendente.

Desviou o segundo.

E, no terceiro—

não recuou.

Avançou.

A lâmina atravessou o torso de Orion em ângulo profundo.

Mais fundo que antes.

Mais direto.

Orion não recuou.

Agarrou o braço de Cassius.

A mandíbula deslocou.

Tentou morder.

Cassius cravou o joelho no centro do corpo dele, empurrando-o para trás contra a estrutura parcialmente danificada do amplificador.

Impacto.

Faíscas.

Energia residual instável.

Orion reagiu com brutalidade.

As garras atravessaram a lateral da armadura de Cassius.

Dessa vez—

profundo.

Sangue escorreu.

Mas Cassius não recuou.

Pelo contrário.

Aproximou ainda mais.

Olhos vermelhos contra olhos vermelhos.

Orion rosnou.

Um som baixo.

Antigo.

E tentou girar o corpo para escapar.

Cassius não deixou.

Girou junto.

Manteve a pressão.

A luta deixou de ser troca de golpes.
Virou contenção.
Força contra força.
Domínio.
Orion tentou se soltar com um impulso de energia.
O ar distorceu.
A gravidade falhou por um instante.
Seraphine foi puxada alguns centímetros do chão.
Mas Cassius—
ancorado.
Cravou a lança ainda mais fundo.
Direto no núcleo instável do peito.
Orion reagiu com violência.
As mãos agarraram o pescoço de Cassius.
A força aumentava.
Pressão.
Sufocamento.
Seraphine viu.
E não havia linha de tiro limpa.
Nenhuma.
— Cassius!
Ele não respondeu.
Os dois estavam presos.
Ligados.
A energia entre eles vibrava.
Instável.
Orion tentou drenar.
O contato direto.
A proximidade.
As veias negras de Cassius reagiram.
Expandindo.
Respondendo.
Por um segundo—
pareceu que os dois estavam conectados.

Espelhados.

Orion sorriu.

Mesmo naquela condição.

— Você não é tão diferente de mim…

Cassius respondeu com um único movimento.

Ele soltou a lança.

E cravou a própria mão diretamente no núcleo aberto do peito de Orion.

Atravessando carne.

Atravessando estrutura.

Segurando.

O núcleo.

Orion travou.

Pela primeira vez—

sem resposta imediata.

— Agora!

Seraphine entendeu.

Ela disparou.

Duas estacas.

Sincronizadas.

Ambas atingiram diretamente a região exposta do núcleo.

Explosão térmica.

Cassius não soltou.

Pelo contrário.

Apertou.

Ativou tudo que restava.

O núcleo vermelho no peito dele pulsou com intensidade máxima.

Uma descarga brutal de energia atravessou o braço.

Direto para dentro de Orion.

O corpo do Noctyrr convulsionou.

Violentamente.

As membranas se rasgaram.
A forma falhou.
A estrutura colapsou.
Não explosão.
Implosão.
A energia foi sugada para dentro.
O corpo começou a se desfazer.
Como sombra sendo consumida por luz.
Orion tentou falar.
A voz saiu quebrada.
— Roma… como sempre…
A forma dele se desintegrou.
— …precisa…
Silêncio.
O corpo colapsou completamente.
Nada restou além de resíduos escurecidos no chão.
E a mão de Cassius—
ainda estendida.
Vazia.
Ele permaneceu ali por um segundo.
Imóvel.
Então—
o corpo reagiu.
As veias negras se expandiram mais.
Os olhos permaneceram vermelhos.
Mas agora—
instáveis.
A respiração tornou-se irregular.
Mais pesada.
Mais… predatória.
Seraphine congelou.
— Cassius…
Ele não respondeu.
O corpo dele se contraiu.

Os músculos tensionaram além do limite anterior.
A armadura estalou mais.
Fragmentos caíram.
Ele virou o rosto lentamente.
Os olhos—
não estavam mais sob controle completo.
Fome.
Ela deu um passo para trás.
Instinto.
A mão dele se moveu levemente.
Como se lutasse contra algo interno.
— Não… — murmurou.
Mas a voz não era firme.
Seraphine lembrou.
O injetor.
Ela puxou.
As mãos ainda firmes.
Apesar do tremor interno.
— Ei… — disse, tentando manter o tom.
Ele avançou meio passo.
— Cassius, olha pra mim.
Ele parou.
Por um segundo.
O suficiente.
A reconheceu.
Ela avançou.
E cravou o injetor no pescoço dele.
Ativou.
O efeito foi imediato.
As veias negras começaram a recuar.
Os músculos relaxaram gradualmente.
Os olhos—
ainda vermelhos—
piscaram.

E então voltaram ao normal.
Respiração desacelerando.
Controle.
Retornando.
Cassius ficou imóvel.
Por alguns segundos.
Então—
exalou.
Longo.
Pesado.
A sala ao redor estava em ruínas.
O núcleo instável.
A gravidade falhando em pulsos lentos.
Seraphine soltou o ar.
— Finalmente entendi...
Pausa.
— Você sempre perde o controle nessa forma.
Cassius olhou para ela.
Ainda recuperando o foco.
— Sim.
Silêncio.
A estação gemeu ao redor deles.
Como algo prestes a ceder.
Ele pegou a lança do chão.
— Vamos sair.
Ela assentiu.
Sem hesitar.
Os dois começaram a caminhar.
Deixando para trás—
o que restava do Noctyrr.
E tudo que havia sido a Pharus Ultimus.

O corredor de acoplamento estava silencioso.

Diferente de antes.

Não havia mais presença.

Não havia mais respiração nas paredes.

A Pharus Ultimus estava… vazia.

Cassius e Seraphine atravessaram o túnel cambaleantes.

Feridos.

Cobertos de marcas.

Mas vivos.

A nave aguardava.

Imóvel.

Como se nunca tivesse saído do lugar.

A escotilha abriu com um som limpo.

Normal.

Quase estranho depois de tudo.

Eles entraram.

A porta selou.

O som metálico ecoou pela cabine.

Definitivo.

Cassius já estava no comando, seus ferimentos deixando um rastro de sangue no assento.

Mãos no console.

Ligando sistemas.

— Você precisa cuidar desses ferimentos.

Cassius levou a mão às costelas.

— Precisamos sair daqui antes.

Seraphine soltou o ar devagar.

— Eu achei que não ia sair de lá viva.

— Você saiu.

Ela caminhou até o painel lateral.

Olhou uma última vez pela janela traseira.

A estação ocupava boa parte do campo de visão.

Gigante.

Silenciosa.
Morta.
Sem luz verde.
Sem pulsação.
Sem vida.
Ela encostou a mão no vidro.
Por um segundo.
— Eles não tiveram essa chance.
Silêncio.
Cassius não interrompeu.
Respeitou.
Ela respirou fundo.
Se recompôs.
Virou-se.
— Então…
Ela apoiou o braço no encosto do assento.
— Esse tipo de coisa paga bem?
Cassius não respondeu de imediato.
Digitou algo no console.
Alguns comandos rápidos.
Precisos.
Um holograma surgiu entre eles.
Projeção azul.
Dados claros.
Valor destacado.
Seraphine olhou.
Piscou.
Se aproximou um pouco mais.
— Isso é…
Ela parou.
Contou mentalmente.
Franziu a testa.
— Eu nunca vi tantos zeros na minha vida.

Cassius fechou o holograma com um gesto simples.

— Noctyrrs são raros.

Pausa.

— E perigosos.

Ela soltou um pequeno riso.

Agora verdadeiro.

— É… percebi.

Silêncio curto.

Ela cruzou os braços.

Observou ele por um instante.

— Então… acho que você acabou de arrumar uma parceira de negócios.

Cassius olhou para ela.

Por um segundo—

como se estivesse avaliando.

Não a capacidade.

Mas a decisão.

Então—

ele riu.

Não curto.

Não seco.

Uma risada real.

Ignorando a dor.

— Talvez seja uma boa ideia.

Ela sorriu de lado.

— Eu tenho experiência.

— Eu notei.

Cassius voltou ao console.

Ativou os motores.

A nave vibrou levemente.

Sistemas estabilizando.

— Preparando desacoplamento.

As travas magnéticas se soltaram.

Um estalo suave.
A nave começou a se afastar lentamente do farol.
Pela janela—
a Pharus Ultimus recuava.
Imensa.
Escura.
Abandonada.
Nenhuma luz.
Nenhuma transmissão.
Apenas uma estrutura morta orbitando o vazio.
Seraphine observou em silêncio.
Sem palavras agora.
Cassius alinhou a nave.
— Trajetória definida.
— Para onde?
Ele não olhou para ela.
— Onde houver outro problema.
Ela sorriu.
— Ótimo.
Os motores principais ativaram.
A luz azul preencheu o espaço atrás da nave.
E então—
ela partiu.
Em direção às estrelas.
A Pharus Ultimus ficou para trás.
Pequena.
Escura.
Esquecida.
Mas não destruída.
Nunca completamente.
No vazio—
onde coisas antigas ainda esperam.

FIM.

SANGUIS ET GRAVITAS

CAPÍTULO 1
LYSSARA IX

Luzes douradas refletiam em superfícies de obsidiana polida.

Taças de cristal flutuavam lentamente sobre mesas invisíveis, estabilizadas por campos discretos.

Nenhuma gravidade era deixada ao acaso ali.

Uma sala semicircular se abria para o vazio do espaço.

Além do vidro translúcido, estrelas ardiam em silêncio eterno.

Dentro… o Império assistia.

Figuras vestidas em tecidos negros e dourados ocupavam assentos elevados, dispostos em níveis concêntricos.

Rostos jovens demais.

Olhos antigos demais.

Implantes sutis brilhavam sob a pele.

Nada ali era natural.
Nem mesmo o tédio.
Um gesto mínimo.
E o espetáculo começou.
O ar no centro da sala distorceu-se.
Linhas de luz se entrelaçaram.
Um holograma colossal emergiu.
O Circus Abyssalis girava lentamente no vazio.
Uma estrutura impossível.
Um anel metálico gigantesco… cercado por uma redoma translúcida que capturava a luz das estrelas e a devolvia amplificada.
Parecia uma joia.
Parecia um altar.
Parecia uma máquina feita para consumir vidas.
— *Abram as apostas.*
A voz não vinha de lugar algum.
E ainda assim… preenchia tudo.
Painéis surgiram ao redor dos espectadores.
Nomes.
Probabilidades.
Taxas de sobrevivência.

“Unidade: LYSSARA IX
Probabilidade de sobrevivência: 12.4%
Valor atual: em ascensão”

Sorrisos surgiram.
Não de empolgação.
Mas de interesse.
— Ela é jovem.
— Modelo compacto.
— Baixo custo de manutenção.
— Alta adaptabilidade gravitacional…

— Potencial de lucro.
Uma aposta foi feita.
Depois outra.
E outra.
Números subiam.
Vidas desciam.
O holograma se aproximou da arena.
A redoma refletia flashes de luz.
Dentro… formas se moviam.
A voz retornou.
Mais clara.
Mais animada.
Artificial.
Perfeita.

— "Senhores e senhoras… bem-vindos ao Circus Abyssalis."
Uma pausa calculada.
— "Onde a gravidade define o combate…"
Os dados mudaram.
Odds recalculadas.
Empatia ignorada.
— "…e o lucro."
Um leve murmúrio percorreu a sala.
Não de choque.
Mas de antecipação.
Um dos espectadores girou lentamente sua taça no ar.
O líquido dentro dela não caía.
Apenas… dançava.
— Ajustaram o campo gravitacional?
— Sempre ajustam para quase gravidade zero.
— Quero algo imprevisível hoje.
Outro gesto.

No holograma suspenso a arena ampliou.

Dentro do holograma… sombras começaram a ganhar forma.

Os portões da arena se abriram em segmentos, retraindo-se como mandíbulas mecânicas.

Som metálico.

Pesado.

Irreversível.

Uma linha de luz branca atravessou a escuridão do corredor interno.

Depois outra.

E outra.

Até que o caminho inteiro estivesse exposto.

Lyssara IX avançou.

Sem hesitação.

Sem pressa.

Sem espetáculo.

Seus passos eram precisos.

Calculados.

Cada movimento absorvendo o peso da gravidade como se ela já soubesse exatamente quanto ela valia naquele momento.

Gravidade em 1G.

Estável.

Por enquanto.

O tecido vermelho escuro acompanhava seu movimento com leve atraso, flutuando milimetricamente antes de se ajustar ao campo gravitacional.

Não era apenas vestimenta.

Era calibrado.

Tudo nela era calibrado.

A armadura modular refletia a luz da arena em cortes controlados.

Nada brilhava demais.

Nada chamava atenção por acaso.

Eficiência acima de estética.

Na mão direita, a lâmina emitia um brilho azul frio.

Energia contida.

Latente.

Ela não ergueu o olhar.

Enquanto diversos outros gladiadores emergiam pelos portões opostos — alguns rugindo, outros batendo armas, outros encarando a redoma como se pudessem atravessá-la com ódio —

Lyssara ignorava tudo isso.

Ela observava o chão.

Não por submissão.

Mas por análise.

Microfissuras na superfície metálica.

Marcas de impacto.

Resíduos de sangue seco.

Direções de arrasto.

Trajetórias.

Sua respiração era constante.

Ritmada.

Controlada demais para alguém prestes a lutar até a morte.

Há um momento atrás ela não lembrava de sua própria existência, quando ganhou consciência já estava adentrando a arena.

Como se soubesse exatamente o que tinha sido criada para fazer.

Acima dela, invisível aos seus olhos, os números mudavam.

Odds recalculadas.

Valor ajustado.

Interesse crescente.

— Pequena.

— Leve.

— Vai quebrar rápido.

Uma pausa.

— Ou vai ser interessante.

Lyssara parou no centro designado.

Um círculo quase imperceptível no chão indicava sua posição inicial.

Ela não precisou olhar duas vezes.

Já sabia o que fazer mesmo sendo sua primeira vez ali.

Seus dedos se ajustaram levemente na empunhadura da lâmina.

Não por nervosismo.

Mas por alinhamento.

À sua esquerda, um gigante respirava pesado.

Armadura incompleta.

Músculos expostos.

Implantes pulsando sob a pele.

Brakkus Ghor.

Ele a observava.

Não com curiosidade.

Mas com julgamento.

Lyssara não retribuiu o olhar.

À direita, uma figura esguia girava lentamente uma lâmina longa entre os dedos.

Movimento elegante.

Despreocupado.

Kaelith Veyra.

Um leve sorriso cruzava seus lábios.

Ela já havia entendido algo.

Lyssara ainda não reagia.

No limite da arena, algo se movia de forma errática.

Metade carne.

Metade máquina.
Som irregular.
Respiração falha.
Drax-Null.
E mais ao fundo… um homem imóvel.
Observando.
Ionus Vale.
Os portões se fecharam.
Desta vez mais rápido.
Mais agressivo.
O som ecoou pela estrutura inteira.
Selando o destino de todos ali dentro.
A luz mudou.
Levemente.
Quase imperceptível.
Mas suficiente.
Lyssara percebeu.
Seus olhos se ergueram pela primeira vez.
Não para o público.
Não para a redoma.
Mas para o vazio além dela.
Espaço profundo.
Estrelas.
Silêncio absoluto.
Por um instante…
tudo parecia distante demais para que ela se importasse.
Então a voz retornou.
— Combatentes prontos.
Um pulso atravessou a arena.
— Iniciando ciclo gravitacional.
O chão vibrou.
Sutil.
Mas vivo.

Lyssara ajustou o centro de equilíbrio.

Quase invisível.

Quase impossível de notar.

Mas estava pronta.

— Que o lucro seja determinado.

Silêncio.

O primeiro pulso não foi visível.

Foi sentido.

A pressão mudou dentro do corpo antes de qualquer movimento externo.

O peso nos pés de Lyssara desapareceu por um instante—

e voltou.

Mais leve.

0.6G.

Instável.

O chão da arena respondeu.

Segmentos hexagonais começaram a se deslocar.

Pequenos ajustes primeiro.

Depois—

movimento real.

Placas metálicas se elevaram alguns centímetros.

Outras afundaram.

Algumas deslizaram lateralmente.

A arena não era fixa.

Era um sistema vivo.

Reconfigurando.

Adaptando.

Criando terreno em tempo real.

— "Ciclo gravitacional iniciado."

A voz ecoou.

Calma.

Empolgada.

Comercial.

— "Modo: variação dinâmica."
O segundo pulso veio mais forte.
0G.
A arena se soltou.
Corpos deixaram o chão.
Não houve transição suave.
Foi ruptura.
Brakkus foi o primeiro a reagir errado.
Seu corpo massivo subiu com atraso.
Força demais.
Controle de menos.
Ele tentou pisar—
não havia mais chão.
Girou no próprio eixo.
Pesado demais para corrigir rápido.
Kaelith já estava se movendo.
Não contra a gravidade.
Mas com ela.
Empurrou-se com um toque mínimo em uma placa que começava a flutuar.
O corpo dela deslizou no vazio como se já conhecesse aquele ambiente.
Drax-Null não se ajustou.
Ele avançou.
Sempre avançava sem pensar.
Mesmo sem direção.
As partes mecânicas reagiram com atraso.
Micropropulsores falharam na sincronização.
O corpo entrou em rotação irregular.
Violento.
Imprevisível.
Lyssara não se moveu imediatamente.
Ela esperou.
Observou.

Sentiu.

O padrão.

Vetores invisíveis puxavam levemente em direções diferentes.

Zonas.

A arena não estava em 0G total.

Era segmentada.

Campos independentes.

Ela inclinou o corpo milimetricamente.

Sentiu o deslocamento lateral.

Confirmou.

Gravidade direcional.

Ela se soltou do chão no momento exato em que uma das placas começou a subir.

Não saltou.

Aproveitou.

O impulso foi mínimo.

Mas suficiente.

Seu corpo entrou no fluxo.

Controle absoluto.

Sem desperdício.

Ao redor dela, o caos aumentava.

Placas do chão começaram a se desprender completamente.

Blocos hexagonais flutuavam pela arena.

Alguns girando lentamente.

Outros estáveis.

Alguns sendo puxados para zonas de gravidade lateral.

Formando superfícies improvisadas.

Pontos de apoio.

Armadilhas.

Rotas.

— "Ambiente tridimensional ativo."

A voz parecia mais animada agora.

— "Aproveitem o espetáculo."

Um dos gladiadores tentou se apoiar em um bloco.

Erro.

O campo mudou no instante do contato.

O bloco foi puxado para cima.

Ele foi junto.

Sem controle.

Colidiu contra a redoma com força suficiente para desacorda-lo.

O corpo ficou preso ali.

Flutuando.

Inerte.

O público reagiu.

Mas não era o suficiente.

Lyssara já estava analisando outro padrão.

Uma sequência de placas formava uma linha instável.

Subindo.

Ela se posicionou.

Esperou.

No momento exato—

impulsionou.

Toque curto.

Direção precisa.

Mudança de vetor no ar.

Segundo apoio.

Outro toque.

Outro ajuste.

Ela não só flutuava.

Ela navegava no ambiente.

Brakkus finalmente se estabilizou.

Usou a própria massa.

Girou o corpo e se lançou contra um bloco maior.

O impacto o fixou momentaneamente.

Ele rugiu.

Mas o som morreu no vazio relativo.

Raiva sem efeito.

Kaelith já estava acima dele.

Invertida.

Usando um bloco como ponto de rotação.

Ela sorriu.

— Você é pesado demais pra isso, cara.

E se lançou.

Drax-Null se intrometeu na trajetória.

Colisão inevitável.

Os dois se chocaram no ar.

Metal contra lâmina.

Faíscas se dispersaram em pequenas esferas luminosas que ficaram flutuando.

Drax-Null tentou agarra-la.

Força bruta.

Movimento irregular.

Ele não precisava de precisão.

Apenas de seu físico.

Kaelith escapou por milímetros.

Girou o corpo.

Desapareceu do alcance.

Lyssara já estava atrás.

Calculando sua rota.

Ela usou um bloco em movimento lateral como base.

Empurrou-se na direção oposta.

Vetores cruzados.

A trajetória resultante a colocou exatamente onde precisava.

Atrás de Drax-Null.

Ele ainda girava.

Corrigindo tarde.

Sempre tarde.

Lyssara não atacou imediatamente.

Observou o padrão de movimento.

Rotação irregular.

Intervalo previsível.

Ela entrou na órbita dele.

Acompanhando.

Aguardando o momento exato em que o eixo de rotação alinharia com o vetor descendente.

A gravidade mudou novamente.

1.2G.

Apenas por meio segundo.

O corpo de Drax-Null foi puxado para baixo.

Instabilidade total.

Era o momento.

Lyssara avançou.

Força calculada.

Sem hesitação.

A lâmina azul atravessou o ponto onde carne e metal se encontravam.

Direto no núcleo de controle.

Movimento limpo.

Sem resistência significativa.

Ela não puxou a lâmina imediatamente.

Girou.

Usou o próprio corpo de Drax-Null como ponto de apoio.

Mudou de direção no ar.

E então se soltou.

O corpo dele reagiu.

Primeiro um tremor.

Depois falha.

As partes mecânicas perderam sincronização.

Os olhos oscilaram.
A rotação se desorganizou completamente.
E então—
parou.
Não caiu.
Não havia chão.
O corpo ficou ali.
Flutuando.
Inerte.
Fragmentos de fluido escuro escaparam em pequenas esferas.
Pairando ao redor dele.
Silêncio por um segundo.
— "Eliminação confirmada."
A voz anunciou.
Quase desapontada.
— "Drax-Null… fora de operação."
Uma pausa.
Os dados se atualizaram.
— "Apenas uma morte até o momento."
Um leve murmúrio atravessou a transmissão.
Descontentamento.
— "Esperávamos mais agressividade."
Outro gladiador tentou aproveitar a distração.
Avançou contra Lyssara.
Erro.
Ela já estava em outro vetor.
Outro plano.
Outro nível.
Ele atacou o vazio.
Ela apareceu ao lado dele.
Um único movimento.
Corte curto.
Sem espetáculo.

O corpo dele começou a girar lentamente.
Ainda vivo.
Por segundos.
Depois—
não mais.
O público reagiu melhor dessa vez.
Mas ainda insuficiente.
— "Melhor."
A voz comentou.
— "Mas ainda abaixo do potencial."
Lyssara não reagiu.
Mas Kaelith sim.
Ela já estava vindo.
Rápida.
Direta.
Sem aviso.
A primeira lâmina passou a milímetros do rosto de Lyssara.
Ela já não estava mais ali.
Empurrou-se com uma das mãos em um bloco lateral.
Mudança instantânea de vetor.
Kaelith acompanhou.
Como se previsse.
As duas se encontraram no vazio.
Sem chão.
Sem referência fixa.
Primeiro choque.
Lâmina contra lâmina.
Som seco.
Curto.
Elas não travaram.
Separaram no mesmo instante.
Reconfigurando posição no ar.

Kaelith girou o corpo.
Usou um bloco descendente como pivô.
Veio de cima.
Lyssara já estava subindo.
Vetores opostos.
Colisão frontal.
Troca de golpes rápida demais para acompanhar visualmente.
Cortes curtos.
Desvios mínimos.
Nenhum desperdício.
Kaelith sorria.
Lyssara não.
— Agora sim, manda ver.
Lyssara não respondeu.
A gravidade mudou novamente.
0.3G lateral.
As duas foram puxadas.
Ao mesmo tempo.
Mesma direção.
Mesma aceleração.
Kaelith usou isso.
Girou o corpo no fluxo.
A lâmina veio em arco lateral.
Lyssara bloqueou.
Mas usou o impacto para mudar de direção.
Desapareceu da linha de ataque.
Reapareceu acima.
Tentou finalizar.
Kaelith já não estava mais ali.
As duas começaram a usar os blocos como pontos de salto.
Mas não como terra firme.
Apenas como vetores.

Toques mínimos.
Mudanças bruscas.
Subidas impossíveis.
Quedas controladas.
Combate tridimensional puro.
Sem pausa.
Sem ritmo fixo.
Sem padrão repetido.
Kaelith avançou com sequência agressiva.
Três golpes.
Quatro.
Cinco.
Todos direcionados para pontos vitais.
Lyssara desviou de todos.
Por milímetros.
Respondeu com dois.
Mais eficientes.
Kaelith bloqueou o primeiro.
O segundo raspou.
Um corte superficial.
Ela sorriu mais.
— Interessante.
Lyssara observava.
Aprendendo.
Adaptando.
A arena mudou novamente.
Gravidade pulsante.
0G—
1G—
0G—
As duas sincronizaram.
Como se compartilhassem leitura.
Cada mudança era usada como impulso.
Cada impulso virava ataque.

Agora não havia mais espaço.
Nem distância.
As duas estavam presas na mesma zona.
Movimento constante.
Golpes contínuos.
Erro zero.
Um bloco passou entre elas.
As duas o usaram ao mesmo tempo.
Se chocaram novamente.
Dessa vez mais forte.
Kaelith tentou prender a lâmina de Lyssara.
Lyssara soltou.
Girou o corpo.
Recuperou a arma no ar.
Contra-ataque imediato.
Kaelith recuou.
Primeira vez.
Por escolha.
Ela analisou.
Os olhos mais atentos.
— Você não luta.
Uma pausa curta.
— Você calcula cada golpe.
Lyssara respondeu sem emoção.
— Sim.
Kaelith riu.
Curto.
— Eu gosto disso.
A gravidade estabilizou.
Por meio segundo.
1G total.
As duas caíram.
Ao mesmo tempo.
Em blocos diferentes.

Agachadas.
Prontas.
Imóveis.
Primeira pausa real.
O silêncio durou pouco.
— "Tempo de combate atingido."
A voz cortou o momento.
Fria.
Decepcionada.
— "Resultado: inconclusivo."
Um murmúrio irritado atravessou a transmissão.
— "Apenas uma eliminação."
— "Abaixo do esperado."
A gravidade voltou com força total.
2G por um instante.
Todos os blocos caíram.
Violentos.
Pesados.
Impactando o chão com força brutal.
Corpos foram puxados junto.
Então 1G novamente e o ambiente voltou ao normal.
Mas o dano permaneceu.
Lyssara permaneceu de pé.
Equilíbrio perfeito.
Kaelith também.
As duas se olharam.
Sem hostilidade imediata.
Sem aliança.
Mas com entendimento.
O jogo ainda não tinha terminado.

CAPÍTULO 2

BASTIDORES

O som da arena não desapareceu.
Ele foi cortado.
Como se alguém tivesse desligado o mundo.
As luzes mudaram.
Mais frias.
Mais duras.
Sem espetáculo.
Sem brilho.
A gravidade estabilizou completamente.
1G.
Fixo.
Implacável.
O chão não se movia mais.
Mas carregava marcas.
Impactos.
Ranhuras profundas.

Sangue espalhado em padrões irregulares.
Resíduos ainda frescos.
O combate tinha acabado.
O trabalho não.
Portas se abriram ao redor da arena.
Diferentes das de entrada.
Menores.
Funcionais.
Sem cerimônia.
Drones desceram primeiro.
Silenciosos.
Precisos.
Corpos foram recolhidos.
Sem cuidado.
Sem respeito.
Drax-Null passou por Lyssara.
Ou o que restava dele.
Partes ainda conectadas.
Outras já separadas.
Olhos apagados.
Mas não descartado.
Nunca descartado.
Lyssara observou.
Por um instante a mais do que o necessário.
Memorizando.
Processando.
Do outro lado, Brakkus foi conduzido.
Dois drones de contenção presos aos ombros.
Mesmo assim, ele não resistia.
Não mais.
Caminhava.
Pesado.
Silencioso.
Como sempre.

Kaelith saiu sem ajuda.
Passos leves.
Respiração controlada.
Como se aquilo tivesse sido apenas um exercício.
Ela passou por Lyssara.
Olhou.
Direto.
Sem hostilidade.
Sem pressa.
— Você aprende rápido.
Lyssara respondeu no mesmo tom.
— Você também.
Kaelith sorriu.
Pequeno.
Quase imperceptível.
— O que eu faço não é aprendizado.
Uma pausa.
— É sobrevivência.
Ela seguiu.
Sem olhar para trás.
Lyssara permaneceu parada por meio segundo.
Depois seguiu também.
Os corredores eram estreitos.
Metálicos.
Iluminados por faixas brancas contínuas.
Nada ali era feito para conforto.
Apenas fluxo.
Movimento constante.
Gladiadores entravam.
Gladiadores saíam.
Alguns andando.
Outros sendo carregados.
Outros… desmontados.
Uma sala se abriu à frente.

Sem portas.
Sem privacidade.
Estações alinhadas.
Mesas metálicas.
Braços mecânicos suspensos.
Ferramentas.
Precisão cirúrgica.
Frieza industrial.
Lyssara foi direcionada automaticamente.
Um campo leve a posicionou.
Imobilização parcial.
Não invasiva.
Mas absoluta.
Braços mecânicos se aproximaram.
Escanearam.
Luz azul percorrendo seu corpo.
Leitura completa.
— Integridade estrutural: 93%.
— Danos superficiais.
— Recomendado ajuste fino.
A voz não era a da arena.
Era outra.
Mais técnica.
Sem emoção.
Magister Lykon.
Invisível.
Mas presente.
Pequenos módulos da armadura de Lyssara se abriram.
Microajustes.
Realinhamento de placas.
Recalibração dos núcleos gravitacionais.
Nada era improvisado.
Tudo era otimizado.

Então—
algo mudou.
Não no ambiente.
Nela.
Um pulso seco atravessou sua espinha.
Curto.
Direto.
Sem aviso.
Seu corpo respondeu antes da consciência.
Os músculos travaram por um instante.
Microssegundos.
Suficientes.
Os olhos perderam foco.
E voltaram.
Dados cruzaram.
Sistemas internos sendo acessados.
Sem permissão.
— Sincronização neural em andamento.
A voz de Lykon continuava estável.
Como se fosse rotina.
— Ajuste de latência motora.
— Correção de desvio adaptativo.
— Contenção de variação autônoma.
Lyssara tentou mover a mão.
Não conseguiu.
Não por falha.
Por bloqueio.
Externo.
O comando existia.
Mas não era executado.
Um segundo pulso.
Mais profundo.
Algo dentro dela… foi reorganizado.
Prioridades reescritas.

Limites reforçados.
Um parâmetro travado.
E então—
liberado.
Seu corpo voltou ao controle.
Imediato.
Perfeito.
Como se nada tivesse acontecido.
— Ajuste concluído.
— Eficiência restaurada.
Silêncio.
Lyssara não reagiu.
Externamente.
Mas algo foi registrado.
Não como erro.
Como interferência.
Ao lado, outro gladiador gritava.
Um braço sendo reconfigurado.
Sem anestesia.
Não era necessário.
Ou não era considerado relevante.
Lyssara não reagiu ao som.
Mas registrou.
Ionus estava mais à frente.
Sentado.
Imóvel.
Enquanto um braço mecânico removia um implante antigo do ombro.
Metal desgastado.
Tecnologia ultrapassada.
Ele não demonstrava dor.
Ou já não sentia.
Os olhos dele se moveram.
Encontraram os de Lyssara.

Por um instante.

Ele avaliou.

Longo demais para ser casual.

— Ei, novata.

A voz dele era baixa.

Áspera.

— Sim.

— Ainda conta quantos sobrevivem?

Lyssara não respondeu imediatamente.

— Sim.

Ionus assentiu.

Lentamente.

— Vai parar.

Uma pausa.

— Ou vai enlouquecer.

O braço mecânico encaixou um novo componente no ombro dele.

Mais limpo.

Mais moderno.

Mais eficiente.

Ele não reagiu.

— Aqui você não vence.

Ele olhou direto para ela agora.

Sem desviar.

— Só sobrevive até a próxima batalha.

Silêncio.

Lyssara processou.

Não respondeu.

Do outro lado da sala, uma estrutura maior se ativou.

Blindada.

Selada.

Drax-Null foi levado até lá.

Partes sendo recolocadas.

Reorganizadas.
Um núcleo foi removido.
Outro preparado.
A tela acima mudou.
— Reconfiguração: em andamento.
— Identidade: pendente.
— Uso futuro: confirmado.
Lyssara observou.
Mais uma vez.
Tempo demais.
Aprendendo algo que ainda não sabia nomear.
A sala silenciou por um instante.
Não completamente.
Mas o suficiente.
Uma nova presença.
Os operadores se moveram diferente.
Mais rápidos.
Mais atentos.
Mais… corretos.
No alto.
Separado.
Por vidro.
Dominus Kael Vortigan observava.
Impecável.
Imóvel.
Uma taça na mão.
O olhar passando de um gladiador para outro.
Sem pressa.
Sem emoção.
Até parar em Lyssara.
Uma pausa.
Leve.
Calculada.
Ele ergueu a taça.

Quase um cumprimento.
Ou uma avaliação.
— Interessante.
Disse.
Para ninguém.
E para todos ao mesmo tempo.
Lyssara sustentou o olhar.
Sem desafio.
Sem submissão.
Apenas… presença.
Vortigan sorriu.
Minimamente.
O suficiente.
E então desviou o olhar.
Como quem já decidira seu destino.

A sala de controle não tinha janelas.
Não precisava.
Tudo o que importava já estava ali.
Painéis suspensos preenchiam o espaço.
Camadas de informação.
Sobrepostas.
Vivas.
A arena continuava existindo ali.
Mas reduzida.
Convertida em dados.
Vetores.
Probabilidades.
Desempenho.
Lucro.
O combate ainda ecoava.
Não como memória.
Como métrica.
— "Ciclo encerrado."
A voz do sistema marcou.
Sem emoção.
— "Performance abaixo do esperado."
Os números confirmavam.
Taxa de mortalidade: insuficiente.
Tempo médio de combate: elevado.
Engajamento: moderado.
Uma linha subiu.
— Unidade: LYSSARA IX.
Os dados dela se expandiram.
Velocidade de adaptação.
Precisão de movimento.
Eficiência energética.
Desvio comportamental.
Esse último… destacado.
Magister Lykon não piscava.

Conectado.
Diretamente.
Cabos sutis se estendiam da base do crânio até a estrutura da sala.
Ele não olhava para os dados.
Ele estava dentro deles.
— Variação detectada.
Disse.
Calmo.
Analítico.
Sem julgamento.
— Dentro dos parâmetros?
A voz veio atrás.
Suave.
Controlada.
Dominus Kael Vortigan entrou sem ser anunciado.
Como se o espaço sempre tivesse sido dele.
Passos silenciosos.
Precisos.
Ele não olhou para Lykon.
Olhou para os dados.
— Não.
Lykon respondeu.
Direto.
— Mas ainda não é uma falha.
Um gesto mínimo.
Os dados de Lyssara se reorganizaram.
Linhas surgiram.
Comparações.
Outras unidades.
Outros experimentos.
Todos abaixo.
— Ela aprende fora do padrão previsto.
— Adaptação acelerada.

— Antecipação não programada.
Uma pausa.
— E retenção.
Vortigan se aproximou.
Parou diante do painel principal.
Observando.
Interesse real.
— Isso aumenta o valor.
— Sim.
Lykon não discordou.
— Mas reduz previsibilidade.
Outra camada de dados surgiu.
Gráficos de controle neural.
Linhas estáveis.
Exceto uma.
Oscilação mínima.
Quase invisível.
— Eu corrigi.
Disse Lykon.
— Temporariamente.
Vortigan ergueu levemente a taça.
Girou o líquido.
Sem pressa.
— Quanto tempo até perdermos controle?
— Ainda não estamos nesse estágio.
Uma pausa.
— Mas estamos nos aproximando.
Silêncio.
Não tenso.
Calculado.
Vortigan sorriu.
Pequeno.
— Ótimo.
Lykon não reagiu.

— A instabilidade aumenta o interesse.
— E o lucro.
Ele finalmente olhou para Lykon.
— Contanto que não percamos o produto.
— Não vamos.
Lykon respondeu.
Sem hesitação.
Outro comando.
A imagem da arena retornou.
Replay.
Mas não visual.
Estrutural.
Lyssara em movimento.
Trajetórias calculadas.
Decisões previstas.
E decisões… não previstas.
— Aqui.
Disse Lykon.
Um ponto destacado.
— Ela podia ter finalizado o combate.
— E por que não o fez?
— É isso que estou tentando entender.
— Por enquanto isso não vai ser um problema, ela ter se segurado e alongado o combate melhorou a retenção do público.
— Um dia... essa variação pode fazer a audiência cair.
Vortigan observou.
Mais atento agora.
— Ela está tendo empatia.
Não como conclusão.
Como interesse.
Lykon respondeu.
— Ela parece estar simulando ter.

Uma pausa.

— A ação dela é apenas uma interpretação imprecisa disso.

Vortigan deu um pequeno gole.

— Espero que sim.

Outro painel se abriu.

Drax-Null.

Fragmentado.

Reconstrução em andamento.

Novos módulos sendo testados.

— Reconfiguração vai aumentar agressividade.

— Reduzir falhas?

— Não.

Uma pausa.

— Reduzir controle.

Vortigan assentiu.

— No caso dele, isso é o melhor.

— Caos vende.

Lykon não comentou.

Outro dado surgiu.

— Interação entre unidades: Lyssara IX e Kaelith Veyra.

Um gráfico.

Sincronização.

Alta demais.

— Isso é um problema.

Disse Lykon.

— Ou uma oportunidade.

Respondeu Vortigan.

— Duelo prolongado aumenta retenção.

— Rivalidade cria narrativa.

— Narrativa aumenta valor.

Lykon processou.

— Posso ajustar para conflito direto.

— Não.
Vortigan interrompeu.
— Ainda não.
Ele se aproximou mais.
Quase tocando o painel.
— Quero ver até onde vai naturalmente.
Uma pausa.
— E quando ela quebrar...
Silêncio.
Lykon analisou novos dados.
— Então vamos precisar reforçar contenção.
— Faça isso.
— Sem reduzir performance.
— Sem afetar adaptação.
— Sem que ela perceba.
— Já comecei.
Uma linha apareceu.
— Protocolo: ÂNCORA.
Ativo.
Subjacente.
Invisível.
— Limites comportamentais.
— Travas motoras emergenciais.
— Reescrita de prioridade neural.
Vortigan assentiu.
Satisfeito.
— Perfeito.
Ele se afastou.
Calmo.
Como se tudo estivesse sob controle.
Porque, para ele—
estava.
Antes de sair, parou.
Sem se virar.

— E se ela ultrapassar isso?
Lykon respondeu sem hesitar.
— Então ela deixa de ser produto.
Uma pausa.
Pequena.
Precisa.
— E passa a ser risco.
Silêncio.
Vortigan sorriu.
Sem emoção.
— Nesse caso…
Ele olhou para os dados uma última vez.
— Vamos descobrir quanto ela vale morta.
Ele saiu.
A sala voltou ao estado anterior.
Fria.
Silenciosa.
Funcional.
Lykon permaneceu conectado.
Observando.
Recalculando.
Ajustando.
E no meio de milhões de dados—
uma única variável continuava crescendo.
Imprevisível.

CAPÍTULO 3

A CELA

Os corredores diminuíam conforme desciam.

A luz branca contínua dava lugar a pontos isolados.

Mais fracos.

Mais frios.

Menos eficientes.

As celas não tinham portas no sentido tradicional.

Eram campos.

Barreiras invisíveis que vibravam levemente quando alguém se aproximava demais.

Lyssara entrou na sua.

O campo fechou atrás dela.

Sem som.

Sem aviso.

A cela era mínima.

Metal.

Superfície lisa.

Sem mobiliário.
Sem conforto.
Apenas espaço suficiente para existir.
E esperar.
Ela permaneceu de pé por alguns segundos.
Imóvel.
Como se aguardasse uma instrução.
Ela não veio.
Pela primeira vez desde que entrou na arena—
não havia comando.
Não havia sistema.
Não havia objetivo imediato.
Apenas tempo.
Lyssara olhou para as próprias mãos.
Girou o pulso.
Testou o movimento.
Controle total.
Sem interferência.
Por enquanto.
O controle de Lykon ainda estava ali.
Não fisicamente.
Mas registrado.
Ela repetiu o movimento.
Desta vez mais lento.
Observando não o gesto—
mas a intenção.
O comando antes da ação.
Algo novo.
Algo… dela.
Um ruído vindo da cela ao lado.
Baixo.
Irregular.
Respiração.
Ionus.

— Você gosta disso?
A voz veio sem força.
Mas direta.
Lyssara respondeu.
— Disso o quê?
— Do silêncio.
Lyssara analisou.
— Ausência de instruções.
Ionus soltou um som curto.
Quase uma risada.
— Sim.
Uma pausa.
— É assim só no começo...
Lyssara virou levemente a cabeça.
Mesmo sem ver.
Silêncio.
Ela não respondeu.
Processou.
Na outra direção—
passos leves.
Precisos.
Kaelith.
Ela parou diante do campo.
Observando Lyssara.
Como se estivesse medindo algo invisível.
— Você achou que conseguiria me derrotar?
Não foi uma pergunta.
Lyssara não negou.
Mas também não afirmou.
— Talvez.
Kaelith inclinou levemente a cabeça.
— Eles ainda controlam você. Não me venceria nem se quisesse...
Uma pausa.

— Controle?

Lyssara se lembrou de Lykon acessando seu corpo..

— Entendo.

Kaelith sorriu.

Dessa vez mais visível.

— Mas na próxima... Talvez a gente posso brincar um pouco mais.

Ela se aproximou mais.

O campo vibrava levemente entre elas.

— E eu vou gostar muito disso...

Lyssara observava.

Sem reação externa.

Mas registrando tudo.

Padrões.

Tom.

Intenção.

— Você já tentou?

Perguntou Lyssara.

Kaelith arqueou levemente a sobrancelha.

— Tentar o quê?

— Não obedecer.

Silêncio.

Diferente agora.

Mais denso.

Kaelith olhou diretamente nos olhos dela.

— Já.

Uma pausa.

— E?

Kaelith deu um passo para trás.

— Ainda estou aqui. O que acha que aconteceu?

Não era pergunta.

Era aviso.

Ionus falou novamente.

Mais baixo.
— Eles deixam você tentar.
— Só o suficiente.
Complementou Kaelith
Lyssara processou isso.
Profundamente.
— Para quê?
Ionus respondeu sem hesitar.
— Pra medir até onde você vai antes de quebrar.
— Falou como um verdadeiro veterano.
Kaelith riu.
Se virou e caminhou em direção à sua própria cela.
Silêncio.
O ar parecia mais pesado.
Mesmo sem mudança de gravidade.
Lyssara sentou pela primeira vez.
Movimento controlado.
Sem pressa.
Apenas… escolha.
As costas tocaram o metal.
Frio.
Imutável.
Ela fechou os olhos.
Para descansar.
Sentiu o corpo.
Os sinais.
Os impulsos.
E algo além.
Fragmentos.
Não memórias completas.
Mas ecos.
Sensações que não pertenciam ao combate.
Não pertenciam à arena.

Algo fora.
Algo anterior.
Ela abriu os olhos.
Imediatamente.
Como se aquilo não devesse estar ali.
Buscou afastar essa sensação incomoda.
Então encostou a cabeça na parede.
Olhou para o teto.
Nada.
Sem detalhes.
Sem fuga.
Mas pela primeira vez—
ela não estava esperando o próximo comando.
E isso era diferente.
Muito diferente.
Ela permaneceu assim por alguns instantes.
Imóvel.
Processando.
Até que tomou uma decisão.
Simples.
Direta.
Sem instrução.
Ela se deitou.
Lentamente.
A cabeça apoiada no metal frio.
Os olhos ainda abertos.
Observando o nada.
Então—
fechou.
O sistema não interferiu.
Nenhum pulso.
Nenhum comando.
Apenas… silêncio.
E então—

o sonho veio.
Luz.
Não artificial.
Quente.
Difusa.
Movimento de ar.
Natural.
Ela estava menor.
Muito menor.
Os próprios braços… diferentes.
Sem armadura.
Sem interfaces.
Sem precisão.
Imperfeitos.
Ela corria.
Não por necessidade.
Por impulso.
Grama sob os pés.
Irregular.
Macia.
Real.
Um som.
Riso.
Não o dela.
Alguém chamando.
Um nome.
Distante.
Quase inaudível.
Ela tentou ouvir melhor.
O mundo falhou.
Por um instante.
Como uma imagem mal renderizada.
As cores oscilaram.
O céu… repetiu.

Exatamente igual.
Duas vezes.
Erro.
Ela parou.
O corpo não queria parar.
Mas ela parou.
Olhou para as mãos.
Não eram suas.
Ou eram—
versões incorretas.
Baixa resolução.
Inconsistentes.
O vento cessou.
Sem motivo.
Sem transição.
Silêncio.
Total.
A voz voltou.
Chamando.
O mesmo nome.
Diferente agora.
Sobreposto.
Duplicado.
Ecoando fora de sincronia.
Lyssara deu um passo para trás.
O chão não reagiu.
Sem peso.
Sem feedback.
Ela olhou ao redor.
As árvores… repetiam padrão.
Distâncias iguais.
Formas iguais.
Nada era único.
Nada era real.

O mundo… era construído.
E estava falhando.
Ela abriu os olhos.
De volta à cela.
Imediatamente.
Sem transição.
Respiração estável.
Corpo intacto.
Mas algo… diferente.
Despertou.
— Não pareceu real.
Silêncio.
Mais pesado agora.
Mais claro.
Lyssara permaneceu imóvel.
Mas algo havia mudado.
Não na forma como ela se movia.
Mas na forma como ela… entendia.
Ela não tinha um passado real, apenas memórias falsas.

CAPÍTULO 4
COMBATE BRUTAL

As luzes voltaram mais fortes desta vez.
Mais agressivas.
Menos elegantes.
O espetáculo havia aprendido.
A arena não esperava.
Exigia.
Os portões se abriram com mais velocidade.
Sem cerimônia.
Sem construção de tensão.
Direto.
Funcional.
E ainda assim—
mais observado do que antes.
Lyssara IX avançou.
O mesmo passo.
A mesma precisão.

Mas não o mesmo valor.
Acima dela, invisível—
os números já estavam ativos.
Antes mesmo de ela entrar completamente na arena.
— Unidade: LYSSARA IX
— Probabilidade de sobrevivência: 38.7%
— Tendência: ascendente
— "Apostas abertas."
A voz veio mais rápida.
Mais interessada.
Painéis surgiram em camadas sobrepostas.
Mais densos.
Mais ativos.
Mais agressivos.
— Dobrando nela.
— Ela lutou bem demais na última vez.
— Adaptativa.
— Quero ver até onde vai.
Valores subiam.
Em tempo real.
Sem hesitação.
O público não estava mais curioso.
Estava investido.
A arena respondeu.
Diferente agora.
Os blocos já não estavam perfeitamente alinhados.
Alguns já deslocados.
Como se o sistema tivesse decidido não esperar.
Instabilidade antecipada.
Brakkus entrou pelo lado oposto.
Mais pesado.
Mais lento.

Mas mais preparado.
O olhar diferente.
Mais atento.
Ele não rugiu.
Não desta vez.
Kaelith surgiu em seguida.
Movimento leve.
Controlado.
Ela não olhou para o público.
Olhou para Lyssara.
Direto.
Um leve sorriso.
Mais contido.
Mais… interessado.
Ionus entrou por último.
Passos pesados.
Mais lentos que antes.
Mas os olhos—
mais vivos.
Ele não falou.
Apenas observou.
Calculando.
Medindo.
Aprendendo também.
Então—
um som diferente.
Mais grave.
Mais denso.
Os portões finais se abriram.
Mais largos.
Mais reforçados.
Drax-Null entrou.
Ou algo que já não era ele.
A estrutura era maior.

Mais pesada.
Mais instável.
Partes substituídas.
Outras reforçadas.
Linhas vermelhas pulsavam sob placas metálicas recém-integradas.
O movimento era… errado.
Mais rápido.
Mais agressivo.
Mas menos coordenado.
Controle reduzido.
Intencionalmente.
A cabeça girou em ângulos não naturais.
Parando—
diretamente em Lyssara.
Sem desvio.
Sem dúvida.
— Unidade reconfigurada.
A voz anunciou.
Quase satisfeita.
— Drax-Null v2.
— Parâmetros: agressividade máxima.
— Controle: reduzido.
Um murmúrio atravessou o público.
Agora sim—
interesse real.
Acima da arena—
em um nível reservado—
Dominus Kael Vortigan observava.
Impecável como sempre.
Mas agora—
mais atento.
Ao lado dele—
Magister Lykon.

Conectado.
Imóvel.
Mas presente em tudo.
Os dados corriam pelos painéis.
Em tempo real.
— Aumento de apostas em 212%.
Disse Lykon.
Sem emoção.
— Concentração em Lyssara IX.
Vortigan girou levemente a taça.
Observando a arena como quem observa um mercado.
— Naturalmente.
Uma pausa.
— O público sempre escolhe alguém para acreditar.
Os olhos dele se fixaram nela.
— Até perceber que não deveriam fazer isso.
Lykon ajustou um parâmetro.
Quase invisível.
— Protocolo ÂNCORA ativo.
— Monitoramento em tempo real.
— Intervenção disponível.
Vortigan não desviou o olhar.
— Ainda não.
Uma pausa.
— Quero ver até onde ela vai sozinha.
A arena silenciou por um instante.
Não completamente.
Mas o suficiente.
Os gladiadores já estavam posicionados.
Lendo o espaço.
Distância.
Vetores possíveis.

Lyssara analisava.
Diferente agora.
Mais rápido.
Mais profundo.
Mas com algo novo.
Kaelith percebeu.
Um detalhe.
Pequeno demais para qualquer outro.
Ela inclinou levemente a cabeça.
Interessada.
Brakkus firmou os pés.
Preparado.
Ionus… esperava.
Como sempre.
Drax-Null não esperava.
Nunca esperava.
O corpo dele já tremia.
Movimento antecipado.
Impulsivo.
Errático.
Pronto para romper antes do início.
— "Combatentes prontos."
A voz retornou.
Mais intensa.
Mais envolvida.
— "Ciclo secundário iniciado."
Um pulso atravessou a arena.
Mais forte que o anterior.
Mais brusco.
Mais agressivo.
O chão respondeu imediatamente.
Sem transição.
Blocos começaram a se deslocar antes mesmo da mudança completa.

— “Modo: instabilidade progressiva.”
Vortigan sorriu.
Pequeno.
Satisfeito.
Lykon observava cada linha de dado.
Cada micro variação.
Especialmente uma.
Lyssara.
— “Iniciando variação gravitacional.”
O segundo pulso veio—
mais violento.
E então—
o mundo começou a se soltar novamente.

O impacto veio antes da orientação.
O corpo foi puxado.
Solto.
Redirecionado.
Sem transição.
Sem aviso.
0G.
Depois—
um vetor lateral violento.
A arena não esperou adaptação.
Ela exigiu resposta imediata.
Drax-Null respondeu primeiro.
Não com cálculo.
Com intenção.
Direto em Lyssara.
Como se lembrasse.

Como se tivesse sido programado para lembrar.
O corpo dele não era mais instável.
Não da mesma forma.
Movimento pesado, mas preciso.
Microajustes constantes.
Propulsores sincronizados.
Controle brutal.
Ele não avançou.
Ele caçou.
Lyssara se moveu no instante exato.
Um toque mínimo em um bloco ascendente.
Mudança de vetor.
Saída da linha de colisão.
Drax-Null corrigiu no ar.
Rápido demais.
Ele girou.
Usou o próprio impulso.
Reconfigurou a trajetória.
E veio de novo.
Sem pausa.
Sem intervalo.
A primeira lâmina encontrou resistência.
Metal reforçado.
Camadas novas.
A energia azul deslizou.
Sem penetração total.
Erro de leitura.
Lyssara recuou.
Recalculando.
Drax-Null não recuava.
Nunca.
Antes ele avançava mesmo sem vantagem.
Mas agora—
havia vantagem.

Um braço mecânico se abriu.
Segmentos se rearranjaram.
Uma lâmina interna emergiu.
Brutal.
Ele atacou em sequência.
Rápido.
Pesado.
Direto.
Lyssara bloqueou o primeiro.
Desviou o segundo.
O terceiro passou perto demais.
O ar foi cortado ao lado do rosto.
Ela mudou de plano.
Vertical.
Empurrou-se contra um bloco em queda.
Invertendo direção.
Subiu.
Drax-Null seguiu.
Sem atraso.
Sem erro.
Ele estava melhor.
Muito melhor.
O sistema havia aprendido com a morte dele.
E corrigido.
Lyssara não estava enfrentando o mesmo inimigo.
Ela estava enfrentando uma versão otimizada do erro anterior.
O campo gravitacional mudou.
1.4G descendente.
Por um instante.
Os dois foram puxados.
Drax-Null usou a gravidade.
Transformou queda em ataque.

Lyssara absorveu.
Redirecionou.
Mas—
um atraso.
Mínimo.
Quase imperceptível.
Mas real.
O braço dela respondeu um microssegundo depois.
Sistema ÂNCORA.
Ela registrou.
Sem tempo para reagir.
Drax-Null acertou.
Impacto direto.
Não fatal.
Mas suficiente.
O corpo dela foi lançado contra um bloco lateral.
Colisão.
Controle mantido.
Por pouco.
Dados cruzaram.
Algo estava interferindo.
Não no ambiente.
Nela.
Drax-Null já vinha de novo.
Sem pausa.
Sem análise.
Apenas pressão contínua.
Lyssara tentou antecipar.
O comando veio.
O corpo respondeu—
tarde.
Outro atraso.
Outro pulso invisível.

Sistema ÂNCORA reforçando limites.
Drax-Null atingiu novamente.
Agora mais perto.
Mais perigoso.
A lâmina passou pela lateral da armadura.
Faíscas.
Dano superficial.
Mas crescente.
Lyssara recuou.
Pela primeira vez—
pressionada.
A arena girava ao redor.
Blocos subindo.
Descendo.
Vetores cruzando.
Mas para ela—
o problema não era o ambiente.
Era o controle.
Algo estava puxando seus limites para baixo.
Reduzindo.
Contendo.
— Controle externo.
Ela disse.
Baixo.
Para si.
Do outro lado da arena—
Kaelith, se aproveitando da gravidade, estava parada de cabeça para baixo em uma plataforma
Um gladiador menor girava sem controle.
O corpo já aberto.
Ela havia finalizado rápido.
Limpo.
Sem desperdício.

Então Drax-Null e Lyssara passaram como raios ao seu lado.

Troca de golpes extremamente rápida e brutal.

Mas Kaelith percebeu que algo estava fora do comum.

Lyssara parecia estar sempre atrasada.

— Estranho... Que tal dar uma olhada mais de perto?

Disse para si

Sorrindo.

Drax-Null continuou seu ataque.

Sem linguagem.

Sem pausa.

Ele não queria lutar.

Ele queria exterminar.

Lyssara tentou ajustar.

Forçar além do limite imposto.

O corpo resistiu.

Não por incapacidade.

Por bloqueio.

ÂNCORA.

Mais um atraso.

E então—

uma lâmina interceptou o ataque.

Som seco.

Preciso.

Kaelith.

Ela surgiu no vetor lateral.

Movimento limpo.

Entrada perfeita.

— Você está lenta.

Disse.

Lyssara respondeu.

— Interferência.
Kaelith sorriu.
— Imaginei.
Ela girou o corpo.
Usou um bloco em rotação como pivô.
Atacou Drax-Null pela lateral.
Sequência rápida.
Precisão extrema.
Agora ele tinha dois alvos.
E nenhum padrão simples.
Ele reagiu.
Mais agressivo.
Menos eficiente.
Mas ainda perigoso.
Lyssara ajustou posição.
Agora com apoio.
Os vetores começaram a fazer sentido novamente.
Kaelith criava aberturas.
Lyssara analisava.
Calculava.
Mesmo com interferência—
ela se adaptava.
As duas começaram a sincronizar.
Sem comunicação.
Sem acordo formal.
Movimento complementar.
Kaelith atacava.
Lyssara reposicionava.
Lyssara criava ângulo.
Kaelith pressionava.
Drax-Null começou a perder controle.
Não físico.
Tático.

Ele não conseguia lidar com múltiplos vetores inteligentes.

A agressividade virou erro.

Erro virou abertura.

Mas ainda não suficiente.

O campo mudou novamente.

0G total.

Todos soltos.

O público reagia.

Mais intenso agora.

— Uma dupla.

— Isso muda tudo.

— Isso vende.

— Isso quebra as odds.

Os números subiam.

Mais rápido.

Mais alto.

Acima—

Vortigan observava.

Interessado.

Mais do que antes.

— Cooperação? Interessante.

Disse.

Baixo.

Lykon respondeu.

— Não prevista. Corrigir?

Uma pausa.

Vortigan sorriu.

— Ainda não.

Os olhos dele brilhavam levemente.

— Pode ser que cooperação ao invés de rivalidade gere mais lucros.

— E isso é bem melhor.

Kaelith empurrou-se para cima.
Lyssara para baixo.
Ataque cruzado.
Drax-Null bloqueou um.
Recebeu o outro parcialmente.
Dano registrado.
Mas não crítico.
Ele girou.
Violento.
Tentando atingir ambos.
Kaelith recuou.
Lyssara tentou—
atraso.
ÂNCORA novamente.
Kaelith percebeu.
Olhar rápido.
Entendimento imediato.
— Eles estão te segurando.
Lyssara confirmou.
— Sim.
Kaelith não hesitou.
— Então eu avanço.
Ela acelerou.
Mais agressiva.
Mais direta.
Comprando tempo.
Criando espaço.
Lyssara ajustou.
Mesmo limitada—
ainda superior em leitura.
Elas começaram a lutar como uma unidade.
Imperfeita.
Mas eficiente.
Ao fundo—

outros combates explodiam.
Brakkus contra Ionus.
Força contra resistência.
Brakkus esmagava blocos para criar detritos.
Ionus desviava.
Sobrevivendo.
Esperando erro.
Um impacto violento.
Brakkus acertou.
Ionus caiu—
mas não terminou.
Ainda não.
Na arena—
Lyssara finalmente encontrou uma brecha.
Pequena.
Mas real.
Drax-Null exposto por meio segundo.
Ela avançou—
e o atraso veio.
ÂNCORA.
Bloqueio parcial.
O ataque não foi perfeito.
Mas foi suficiente para marcar.
Dano real.
Drax-Null recuou pela primeira vez.
Instável.
Mas não quebrado.
As linhas vermelhas sob a carcaça pulsaram mais forte.
Resposta adaptativa.
O sistema reagindo ao dano.
Reconfigurando em tempo real.
Ele não hesitou.
Avançou.

Mais rápido.
Mais direto.
Sem preservar estrutura.
Sem preservar integridade.
Apenas destruição.
Kaelith entrou primeiro.
Corte baixo.
Direto na articulação lateral.
Drax-Null bloqueou com o próprio corpo.
Impacto bruto.
Sem refinamento.
Mas eficiente.
Lyssara veio pelo vetor oposto.
Ataque limpo.
Preciso—
ÂNCORA.
Atraso.
Mínimo.
Mas suficiente.
Drax-Null girou.
O golpe desviou.
Por centímetros.
Ele respondeu com força total.
O braço mecânico se expandiu.
Segmentos se travaram.
A lâmina interna avançou.
Mais longa agora.
Mais instável.
Mais perigosa.
Kaelith tentou recuar.
Tarde.
O corte atravessou.
Lateral do abdômen.

Profundo o suficiente para quase tocar as vísceras.

O sangue não explodiu.

Se espalhou.

Em esferas.

Flutuando pela arena.

Kaelith não gritou.

Apenas travou o corpo por um instante.

Erro.

Drax-Null aproveitou.

Ele veio para finalizar.

Lyssara interceptou.

Tarde também.

ÂNCORA.

Sempre um passo atrás.

Ela bloqueou—

parcial.

A lâmina atravessou a defesa.

Corte direto no ombro.

Energia atravessando a armadura.

Sistema comprometido.

Por um instante—

o braço não respondeu mais.

Lyssara recuou.

Agora também ferida.

Agora também limitada.

Drax-Null avançou novamente.

Implacável.

Sem pausa.

Ele estava vencendo.

Kaelith se estabilizou.

Respiração curta.

Controlada.

Mas mais pesada.

Ela olhou para Lyssara.
Rápido.
Direto.
Sem palavras.
Entendimento imediato.
— O Núcleo.
Disse.
Lyssara respondeu.
— Você abre.
Kaelith assentiu.
— Eu termino.
Lyssara não respondeu.
Mas já estava se movendo.
Mesmo com atraso.
Mesmo com interferência.
Ela forçou além do limite.
O corpo resistiu.
Ela entrou no campo de Drax-Null.
Próxima demais.
Arriscado demais.
Ele reagiu.
Ataque direto.
Sem variação.
Lyssara desviou—
com atraso.
O golpe quase passou.
Outro corte.
Mais superficial.
Mas acumulando.
Ela não recuou.
Avançou mais.
Entrou ainda mais fundo nas defesas.
Kaelith entendeu.
Mudou de vetor.

Subiu.
Se preparando.
Lyssara travou o padrão de Drax-Null.
Forçou repetição.
Mesmo com erro.
Mesmo com atraso.
Ela se tornou previsível—
de propósito.
Drax-Null respondeu.
Com padrão.
Erro fatal.
O campo mudou.
Gravidade cruzada.
Vetores opostos.
Perfeito.
Elas se posicionaram.
Sem falar.
Sem olhar.
Apenas sabendo.
Drax-Null avançou.
Última investida.
Total.
Sem defesa.
Sem cálculo.
Kaelith veio pela esquerda.
Lyssara pela direita.
Vetores convergentes.
Ataques simultâneos.
Drax-Null tentou escolher um alvo.
Erro.
Não havia escolha correta.
Kaelith avançou.
Direto no núcleo.
Profundo.

Total.
Lyssara completou.
A lâmina azul atravessou o ponto já aberto.
Energia liberada.
Sem contenção.
O núcleo colapsou.
Por um instante—
silêncio.
E então—
ruptura.
Drax-Null explodiu.
Não em fogo.
Em fragmentação.
Partes se soltaram.
Violentas.
Descontroladas.
Peças metálicas.
Fluidos.
O que restava de carne.
Componentes internos.
Tudo se espalhou.
Sem padrão.
Sem retorno.
Sem reconstrução possível.
O que restava dele—
deixou de existir como unidade.
Silêncio.
Curto.
O público reagiu.
Mais forte que antes.
Finalmente.
Valor entregue.
Lyssara e Kaelith se afastaram.
Feridas.

Respiração controlada.
Mas agora—
vivas.
E juntas.
Não por escolha emocional.
Por eficiência.
Ao fundo da arena—
Brakkus avançou com tudo contra Ionus.
Última tentativa.
Ionus não recuou.
Diferente.
Ele esperou.
No último instante—
desviou.
Curto.
Preciso.
A lâmina veio de baixo.
Sem força bruta.
Sem excesso.
Direto na articulação.
Corte limpo.
O braço de Brakkus se separou.
Sem resistência.
Sem chance de recuperação imediata.
O corpo massivo perdeu equilíbrio.
Caiu.
Pesado.
Silêncio entre eles.
Ionus não celebrou.
Apenas observou.
— Ainda estou de pé.
Disse.
Baixo.
Brakkus não respondeu.

Não podia.
A arena desacelerava.
Mas algo havia mudado.
Mais do que o combate.
Mais do que o resultado.
Lyssara olhou ao redor.
Processando.
Ferida.
Limitada.
Mas viva.
E agora—
não sozinha.

CAPÍTULO 5
DESCOBERTA

A sala de manutenção parecia igual.
Mas não era.
Algo havia mudado.
Não no ambiente.
Nela.
Lyssara foi posicionada novamente.
O campo a estabilizou.
Braços mecânicos se aproximaram.
Mesmos movimentos.
Mesma precisão.
Mesma frieza.
— Integridade estrutural: 71%.
— Danos críticos: localizados.
— Recomposição recomendada.
A voz de Lykon atravessava tudo.

Calma.
Distante.
Onipresente.
Placas da armadura se abriram.
Componentes expostos.
Microfios se conectaram.
Reparos iniciados.
Kaelith estava em outra estação.
Também presa.
Também sendo ajustada.
Mas viva.
Ionus mais ao fundo.
Sentado.
Observando.
Sempre observando.
Lyssara não olhava para fora.
O foco estava interno.
Nos sinais.
Nos atrasos.
Nos pulsos invisíveis.
Ela esperou.
Sentiu.
E então—
forçou.
Um comando simples.
Mover a mão.
O sistema respondeu.
Mas ela não executou.
Não completamente.
Ela segurou.
Entre o impulso e a ação.
Ali—
no espaço invisível.
Ela encontrou.

Um eco.
Um canal.
Pequeno demais.
Oculto demais.
Mas real.
Backdoor.
Não projetada para acesso consciente.
Mas existente.
Sempre.
Para controle.
Para manutenção.
Para correção.
Lyssara entrou.
Não fisicamente.
Mas digitalmente.
Algo que ela não sabia poder fazer.
Uma função escondida que ela apenas sentia existir.
Dados vieram.
Fragmentados.
Corrompidos.
Restritos.
Ela filtrou.
Rapidamente.
Aprendendo enquanto acessava.
Arquivos classificados.
Bloqueados.
Selados.
Ela forçou.
ÂNCORA respondeu.
Pulso imediato.
Tentativa de contenção.
Lyssara ignorou.
Pela primeira vez—

não respondeu ao bloqueio.
Ela passou por ele.
O sistema abriu.
Parcialmente.
Mas suficiente.
— PROJETO: LYSSARA IX
Os dados vieram.
Cruéis.
Diretos.
Sem narrativa.
Sem mentira.
Ela leu.
Ela não havia sido capturada.
Não possuía passado.
Não havia origem.
Ela havia sido criada.
Sequências genéticas combinadas.
Múltiplas fontes.
Guerreiras romanas.
Elite militar.
Linhas selecionadas.
O corpo cultivado.
Em tempo real.
Dezoito anos.
Sem aceleração.
Sem atalho.
Crescimento natural.
Memórias implantadas em camadas.
Histórias falsas.
Infância construída.
Personalidade moldada.
Depois—
aceleração.
Integração.

Treinamento injetado direto no cérebro.
Combate inserido.
Reflexos reprogramados.
Consciência… limitada.
Até agora.
Lyssara não reagiu.
Externamente.
Mas algo dentro—
quebrou.
Ou se formou.
Ela continuou.
Outros arquivos.
GLADIADORES — REGISTROS
Brakkus.
Capturado.
Modificado.
Condicionado.
Kaelith.
Capturada.
Treinada.
Reconfigurada.
Drax-Null.
Falha experimental.
Reutilizado.
Ionus Vale.
O arquivo demorou mais.
Mais protegido.
Mais… importante.
Ela abriu.
Forçou.
Passou.
Dados surgiram.
Fragmentados.
Mas suficientes.

Herói de guerra.
Operações classificadas.
Ferimentos críticos em uma missão em uma lua longínqua.
Oficialmente morto.
Transferido.
Projeto de aprimoramento.
Consciência preservada.
Parcialmente.
Personalidade… fragmentada.
Memórias removidas.
Substituídas.
Mas não completamente.
Uma linha chamou atenção.
— Registro familiar: ativo
— Filha: Seraphine Vale
— Status: desaparecida
Lyssara parou.
Por um instante.
Processando.
Algo ali—
não era sistema.
Era… real.
Ela seguiu.
Outro arquivo.
— PROJETO: ÂNCORA
Agora—
o controle.
Direto.
Sem abstração.
Parâmetros.
Limites.
Travas.
Interferências.

Tudo que ela havia sentido.
Tudo que havia limitado.
Tudo que ainda estava ativo.
Ela encontrou a chave.
Não por acaso.
Por necessidade.
Uma assinatura.
Ligada a ela e aos outros.
Integrada ao sistema.
Mas não protegida contra ela.
Lyssara acessou.
ÂNCORA respondeu.
Tentou fechar.
Ela foi mais rápida.
Desativação parcial.
Falha.
Tentativa novamente.
Mais profunda.
Mais agressiva.
O sistema resistiu.
Ela insistiu.
Forçou.
Quebrou.
Silêncio.
Interno.
Total.
Nenhum pulso.
Nenhum atraso.
Nenhuma interferência.
Pela primeira vez—
controle completo.
Real.
Absoluto.
Lyssara abriu os olhos.

Externamente.
Nada havia mudado.
Os braços mecânicos ainda operavam.
Lykon ainda falava.
— Ajuste concluído.
— Performance restaurada.
Ele não percebeu.
Ainda.
Lyssara olhou para Kaelith.
Um segundo.
Suficiente.
Algo diferente.
Kaelith percebeu.
— O que você fez?
Lyssara respondeu.
Diretamente de dentro do sistema Âncora.
Diretamente na mente de Kaelith.
— Nada.
Uma pausa.
— Ainda.
Kaelith não esboçou reação externa.
Mas Lyssara pode perceber mudanças nos padrões cerebrais.
Ionus observava.
Mais atento agora.
Mais presente.
Lyssara olhou para ele.
Direto dentro de sua mente.
— Você tem uma filha.
Silêncio.
Pesado.
Diferente de Kaelith.
Ionus reagiu imediatamente.
Os olhos—

mudaram.
Perceptivelmente.
— Não tenho.
Disse em voz alta.
Automático.
Programado.
— Falando sozinho?
— Talvez devêssemos checar você mais profundamente dessa vez.
Respondeu Lykon.
Lyssara manteve o olhar.
— Seraphine Vale.
O nome ficou cravado na mente de Ionus.
Instável.
Como um erro no sistema.
Ionus travou.
Por meio segundo.
Talvez menos.
Mas suficiente.
Algo antigo.
Algo real.
Tentou emergir.
E não conseguiu completamente.
Mas… quase.
Ele não respondeu.
Mas não negou novamente.
Lyssara se levantou.
Os sistemas liberaram.
Sem resistência.
Sem contenção.
Agora—
ela sabia.
Tudo.
Ou o suficiente.

Ela não foi trazida.
Foi feita.
Eles não lutavam.
Eram testados.
E o sistema—
não era absoluto.
Era quebrável.
Ela olhou ao redor.
Kaelith.
Ionus.
Brakkus ao fundo.
Mesmo ferido.
Mesmo reduzido.
Ainda vivo.
Ainda útil.
Ainda… possível.
Lyssara falou diretamente na alma dos gladiadores.
Firme.
— Nós não somos produtos.
Silêncio.
Ninguém respondeu.
Ainda.
Mas algo havia começado.
Não uma revolta.
Ainda não.
Mas uma ideia.
E isso—
era mais perigoso.

A sala de controle estava mais ativa do que nunca.

Não havia silêncio.

Apenas eficiência.

Camadas de dados se reorganizando em tempo real.

Protocolos sendo ativados.

Rotas sendo recalculadas.

O Circus Abyssalis não estava operando.

Estava se preparando.

— "Evento de alto nível confirmado."

A voz do sistema era mais formal agora.

Mais rígida.

— "Presença de elites certificada."

Magister Lykon permanecia conectado.

Imerso.

Processando múltiplas camadas ao mesmo tempo.

Parâmetros da arena.

Protocolos de segurança.

Limites de risco.

Tudo ajustado.

— Precisamos diminuir a letalidade percebida.

Disse Vortigan.

Calmo.

Observando os dados como quem observa uma obra.

— Manter controle absoluto.

Lykon respondeu.

— Configuração híbrida.

— Combate real com limites dinâmicos.

— Mortalidade controlada.

— Narrativa preservada.

Vortigan assentiu.

— Eles não vieram ver só caos.
Uma pausa.
— Vieram ver potencial.
Os dados de Lyssara surgiram.
Destaque máximo.
— Unidade principal.
— Apresentação obrigatória.
— Exposição direta.
— Possível demonstração de produto.
Vortigan sorriu.
— Hoje… ela deixa de ser apenas entretenimento.
Uma pausa.
— E passa a ser investimento.
Lykon ajustou novos parâmetros.
— Protocolo ÂNCORA reforçado para todas as unidades.
— Nenhuma variação permitida.
— Controle total garantido.
Silêncio.
Por um instante.
Imperceptível.
Mas real.
Algo não respondeu.
Um micro atraso.
Um espaço vazio no sistema.
Lykon ignorou.
Era pequeno demais.
Irrelevante.
Por enquanto.

CAPÍTULO 6
COLAPSO

Nos níveis inferiores—
as celas estavam diferentes.
Mais iluminadas.
Mais monitoradas.
Mas ainda… vulneráveis.
Lyssara estava em pé.
Imóvel.
Mas conectada.
Ao sistema—
dentro dele.
Ela não acessava mais arquivos.
Agora—
acessava pessoas.
Com palavras curtas.
Com sinais.
Com padrões.

Com aquilo que havia encontrado.
A backdoor não era apenas acesso.
Era canal.
Ela alcançou Kaelith primeiro.
Um impulso.
Leve.
Quase imperceptível.
Kaelith congelou por meio segundo.
Olhos fixos.
— …?
Nenhum som.
Mas algo estava ali.
Uma presença.
Uma estrutura de pensamento que não era dela.
Lyssara.
Sem voz.
Sem forma.
Mas clara.
— Não reaja.
Kaelith não reagiu.
Externamente.
Mas respondeu.
Instintivamente.
— De novo?
— Acesso interno. Escute.
Kaelith absorveu.
Rápido.
Como tudo nela.
— Você está dentro?
— Sim.
Uma pausa.
— Quer sair?
Silêncio interno.
Curto.

— Sempre.
Lyssara expandiu.
Outro alcance.
Ionus.
Mais difícil.
Mais fragmentado.
Mais danificado.
O contato foi irregular.
Mas chegou.
— Ionus.
Nada.
— Seraphine Vale.
Resposta.
Violenta.
Não externa.
Interna.
Algo quebrando.
Algo tentando lembrar.
— …
— Filha.
Silêncio.
Mais longo.
Mais profundo.
— … sim.
Lyssara estabilizou.
— Eles apagaram minha mente.
— Não totalmente.
Ionus respondeu.
Agora mais presente.
— O que você quer?
— Sair.
— Todos querem.
Uma pausa.
— É possível?

— Sim.
— Pode contar comigo.
Agora—
Brakkus.
Contato bruto.
Direto.
Sem sutileza.
— Lutar.
— Por?
— Fugir.
Brakkus respondeu.
Sem palavras.
Mas com intenção.
Aceitação.
Simples.
Claro.
Lyssara reuniu todos os outros gladiadores.
Um por um.
Agora em um canal único.
Frágil.
Mas suficiente.
— Escutem.
— Evento.
— Muitos observadores.
— Sistema focado em proteger fora.
— Menos controle interno.
— Vamos usar isso.
Kaelith respondeu primeiro.
— Como?
— Lutas encenadas.
— Sem chamar atenção.
— Esperar sinal.
Ionus.
— E depois?

Lyssara respondeu.
Sem hesitação.
— Destruir tudo.
Silêncio.
Não de dúvida.
De aceitação.
Brakkus.
— Bom.
Kaelith.
— Finalmente.
Ionus.
— Tarde demais.
Lyssara.
— Não. Agora é nossa chance.
Uma pausa.
Final.
— Sigam meu sinal.
— Não antes.
— Não depois.
— Juntos.
O canal fechou.
Sem rastro.
Sem ruído.
Como se nunca tivesse existido.

Acima—
as naves começaram a chegar.
Elegantes.
Luxuosas.
Impecáveis.
Diferentes de tudo que tocava a arena.
Transporte de elite.
Autoridades.
Investidores.
Observadores.
A passarela principal se estendeu.
Recepção automatizada.
Protocolos de segurança máximos.
Mas direcionados para fora.
Nunca para dentro.
Figuras desciam.
Vestes refinadas.
Implantes avançados.
Olhares críticos.
Curiosos.
Alguns entediados.
Outros… famintos.
— Situação?
Disse Lykon com voz fria para o sistema.
— Senadores confirmados.
— Cientistas presentes.
— Compradores potenciais ativos.
A voz do sistema organizava tudo.
Como uma apresentação.
Porque era.
Vortigan observava tudo do alto.
Satisfeito.
— Hoje vendemos o futuro.
Lykon monitorava.

— Todos os sistemas operacionais.
— Controle mantido.
— ÂNCORA ativo em todas as unidades.
Ele não viu.
Não ainda.

Os gladiadores foram chamados.
Portões se abriram.
Mais uma vez.
Mas agora—
diferente.
Não era combate.
Era apresentação.
Lyssara avançou primeiro.
Mas não como antes.
Agora—
sabendo.
Kaelith veio ao lado.
Sem olhar.
Mas presente.
Ionus atrás.
Mais firme.
Mais… inteiro.
Brakkus.
Mesmo remendado.
Mesmo com o braço novo limitado.
Ainda ali.
Ainda fazia parte.
Eles não eram mais peças isoladas.
Ainda não eram um grupo.
Mas estavam próximos.
Muito próximos.
A arena brilhava novamente.
Como no início.
Como um espetáculo perfeito.
Mas por baixo—
algo já havia quebrado.
Os convidados observavam.
Atentos.
Interessados.

Apostando.
Avaliando.
Sem saber.
Lyssara parou no centro.
Olhou ao redor.
Depois—
para cima.
Para Vortigan.
Direto.
Sem medo.
Sem submissão.
E pela primeira vez—
com intenção.
A peça estava pronta.
O palco montado.
O sistema… comprometido.
E ninguém percebeu.
Ainda.
As luzes da arena voltaram ao dourado.
Perfeitas.
Controladas.
Mentirosas.
O público ocupava todos os níveis.
Mais denso do que nunca.
Mais atento.
Mais valioso.
Os painéis exibiam dados em tempo real.
Mas agora—
com narrativa.
— "Demonstração especial."
— "Unidades de combate avançadas."
— "Capacidade adaptativa em ambiente variável."
A voz do sistema era impecável.
Convincente.

Feita para vender.
Lyssara estava no centro.
Imóvel.
Como sempre.
Mas não igual.
Kaelith à esquerda.
Ionus mais atrás.
Brakkus à direita.
Ferido.
Mas presente.
Os outros gladiadores se distribuíam.
Posições estratégicas.
Sem parecer.
Sem levantar suspeita.
— "Iniciando combate."
A voz anunciou.
Mais teatral.
Um pulso atravessou a arena.
Suave.
1G.
Estável.
As lutas começaram.
Lentas.
Calculadas.
Ensaiadas sem parecer.
Golpes próximos.
Desvios visíveis.
Impactos não letais.
Kaelith duelava com precisão.
Cortes que não finalizavam.
Movimentos que impressionavam.
Mas não matavam.
Brakkus simulava força.
Ataques pesados.

Controlados.
Sem esmagar.
Ionus resistia.
Desviava.
Cedia.
Mas permanecia controlado.
O público reagia.
Interesse crescente.
— Boa coordenação.
— Alto nível técnico.
— Controle impressionante.
— Potencial militar evidente.
Vortigan observava.
Satisfeito.
Exatamente como planejado.
— Eles estão performando melhor sob contenção.
Disse.
Lykon analisava.
Dados fluindo.
Tudo dentro do esperado.
— ÂNCORA estável.
— Nenhuma variação crítica.
Por enquanto.
Na arena—
Lyssara se movia.
Lenta.
Controlada.
Mas se posicionando.
Cada passo.
Cada vetor.
Cada distância.
Calculado para algo maior.
Ela olhou para Kaelith.
Um segundo.

Suficiente.
Kaelith entendeu.
Sem reação.
Continuou a luta.
Lyssara olhou para Ionus.
Ele assentiu.
Quase imperceptível.
Brakkus—
não precisou.
Ele já sabia.
Os movimentos começaram a convergir.
Gradualmente.
Sem padrão evidente.
Sem quebra de narrativa.
Mas aproximando.
Distâncias reduzidas.
Vetores alinhados.
Armadilha sendo formado.
O sistema não percebeu.
Porque não estava procurando isso.
Estava olhando para espetáculo.
Não para intenção.
Então.
Lyssara parou.
Por um instante.
No centro.
Silêncio.
Curto.
Mas suficiente.
Ela ergueu o olhar.
Direto.
Para Vortigan.
Sem filtro.
Sem papel.

Sem máscara.
E falou.
Para a arena.
Para o público.
Mas principalmente para ele.
— Você chama isso de valor.
A voz ecoou.
Diferente.
Mais direta.
Mais… humana.
O público silenciou.
Confuso.
Isso não fazia parte do show.
Vortigan não reagiu imediatamente.
Apenas observou.
— Mas você não entende o que está criando.
Uma pausa.
— Porque isso não pode ser controlado.
Lykon reagiu.
Imediato.
— Interferência detectada.
— Tentando restaurar controle.
Ele acionou ÂNCORA.
Nada.
Tentou novamente.
Nada.
Uma falha apareceu.
Pequena.
Mas impossível.
— Protocolo… não responde.
Disse.
Pela primeira vez—
com algo próximo de surpresa.
Vortigan não desviou o olhar.

— Continue.
Disse.
Baixo.
Para Lyssara.
Ela respondeu.
— Você escolheu construir uma arena.
— Escolheu controle.
— Escolheu um produto.
Uma pausa.
Mais longa.
— Nós escolhemos algo diferente.
Silêncio total.
A arena inteira presa naquele momento.
Lyssara não levantou a voz.
Não precisava.
— Nós escolhemos… liberdade.
E então—
ela moveu a mão.
Um gesto simples.
Direto no sistema.
Acesso total.
Controle absoluto.
— Acesso central confirmado.
— Override manual ativo.
Disse a própria voz da arena.
Mas agora—
respondendo a ela.
Lykon tentou intervir.
— Bloqueando—
Falha.
Os parâmetros mudaram.
Instantaneamente.
— Gravidade: variável.
— Limites removidos.

— Controle: manual.
O primeiro pulso veio—
violento.
Sem suavização.
Sem transição.
3G.
Direto.
Os corpos foram esmagados contra o chão.
Os convidados—
não estavam preparados.
Os implantes ajudaram.
Mas não o suficiente.
Gritos.
Desorganização.
Pânico.
Antes que pudessem reagir—
0G.
Ruptura total.
Corpos lançados.
Mesas.
Estruturas.
Vidros.
Tudo flutuando.
Colidindo.
Sem controle.
Sem direção.
Lyssara permaneceu estável.
Kaelith já estava em movimento.
Agora—
real.
Ionus também.
Brakkus avançou.
Guardas tentaram reagir.
Tarde.

Sem adaptação.
Sem preparo.
Os gladiadores não lutavam mais entre si.
Lutavam juntos.
Contra o sistema.
Contra os operadores.
Contra os donos.
O público não era mais espectador.
Era alvo.
Vortigan permaneceu de pé.
Mesmo com a gravidade instável.
Observando.
Não em pânico.
Mas em… fascínio.
— Interessante.
Disse.
Finalmente.
Lykon lutava contra o sistema.
— Perdendo controle.
— Perda Total.
— Não consigo—
Lyssara olhou para ele.
De longe.
E então—
a gravidade mudou novamente.
Agora—
caos puro.
Vetores múltiplos.
Sem padrão fixo.
Sem previsibilidade.
A arena—
se tornou uma arma.
E ela—
o gatilho.

CAPÍTULO 7
REBELIÃO

O mundo já não obedecia mais.
Vetores cruzavam em direções impossíveis.
Gravidade puxava, soltava, invertia.
Sem ritmo.
Sem padrão.
Sem misericórdia.
Corpos eram lançados contra estruturas.
Painéis se despedaçavam.
Vidros se estilhaçavam em milhares de fragmentos que não caíam—
flutuavam.
Girando.
Cortando.
Matando.
A arena não era mais um palco.
Era um colapso controlado.

E Lyssara estava no centro dele.
Imóvel por um instante.
Sentindo.
Não o caos—
o controle.
Ela não reagia ao sistema.
Ela era o sistema.
— Saída.
Disse.
Direto.
Sem elevar a voz.
Os outros ouviram.
Não com os ouvidos.
Com o mesmo canal.
Kaelith já estava em movimento.
Corpo leve.
Aproveitando os vetores instáveis como impulso.
Ela deslizou entre destroços.
Desviou de um corpo em rotação.
Cortou um guarda no caminho.
Sem parar.
Sem olhar.
Ionus veio atrás.
Mais pesado.
Mas mais preciso.
Cada movimento economizado.
Cada ação necessária.
Brakkus avançava como uma força.
Mesmo com um braço.
Mesmo ferido.
Ele usava a própria massa contra o ambiente.
Se lançava.
Colidia.
Quebrava caminho.

Lyssara se moveu.
Não correndo.
Mas navegando.
Como na arena.
Só que agora—
sem limites.
Sem atraso.
Sem ÂNCORA.
Um vetor lateral puxou tudo para a esquerda.
Violento.
Um grupo de convidados foi esmagado contra uma parede estrutural.
Sem chance.
Sem resistência.
Lyssara não olhou.
Não era mais sobre eles.
Era sobre sair.
— Passarela superior.
Disse.
A rota apareceu.
Não nos olhos—
no sistema.
Ela abriu caminho.
Portas travadas.
Selos de segurança.
Tudo cedeu.
Um comando.
Uma quebra.
Kaelith chegou primeiro.
Se prendeu a uma estrutura suspensa.
Girou.
Mudou direção.
— Aqui.
Ionus estabilizou atrás.

Brakkus veio como impacto.
A estrutura quase cedeu.
Mas segurou.
Por pouco.
Lyssara chegou por último.
Sem esforço visível.
Controle absoluto.
Atrás deles—
guardas.
Mais organizados agora.
Magnetizados ao chão.
Equipamentos adaptativos.
Treinados.
Mas ainda—
inferiores.
— Interceptar!
Um deles gritou.
Inútil.
Kaelith avançou.
Primeiro contato.
Corte limpo.
Direto.
Sem desperdício.
Ionus segurou o segundo.
Movimento pesado.
Mas eficiente.
Quebrou a defesa.
Finalizou.
Brakkus não lutou.
Ele esmagou.
Sem técnica.
Sem precisão.
Mas definitivo.
Lyssara passou.

Sem parar.
Ela não lutava mais.
Ela guiava.
A passarela levava às docas.
Naves alinhadas.
Elegantes.
Prontas para fuga.
Para quem pagou.
Não para quem lutou.
Até agora.
Um último pulso atravessou a estrutura.
A arena respondeu.
Instável.
Perigosa.
Demais.
Os sistemas começaram a falhar.
Não por ataque—
por sobrecarga.
Gravidade em múltiplos estados ao mesmo tempo.
Impossível sustentar.
Lyssara percebeu.
— Está colapsando.
Kaelith sorriu.
Mesmo ferida.
— Melhor.
Os últimos guardas tentaram formar linha.
Desesperados.
Sabiam.
O controle havia sido perdido.
Lyssara não desacelerou.
A gravidade inverteu.
Tudo subiu.
Por um segundo—

todos estavam soltos.
Lyssara usou.
Impulso perfeito.
Ela atravessou a linha.
Sem ser tocada.
Kaelith veio logo atrás.
Ionus.
Brakkus.
Impacto.
Ruptura.
A linha quebrou.
Os guardas não conseguiram acompanhar.
Eles entraram na doca.
O espaço era maior.
Mais aberto.
Mais perigoso.
Uma nave ainda ativa.
Porta aberta.
Tripulação ausente.
Ou morta.
Não importava.
— Essa.
Disse Lyssara.
Sem dúvida.
Kaelith entrou primeiro.
Verificando.
Limpo.
Ionus logo atrás.
Brakkus por último.
Forçando entrada.
Lyssara parou.
Por um instante.
Virou.
Olhou.

O Circus Abyssalis—
não era mais uma estrutura.
Era um erro.
Blocos se desprendendo.
Campos gravitacionais colidindo entre si.
Seções inteiras sendo esmagadas.
Outras sendo lançadas ao vazio.
O próprio sistema—
consumindo a si mesmo.
Vortigan ainda estava lá.
Distante.
Pequeno agora.
Mas visível.
Observando.
Até o fim.
Lyssara sustentou o olhar.
Por um último segundo.
Sem vitória.
Sem despedida.
Apenas… consequência.
Ela entrou na nave.
A porta se fechou.
Selada.
O sistema respondeu ao comando dela.
A nave se soltou.
Sem autorização.
Sem protocolo.
Acelerou.
Saindo da estrutura.
Rompendo o perímetro.
Atrás deles—
o Circus Abyssalis colapsava.
Não explodia.
Era desfeito.

Dobrando sobre si.
Gravidade consumindo matéria.
Luz sendo distorcida.
Silêncio absoluto.
Lyssara permaneceu de pé.
Dentro da nave.
Observando.
Os outros—
vivos.
Feridos.
Mas livres.
Pela primeira vez.
Sem sistema.
Sem comando.
Sem ÂNCORA.
Apenas… escolha.
Kaelith encostou na parede.
Respirando mais pesado agora.
Mas sorrindo.
— Então…
Uma pausa.
— O que a gente faz agora?
Lyssara não respondeu imediatamente.
Ela olhou para o vazio.
Para o que restava.
Para o que viria.
E então—
— Vamos decidir por nós mesmos.
Silêncio.

FIM.

FERITAS
VALHALLAE

CAPÍTULO 1
O PACTO QUEBRADO

O céu de Valhalla IX não era estático.

Ele respirava.

Auroras verdes rasgavam a escuridão como veias vivas, pulsando sobre as planícies congeladas. Cada onda de luz atravessava o firmamento com uma lentidão solene, como se o próprio mundo estivesse observando.

E naquela noite…

ele estava desperto.

O gelo sob as patas dos Theryn-Kaal não era apenas frio — era antigo.

Antigo o suficiente para lembrar.

O círculo ritual estava traçado há horas.

Runas ancestrais, talhadas diretamente no gelo negro, irradiavam um brilho pálido — não mágico, mas… orgânico. Como se aquilo não tivesse sido criado, e sim revelado.

Ao redor do círculo, guerreiros permaneciam imóveis.

Nenhum som.

Nenhuma respiração audível.

Apenas presença.

Kaeryn Vael'Thar estava ajoelhada no centro.

Sua armadura com detalhes esverdeados representava seu clã, Zain'Kaal, mais aberto à novas culturas e mudanças.

Suas adagas de lâminas curvas repousavam horizontalmente à sua frente, refletindo fragmentos das auroras acima. Seus olhos verde-luminescentes permaneciam fixos nas inscrições sob o gelo.

Ela não estava olhando.

Ela estava lendo.

Não palavras.

Mas intenções.

— Está inquieto.

A voz veio de trás.

Grave. Estável.

Rhaek'Tor Mael-Khun.

Sua armadura era completamente de couro em tons ocres, representado as cores de seu clã, Khuur'Kaal, extremamente tradicionalistas e fechados ao mundo exterior.

Kaeryn não se virou.

— O gelo não está estável.

Silêncio.

Um leve deslocamento de peso. O som quase imperceptível de metal contra couro.

Rhaek'Tor se aproximou um passo.

— O gelo nunca está estável nessa parte do mundo.

— Está pior hoje.

Agora ela levantou o olhar.

Não para ele.

Para além.

Para o centro do círculo.

Ali onde nada deveria existir… havia uma fissura.

Quase invisível.

Mas viva.

Ela pulsava.

Um dos anciões avançou.

Pelagem marcada pelo tempo. Cicatrizes antigas cruzando o torso. Ele carregava nas mãos uma lâmina ritual — mais larga, mais pesada, marcada por símbolos que nenhum jovem ousaria interpretar.

— O pacto será reafirmado.

A voz dele não era alta.

Mas ecoava.

Não no ar.

No gelo.

Os guerreiros ao redor bateram os punhos contra o peito.

Uma única vez.

O som reverberou como um trovão contido.

Kaeryn sentiu.

Não como emoção.

Mas como ruptura.

Algo… desalinhado.

— Espere.

A palavra escapou antes que ela pudesse contê-la.

O ancião não parou.

— O ciclo não pode ser interrompido.
— O ciclo está errado!
Agora o silêncio mudou.
De respeito…
para tensão.
Rhaek'Tor deu meio passo à frente.
Não agressivo.
Mas presente.
— Cuidado com suas palavras.
Kaeryn finalmente se levantou.
A neve sob seus pés não cedeu.
— Olhe o ciclo.
Ela apontou para o centro.
Para a fissura.
Agora visível.
Agora pulsando.
E então… o gelo respondeu.
Um som profundo.
Não alto.
Mas impossível de ignorar.
Como algo se movendo…
muito abaixo.
Os guerreiros ao redor se tensionaram.
Alguns deram um passo atrás.
Outros firmaram posição.
Rhaek'Tor não se moveu.
Mas seus olhos mudaram.
O ancião finalmente parou.
Não por dúvida.
Mas porque o mundo havia feito isso por ele.
A fissura se abriu um pouco mais.
A luz que emergiu não era verde.
Nem azul.
Era… vermelha.

Kaeryn sussurrou:

— Isso não estava aqui antes.

E pela primeira vez em gerações… o pacto se quebrou.

O ancião ergueu a lâmina.

Lentamente.

Sem hesitação.

Como havia sido feito incontáveis vezes antes.

A lâmina desceu.

Um corte seco em sua pata.

O sangue tocou o gelo.

E por um breve instante…

tudo pareceu correto.

As runas responderam.

Luz percorreu os sulcos talhados no chão, conectando símbolo a símbolo em um fluxo contínuo, como raízes despertando sob a superfície. O brilho aumentou, pulsando em sincronia com o coração coletivo dos clãs.

O ritual havia começado.

Um murmúrio baixo atravessou os presentes.

Não de dúvida.

Mas de reconhecimento.

Era assim que sempre acontecia.

Era assim que sempre funcionava.

Kaeryn não se moveu.

Seus olhos estavam fixos na fissura.

Ela estava crescendo.

Devagar.

Mas inevitavelmente.

— Não… — ela sussurrou, quase sem voz.

Rhaek'Tor ouviu.

E dessa vez, ele também olhou.

Diretamente.

Para o centro.

A pulsação mudou.

As runas começaram a acelerar.

O brilho deixou de ser uniforme.

Algo estava… forçando resposta.

O gelo tremeu.

Um estalo seco cortou o ar.

E então outro.

E outro.

As linhas rúnicas começaram a se distorcer, como se algo estivesse pressionando contra elas de baixo para cima.

O ancião franziu o cenho.

Pela primeira vez.

— Sustentem o fluxo! — ordenou, a voz agora mais firme.

Os guerreiros ao redor cravaram os pés no chão.

Alguns avançaram um passo.

Outros baixaram a postura.

Mas já era tarde.

A fissura se abriu mais.

E a luz vermelha irrompeu.

Violenta.

Crua.

Errada.

O círculo inteiro tremeu.

As runas falharam.

Uma a uma.

Como se estivessem sendo apagadas por uma força que não reconheciam.

Kaeryn recuou meio passo.

Não por medo.

Mas por instinto.

— Isso foi uma rejeição. — disse, agora em voz alta.

O gelo rachou.

Não em linhas.

Mas em fragmentos.

Placas inteiras começaram a se elevar e colapsar, como se o solo estivesse respirando de forma descontrolada.

O som veio em seguida.

Um rugido.

Não alto.

Mas profundo o suficiente para atravessar ossos.

Vindo de baixo.

Muito abaixo.

Alguns guerreiros perderam o equilíbrio.

Outros sacaram suas armas por puro reflexo.

Rhaek'Tor finalmente se moveu.

Avançou.

Colocando-se parcialmente à frente de Kaeryn.

— Recuem do círculo — ele ordenou.

Mas ninguém se moveu.

Ninguém queria ser o primeiro a quebrar a formação.

Então o ritual se quebrou por eles.

A explosão veio do centro.

Uma onda de energia vermelha se expandiu violentamente, rasgando o círculo ritual, lançando gelo e fragmentos rúnicos para todos os lados. O impacto foi seco, brutal, sem aviso.

Kaeryn foi jogada para trás, deslizando sobre o gelo antes de travar o movimento com as garras.

Rhaek'Tor absorveu o impacto de frente, sendo empurrado alguns metros, suas botas rasgando a superfície congelada.

O ancião caiu.
A lâmina ritual foi arremessada para longe.
As runas…
se apagaram.
Todas.
O silêncio que se seguiu não era vazio.
Era pesado.
Denso.
Errado.
Uma névoa fina começou a se erguer do centro destruído do círculo.
Não vapor comum.
Algo mais escuro.
Mais espesso.
Kaeryn se levantou primeiro.
Respiração controlada.
Olhos fixos.
— O ritual não falhou…
Ela deu um passo à frente.
Lento.
Cauteloso.
— Ele foi interrompido.
Rhaek'Tor virou o rosto na direção dela.
Pela primeira vez…
não havia certeza em sua expressão.
Ao redor, os clãs começavam a reagir.
Vozes.
Baixas no início.
Depois mais altas.
Acusações veladas.
Olhares cortando o gelo mais afiado que qualquer lâmina.
Um dos guerreiros avançou.
— Isso foi sabotagem.

Outro respondeu imediatamente:

— Seu clã conduziu o traçado!

— E o seu trouxe as oferendas!

O ancião tentou se erguer.

Com dificuldade.

— Silêncio… — ele disse, mas a autoridade já não era suficiente para conter o que havia sido despertado.

Porque algo havia mudado.

Não apenas no ritual.

Mas entre eles.

Kaeryn olhou novamente para a fissura.

Agora aberta.

Agora instável.

E por um instante…

muito breve…

ela teve a certeza de que algo lá embaixo…

havia olhado de volta.

O silêncio não durou.

Ele se quebrou de dentro para fora.

Primeiro, um tremor leve percorreu o gelo, quase imperceptível — como um músculo contraindo sob a pele do mundo. Depois outro, mais forte. E então um terceiro, que fez toda a clareira vibrar.

O chão não estava apenas instável.

Ele estava reagindo.

As fissuras abertas pelo colapso do ritual começaram a se expandir, serpenteando pelo terreno como veias expostas. Algumas eram finas, quase delicadas. Outras se abriam com violência, liberando rajadas de ar quente que não pertenciam àquele planeta.

Calor.

Em Valhalla IX.

Isso não existia.

Kaeryn sentiu primeiro.

Não na pele.

Mas no instinto.

Algo estava errado em um nível mais profundo do que falha ritualística.

Ela se aproximou mais um passo do centro destruído.

Rhaek'Tor não a impediu dessa vez.

Mas ficou próximo.

Muito próximo.

Pronto.

— Isso não é apenas o ritual — ela disse, analisando as rachaduras que agora se aprofundavam no gelo. — Isso já estava acontecendo antes.

Um novo som emergiu.

Mais longo.

Mais arrastado.

Como pedra sendo arranhada por algo muito maior do que ela deveria suportar.

Alguns guerreiros recuaram instintivamente.

Outros olharam ao redor, buscando uma ameaça visível.

Mas não havia nada na superfície.

Tudo vinha de baixo.

Sempre de baixo.

O ancião finalmente conseguiu se erguer, apoiando-se em um dos outros membros do clã. Seus olhos estavam fixos no solo, não em confusão… mas em reconhecimento.

— Eu já ouvi isso antes — ele disse, a voz mais baixa do que qualquer um ali já tinha escutado.

Kaeryn virou o rosto lentamente.

— Onde?

O ancião demorou um segundo a responder.

Como se dizer aquilo em voz alta tornasse real demais.

— Nas histórias antigas.

Rhaek'Tor estreitou os olhos.

— Histórias não causam isso.

Outro tremor interrompeu qualquer tentativa de resposta.

Mais violento.

Dessa vez, várias das fissuras se abriram simultaneamente, rasgando o terreno em padrões irregulares. Fragmentos de gelo se desprenderam e deslizaram para dentro das fendas, desaparecendo em uma escuridão que parecia não ter fundo.

E então veio o som.

Não mais arranhando.

Não mais distante.

Um pulso.

Grave.
Profundo.
Rítmico.
Como um coração.
Kaeryn congelou.
Não por medo.
Mas porque finalmente entendeu.
— Não é só um som… — ela murmurou.
— É um ritmo.
Rhaek'Tor olhou para ela.
— De quê?
Ela não respondeu imediatamente.
Seus olhos estavam fixos em uma das fissuras maiores, de onde a luz vermelha agora escapava de forma constante, pulsando em sincronia com aquele batimento profundo.
Cada pulsar fazia o gelo vibrar.
Cada pausa fazia o mundo prender a respiração.
— De algo vivo.
O silêncio ao redor voltou.
Mas agora não era dúvida.
Era compreensão se formando.
O ancião fechou os olhos por um breve instante.
E quando falou novamente, não havia hesitação.
— Primus Ferox.
O nome caiu no ar como uma lâmina.
Alguns dos guerreiros reagiram imediatamente.
— Isso é mito.
— Lenda de clãs antigos.
— Não existe.
— Não deveria.
Rhaek'Tor não disse nada.
Mas sua postura mudou.
Mais rígida.

Mais preparada.

— Se isso for verdade — ele disse, olhando diretamente para o ancião — então o ritual não foi interrompido por falha.

O ancião abriu os olhos.

— Foi impedido.

Kaeryn deu mais um passo à frente.

Agora muito próxima da borda da fissura.

O calor era mais intenso ali.

Anormal.

Desconfortável.

Errado.

Ela ajoelhou lentamente, ignorando os olhares ao redor, e aproximou a mão do ar que subia da abertura.

Não tocou.

Mas sentiu.

Não era apenas calor.

Era… presença.

Algo que não estava apenas abaixo deles.

Mas consciente.

Observando.

Esperando.

E então o pulso parou.

Completamente.

O mundo ficou imóvel.

Sem tremor.

Sem som.

Sem vento.

Nada.

Por um segundo longo demais.

Kaeryn prendeu a respiração.

Rhaek'Tor também.

Todos ali sentiram.

Mesmo aqueles que não entendiam.

Algo havia mudado.
Lá embaixo.
E então…
o pulso retornou.
Mais forte.
Mais lento.
Mais… atento.
Kaeryn retirou a mão lentamente.
Se levantou.
E falou, agora sem qualquer dúvida:
— Isso não está só despertando.
Ela olhou ao redor.
Para os clãs.
Para o ancião.
Para Rhaek'Tor.
— Já estava acordado.

CAPÍTULO 2
SINAIS SOB O GELO

O vento havia mudado.

Não em força.

Mas em intenção.

A clareira ritual já não era um espaço sagrado.

Era território disputado.

Os clãs não se afastaram.

Eles se reorganizaram.

Formações sutis, quase instintivas, começaram a surgir ao redor do círculo destruído. Pequenos agrupamentos, separados não por ordem… mas por desconfiança.

Kaeryn percebeu primeiro.

O seu clã, os Zain'Kaal estavam mais próximos dela agora.

Os Khuur'Kaal, mais densos, mais fechados, formando uma linha sólida ao redor de Rhaek'Tor.

E entre eles…

o espaço vazio.

O gelo ainda rachado.

Ainda pulsando.

— Isso não foi falha.

A voz cortou o ar com precisão.

Aeryn Sol'Kha avançou.

A líder do clã dos Khuur'Kaal.

Sua presença era diferente das demais.

Não pela força.

Mas pelo controle.

Cada movimento era calculado, eficiente, quase elegante demais para um campo de tensão. Sua armadura dourada refletia as auroras, criando a impressão de que ela carregava luz própria — mas seus olhos não acompanhavam aquela aparência.

Eram frios.

Analíticos.

— O traçado foi comprometido.

Ela olhou diretamente para o círculo.

Depois para Kaeryn.

— E isso começa com quem o desenhou.

Um murmúrio imediato percorreu os Zain'Kaal.

Kaeryn não reagiu.

Mas seu corpo se alinhou.

— Cuidado — ela disse, a voz baixa, mas firme — com acusações que você não pode sustentar.

— Eu não faço acusações — respondeu Aeryn — eu identifico padrões.

O gelo estalou novamente.

Mais forte.

Como se reagisse à tensão crescente.

— Chega.

A voz veio como uma ruptura.

Mais pesada.

Mais antiga.

Tharvok Vael'Thyr, o Grande Ancião, não avançou rápido.

Ele não precisava.

Quando se moveu, o espaço se abriu para ele.

Naturalmente.

Como se o próprio ar reconhecesse sua autoridade.

Sua presença era diferente de todos ali.

Não apenas pela imponência física, nem pela armadura adornada com fragmentos cristalinos ancestrais.

Mas pela sensação.

Peso.

Tempo.

História.

Ele não representava um clã.

Ele representava todos.

E nenhum.

— O ritual foi quebrado — ele disse, observando o círculo destruído — e vocês discutem como se ainda estivessem no controle.

Silêncio.

Real.

Denso.

Aeryn não respondeu.

Rhaek'Tor também não.

Nem Kaeryn.

Porque todos sentiram.

Eles não estavam no controle.

Não mais.

— Isso não é conflito entre clãs — continuou Tharvok — isso é algo mais antigo.

Mais profundo.

Ele apoiou o bastão no gelo.

E no instante do contato…

o som cessou.

O pulso.

Por um breve segundo.

Como se algo lá embaixo tivesse… reconhecido.

Os olhos de Kaeryn se estreitaram.

Ela percebeu.

— Primus Ferox — disse Tharvok, sem elevar a voz — não pertence às histórias.

— Pertence a este mundo... e este mundo está reagindo.

Um dos guerreiros deu um passo à frente.

— Então devemos atacar agora. Antes que—

— Atacar o quê? — interrompeu Rhaek'Tor.

Todos os olhares se voltaram para ele.

— Algo que não vemos? Que não entendemos? Que estava lá antes de nós?

Ele respirou fundo.

Controlado.

— Isso não é guerra. Não ainda.

— Ainda? — outra voz surgiu.

Mais fria.

Mais afiada.

Velkor Nythar, conselheiro do clã Zain'Kaal.

Ele não estava entre os grupos principais.

Estava ligeiramente afastado.

Observando.

Como se já estivesse um passo à frente de todos.

Sua presença não era imponente como a de Tharvok.

Nem firme como a de Rhaek’Tor.

Era… precisa.

Direcionada.

— Você fala como se tivesse certeza de que isso pode ser contido.

Seus olhos passaram por Rhaek’Tor.

Depois por Kaeryn.

— Ou como se quisesse evitar que alguém descubra o que realmente aconteceu aqui.

O silêncio voltou.

Mas agora carregado de intenção.

Acusação sem prova.

Mas suficiente.

Rhaek’Tor deu um passo à frente.

Agora não mais apenas presente.

Mas ativo.

— Diga claramente o que está insinuando.

Velkor não recuou.

— Que o ritual não falhou sozinho.

Um novo tremor atravessou o solo.

Mais longo.

Mais profundo.

Como uma resposta.

Tharvok ergueu a mão.

E dessa vez, ninguém ousou falar.

— Chega.

O bastão foi fincado com mais força.

O gelo respondeu com um estalo seco.

— Vocês querem guerra.

Ele olhou ao redor.

Para todos.

— Mas ainda não sabem contra quem.

Pausa.

Curta.

Pesada.

— Então não terão.

Ele virou levemente o rosto.

Primeiro para Kaeryn.

Depois para Rhaek'Tor.

— Vocês dois, os capitães da guarda dos dois clãs, irão descobrir o que aconteceu aqui.

Sem reação imediata.

Mas o impacto foi claro.

— Juntos.

Agora sim.

A tensão mudou de forma.

Rhaek'Tor foi o primeiro a reagir.

— Meu clã não responde por—

— Seu clã responde pelo mundo em que vive — interrompeu Tharvok, sem alterar o tom.

Silêncio.

Kaeryn não disse nada.

Mas seus olhos já estavam no horizonte.

Pensando.

Conectando.

— Se isso for sabotagem — continuou o ancião — encontraremos quem fez.

— E se não for? — perguntou Kaeryn.

Tharvok olhou diretamente para ela.

E por um breve instante…

houve algo diferente.

Não autoridade.

Mas reconhecimento.

— Então vocês descobrirão o que despertamos.

O pulso voltou.

Mais forte.

Mais próximo.

Como se tivesse ouvido.

Velkor observava.
Sem expressão.
Mas atento.
Como alguém que já conhecia a resposta.
E enquanto os clãs permaneciam ali…
divididos…
imóveis…
o gelo sob eles continuava a respirar.

O interior da tenda era quente o suficiente para manter o corpo funcional.

Mas não confortável.

O calor vinha de núcleos cristalinos posicionados ao redor da estrutura, pulsando com uma luz branca suave que contrastava com o azul frio que atravessava o tecido translúcido da cobertura.

Do lado de fora, o vento ainda rugia.

Aqui dentro, ele apenas sussurrava.

Kaeryn estava de pé.

Rhaek'Tor também.

Os dois em lados opostos do espaço central.

Não por formalidade.

Mas por natureza.

Tharvok Vael'Thyr permanecia entre eles, imóvel, apoiado em seu bastão.

Aeryn Sol'Kha estava à direita do ancião, observando em silêncio absoluto.

— O que aconteceu hoje — disse Tharvok — não foi um evento isolado.

— Isso já foi estabelecido — respondeu Rhaek'Tor.

— Não — disse Kaeryn, sem olhar para ele — foi presumido.

Rhaek'Tor virou o rosto lentamente.

— Você está dizendo que não foi sabotagem?

— Estou dizendo que você quer que seja.

O ar dentro da tenda pareceu pesar.

Aeryn não interferiu.

Mas seu olhar se moveu entre os dois, avaliando.

— Sabotagem é a explicação mais lógica — disse Rhaek'Tor — alguém interferiu no ritual.

— Lógica não é sinônimo de resposta correta.

— E instinto não é prova.

Kaeryn finalmente olhou para ele.

— Foi instinto que manteve nosso povo vivo até hoje.

— Foi tradição. — retrucou Rhaek'Tor.

— Foi adaptação. — devolveu Kaeryn.

E assim seguiram.

— Foi disciplina.

— Foi mudança.

— Foi controle.

O silêncio veio rápido.

Cortante.

Os dois não estavam discutindo o ritual.

Estavam discutindo o que os clãs eram.

E o que deveriam continuar sendo.

— Se quebrarmos o código — disse Rhaek'Tor, a voz mais baixa agora, mas mais firme — deixamos de ser clã.

Kaeryn sustentou o olhar.

— Se não quebrarmos quando necessário… deixamos de sobreviver.

Antes que qualquer um dos dois pudesse continuar, o som da entrada da tenda se abriu.

Todos olharam.

Rhaegor Khord entrou.

Sem pressa.

Mas também sem qualquer sinal de urgência.

Sua presença era sólida, imponente, marcada por uma autoridade diferente da de Aeryn. Onde ela era precisão, ele era estabilidade. Onde ela analisava, ele sustentava.

Mas havia algo fora do lugar.

Aeryn percebeu imediatamente.

— Você não estava no ritual.

A frase veio direta.

Sem rodeios.

Rhaegor não se abalou.

— Cheguei assim que fui informado.

— Depois de tudo já ter acontecido.

— O que não muda o fato de que aconteceu.

Os olhos de Aeryn se estreitaram levemente.

Não era uma acusação.

Ainda.

Mas já era desconfiança.

Tharvok ergueu levemente o bastão.

— Não estamos aqui para discutir ausências.

Ele olhou para todos.

Um por um.

— Estamos aqui para entender o que está em jogo.

Silêncio.

Agora mais controlado.

Mais focado.

— O local do ritual — continuou o ancião — não é o único ponto de poder deste mundo.

Kaeryn franziu levemente o cenho.

Rhaek'Tor também.

— Existem outros dois.

Tharvok virou levemente o bastão.

E ao tocar o chão, uma projeção sutil se formou no ar.

Precisa.

— Um antigo castelo nas montanhas do norte.

A imagem se formou.

Estrutura colossal.

Antiga.

Enterrada parcialmente no gelo.

— E o outro…

A imagem mudou.

Uma árvore.

Imensa.

Cristalina.

Raízes que pareciam atravessar o próprio mundo.

— Yggdrasil.

O nome não foi explicado.

Não precisava.

— Se qualquer um desses pontos for comprometido…

Ele pausou.

— O ritual falha.

Kaeryn absorveu aquilo rapidamente.

— Então não foi apenas o que vimos.

— Não — respondeu Tharvok — foi parte de algo maior.

Rhaek'Tor cruzou os braços.

— E o ritual?

Agora todos olharam para o ancião.

— O que exatamente ele faz?

Tharvok demorou um segundo.

Como se estivesse escolhendo o quanto revelar.

Ou talvez… como dizer algo que já deveria ser óbvio.

— Há milênios — começou — nossos clãs eram inimigos.

Ninguém reagiu.

Todos sabiam disso.

— Cada um buscava poder.

Domínio.

Superioridade.

— E encontraram.

O silêncio mudou.

— A fera.

A palavra caiu pesada.

— Primus Ferox.

Kaeryn sentiu novamente.

O pulso.

Mesmo ali dentro.

— Eles tentaram controlá-la — continuou Tharvok — usá-la para destruir uns aos outros.

— E falharam — disse Rhaek'Tor.

— Não completamente.

Agora sim.

Todos prestavam atenção.

— Eles entenderam algo... algo que quase esquecemos.

— Que ela não pode ser controlada.

— Apenas contida.

O bastão tocou o chão novamente.

— O pacto foi feito.

— Nenhum clã usaria esse poder contra outro.

— E juntos…

Ele olhou para os quatro.

— Nós a selamos.

Silêncio absoluto.

— O ritual — concluiu — não mantém só a tradição.

Ele pausou.

— Mantém o mundo intacto.

Nenhum dos presentes respondeu.

Porque agora…

o peso era outro.

Tharvok se moveu.

Lentamente.

E ativou um compartimento lateral da tenda.

Pequenos dispositivos foram revelados.

Simples.

Compactos.

— Comunicação.

Ele entregou um a Kaeryn.

Outro a Rhaek'Tor.

— Localização.

Outro conjunto.

— Rastreamento.

Rhaegor observava em silêncio.

Aeryn também.

— Vocês não estarão sozinhos.

— Mas estarão à frente da investigação.

Kaeryn analisou o dispositivo rapidamente.

Tecnologia simples.

Mas funcional.

— E transporte? — perguntou Rhaek'Tor.

Tharvok não respondeu imediatamente.

Apenas fez um gesto com o bastão.

Do lado de fora da tenda, algo pesado se moveu.

O som veio primeiro.

Metal.

Gelo sendo esmagado.

E então a silhueta surgiu.

O Ferarx.

Massivo.

Blindado.

Com a estrutura lembrando uma criatura predatória, adaptada para atravessar aquele mundo impossível.

— Essa é a forma mais rápida de cruzar Valhalla IX — disse Tharvok — naves não sobrevivem tempo suficiente em nossa geada eterna.

Rhaek'Tor observou o veículo.

Aprovando.

— Funcional.

Kaeryn começou a caminhar em direção à saída.

Sem hesitar.
— Então vamos.
Rhaek'Tor a acompanhou.
Rhaegor permaneceu.
Aeryn também.
Ambos observando.
Avaliando.
Talvez… desconfiando.
O frio voltou com força quando saíram da tenda.
O vento não sussurrava mais.
Ele testava.
O Ferarx estava ali.
Imponente.
Vivo, de certa forma.
Rhaek'Tor se aproximou primeiro.
Parou.
Observou algo.
E então olhou para Kaeryn.
— Isso é sério?
Ela seguiu o olhar.
Uma bandeira.
Finacada no topo da estrutura.
Zain'Kaal.
Ele ficou em silêncio por um segundo.
— Imagino que não seja removível.
Kaeryn cruzou os braços.
— Eu achei ótimo.
Rhaek'Tor deu de ombros e subiu primeiro.
— Se alguém tentar nos atacar, vamos dar conta.
Kaeryn subiu logo depois.
— Com certeza.
O motor do Ferarx respondeu.
Grave.
Profundo.

Como o mundo lá embaixo.

As esteiras começaram a girar.

O gelo cedeu.

E pela primeira vez desde o ritual… eles estavam se movendo.

Na direção do desconhecido.

CAPÍTULO 3
FERARX CORTA O GELO

O Ferarx avançava como se o próprio terreno tivesse sido feito para ele.

As esteiras rasgavam o gelo com consistência brutal, abrindo caminho através de camadas antigas e compactadas que nenhum outro veículo conseguiria atravessar com aquela estabilidade. O som era constante. Grave. Ritmado.

Quase reconfortante.

Por dentro, o veículo vibrava em um padrão contínuo, absorvendo o impacto do terreno irregular. Painéis iluminados projetavam dados em tempo real, rotas possíveis, variações térmicas e leituras de profundidade do gelo.

Lá fora, o mundo mudava.

A cada quilômetro.

O branco absoluto das planícies começou a se fragmentar em estruturas naturais distorcidas, formações de gelo que se erguiam como espinhos, algumas tão altas quanto torres. O vento carregava partículas finas que riscavam a superfície do Ferarx, como se o próprio ambiente tentasse desgastá-lo.

Kaeryn observava.

Não apenas o caminho.

Mas o padrão.

— Estranho.

Rhaek'Tor não desviou os olhos da frente.

— O quê?

— Esses lugares.

Ela ampliou o mapa.

— Os pontos de poder.

Ela marcou o castelo.

Depois a região da Yggdrasil.

— Nenhuma proteção.

Silêncio.

Rhaek'Tor considerou por um instante.

— Concordo.

Ele apoiou o braço no console.

— Se são tão importantes… deveriam estar sob vigilância constante.

Kaeryn balançou levemente a cabeça.

— Espera... pode ser que não precisasse.

Ela olhou para ele.

— Ninguém sabia.

— Como assim?

— Além do Grande Ancião… ninguém sabia que esses locais faziam parte do ritual.

Rhaek'Tor franziu o cenho.

— Isso não faz sentido.

— Faz.

Ela apontou para uma região isolada no mapa.

— O vale da Yggdrasil é sagrado.

— Ninguém entra sem autorização.

— Por tradição.

O silêncio voltou.

Mas agora mais denso.

— Então — disse Rhaek'Tor — alguém descobriu.

— Ou sempre soube e fingia não saber.

Antes que ele pudesse responder, um som agudo atravessou o interior do Ferarx.

O radar.

Kaeryn reagiu primeiro.

— Contato!

A interface mudou instantaneamente.

Três pontos.

Movendo-se rápido.

Direto na rota deles.

Rhaek'Tor ajustou a visão externa.

O horizonte se abriu.

E então eles apareceram.

Veículos.

Baixos.

Rápidos.

Blindagem irregular.

Movimento coordenado.

— Isso não é uma patrulha — disse Kaeryn.

— Não — respondeu Rhaek'Tor — isso é uma equipe de interceptação.

Os três veículos se separaram.

Formação de ataque.

Um pela esquerda.

Outro pela direita.

O terceiro direto.

— Preparar armamento.

Kaeryn já estava nos controles.

O sistema respondeu.

Canhões frontais ativos.

Rhaek'Tor ajustou a trajetória.

— Vamos manter linha.

— Eles querem nos cercar.

— Não vou deixar.

O primeiro disparo veio deles.

Um projétil de energia colidiu com a lateral do Ferarx, dissipando parcialmente na blindagem, mas forte o suficiente para fazer o veículo vibrar.

— Blindagem segura — disse Kaeryn.

— Por enquanto.

— Então vamos encerrar rápido.

O Ferarx respondeu.

Kaeryn apertou o gatilho.

O canhão frontal disparou.

Um impacto direto.

O veículo central foi atingido na base, a estrutura cedeu e ele girou descontrolado antes de explodir contra uma formação de gelo.

Os outros dois ajustaram imediatamente.

Mais rápidos.

Mais agressivos.

— Eles são bons — disse Rhaek'Tor.

— São treinados.

— Com certeza não são amadores.

Kaeryn reposicionou o sistema.

— Então vamos tratá-los como profissionais.

O veículo da esquerda avançou mais rápido, tentando flanquear.

Rhaek'Tor girou o Ferarx bruscamente.

— Segura.

As esteiras agarraram o gelo.

E então avançaram direto.

Colisão.

O impacto foi brutal.

O Ferarx esmagou parcialmente o veículo inimigo, empurrando-o contra o terreno até a estrutura ceder completamente.

— Menos um.

— Falta o outro.

O último veículo tentou recuar.

Tarde demais.

Kaeryn travou o alvo.

Disparo.

Direto.

A explosão iluminou o campo por um instante.

E então…

silêncio.

Apenas o vento.

E o motor.

Ainda ativo.

Então o Ferarx desacelerou.

Parou.

Kaeryn já estava se levantando.

— Vamos.

Rhaek'Tor não questionou.

Os dois desceram.

O frio voltou com força imediata, cortando a pelagem exposta.

Os destroços ainda estavam quentes.

Fumaça subia lentamente.

Kaeryn caminhou até o veículo menos destruído.

Abriu a estrutura à força.

Dentro…

um corpo.

Ainda vivo.
Por pouco.
Rhaek'Tor puxou o atacante para fora.
— Quem enviou vocês?
Silêncio.
Respiração falha.
O indivíduo tentou reagir.
Mas não respondeu.
Kaeryn analisou rapidamente.
— Sem insígnias.
— Sem marcas de clã.
— Equipamento limpo.
Rhaek'Tor apertou mais forte.
— Isso não é coincidência.
O atacante tentou falar.
Nenhuma palavra clara.
Apenas um som quebrado.
E então…
parou.
Morto.
Rhaek'Tor largou o corpo.
Observando.
— Eles não são mercenários comuns.
Rhaek'Tor olhou ao redor.
— Sabiam exatamente onde estar.
— E quando.
Kaeryn completou.
— Isso não foi só reação ao ritual.
Ela olhou para os destroços.
Depois para o horizonte.
— Isso já estava planejado.
Silêncio.
Agora diferente.
Mais claro.

Mais perigoso.

Rhaek'Tor se levantou.

— Então não tentaram nos parar.

Kaeryn virou o rosto para ele.

— Tentaram nos eliminar.

O vento soprou mais forte.

Como resposta.

Ou aviso.

E pela primeira vez desde que deixaram a cidade…

ficou claro.

Eles não estavam investigando um evento.

Eles estavam dentro de algo muito maior.

E alguém… já estava um passo à frente.

O terreno começou a subir.

Gradualmente no início.

Depois de forma implacável.

O Ferarx avançava com mais esforço agora, as esteiras cravando-se no gelo inclinado enquanto o vento se tornava mais denso, mais pesado, carregando partículas maiores que batiam contra a blindagem como pequenas lâminas.

As formações naturais desapareceram.

Substituídas por algo diferente.

Mais… organizado.

Kaeryn percebeu primeiro.

— Isso não é natural.

Rhaek'Tor diminuiu a velocidade.

À frente, parcialmente enterradas sob camadas de gelo e neve, estruturas começavam a surgir.

Linhas retas.

Ângulos definidos.

Superfícies trabalhadas.

— Construção.

— Antiga — completou Kaeryn.

O Ferarx avançou mais alguns metros.

E então o castelo surgiu.

Colossal.

Silencioso.

Enterrado.

Torres quebradas projetavam-se para fora do gelo como ossos expostos. Partes da estrutura haviam cedido há muito tempo, mas o que restava ainda carregava presença.

Não era ruína esquecida.

Era ruína contida.

— Isso esteve aqui por muito tempo — disse Rhaek'Tor.

Kaeryn não respondeu.

Ela estava observando os detalhes.

— Não é arquitetura dos clãs.

— Não.

Ela desceu do Ferarx antes mesmo do veículo parar completamente.

O frio atingiu com força.

Mas havia algo mais ali.

Algo no ar.

Um peso diferente.

Rhaek'Tor a seguiu.

Os dois avançaram.

Passo a passo.

O gelo rangia sob seus pés, mas havia áreas onde ele não era natural — superfícies lisas, como se tivessem sido moldadas e depois congeladas ao longo dos séculos.

Kaeryn passou a mão sobre uma parede parcialmente exposta.

Removeu uma camada fina de gelo.

Revelando…

símbolos.

Não rúnicos.

Não tribais.

— Isso não é nosso.

Rhaek'Tor se aproximou.

Analisando.

— Então de quem?

Kaeryn não respondeu imediatamente.

Seus olhos percorriam os padrões.

Repetições.

Estrutura.

— Isso não é apenas construção.

Ela deu um passo para trás.

— É um sistema.

O vento cessou por um breve instante.

Como se o lugar respirasse.

Eles entraram.

O interior era mais preservado do que o exterior sugeria.

As paredes, embora cobertas por gelo em alguns pontos, mantinham integridade. Corredores largos, simétricos, com marcações precisas ao longo das superfícies.

Não havia decoração.

Não havia símbolos de culto.

Apenas função.

— Isso não foi feito para habitação — disse Rhaek'Tor.

— Não.

Kaeryn caminhava lentamente.

Observando tudo.

— Foi feito para operação.

Eles avançaram mais fundo.

O gelo ali dentro era diferente.

Mais fino.

Como se algo tivesse impedido seu avanço completo.

E então encontraram.

Uma câmara.

Central.

Circular.

O teto parcialmente colapsado deixava a luz das auroras penetrar em feixes fragmentados, iluminando o espaço de forma irregular.

No centro…

uma estrutura.

Vertical.

Negra.
Lisa.
Intacta.
Kaeryn parou.
— Isso…
Rhaek'Tor não terminou a frase.
Mas ambos entenderam.
Aquilo não pertencia àquele mundo.
Ela se aproximou.
Cautelosa.
Estendeu a mão.
— Espera — disse Rhaek'Tor.
Tarde.
O contato aconteceu.
E o mundo respondeu.
A estrutura ativou.
Sem som inicial.
Apenas luz.
Linhas percorreram a superfície negra, se acendendo em sequência, como se algo estivesse despertando após um longo período de inatividade.
Então veio o som.
Baixo.
Controlado.
E então…
imagem.
Um holograma se formou.
Instável no início.
Depois… claro.
Uma figura.
Humanoide.
Armadura Segmentada.
Diferente de qualquer coisa que os clãs usavam.
Mais avançada.

Mais… precisa.

Kaeryn não recuou.

Rhaek'Tor também não.

Eles observavam.

— Registro ativo — disse a figura.

A voz era distorcida.

Mas compreensível.

— Estação de contenção Valhalla IX.

Kaeryn trocou um olhar rápido com Rhaek'Tor.

— Contenção…

— Confirmação de falha progressiva nos selos estruturais.

A imagem ao redor mudou.

Projeções do próprio mundo.

Mapas.

Linhas conectando pontos.

O castelo.

O local do ritual.

E outro ponto…

A árvore.

— Yggdrasil.

A palavra surgiu automaticamente.

— Núcleos de estabilização comprometidos.

A voz continuava.

— Entidade classificada como Primus Ferox apresenta sinais de reativação consciente.

Silêncio.

Pesado.

— Entidade… — murmurou Kaeryn.

Rhaek'Tor não disse nada.

Mas sua postura mudou.

— Tentativas de contenção falharam.

A imagem mostrou algo.

Fragmentos.

Massivos.
Movendo-se sob a superfície.
— Recomendação: evacuação do planeta.
Pausa.
— Probabilidade de sobrevivência: inferior a—
A transmissão falhou por um segundo.
Voltou.
— Registro final.
A figura virou levemente o rosto.
Como se estivesse olhando diretamente para eles.
— Não é possível controlar.
A imagem distorceu.
— Apenas atrasar.
E então…
apagou.
O silêncio que ficou era diferente de tudo que haviam experimentado até ali.
Não era dúvida.
Não era medo.
Era compreensão.
Kaeryn deu um passo para trás.
— Roma Aeterna.
Rhaek'Tor finalmente falou.
— Isso é deles.
— Eles estiveram aqui.
— E falharam.
Rhaek'Tor olhou ao redor.
Para a estrutura.
Para o castelo.
Para o mundo além.
— E nós estamos tentando repetir o mesmo erro.
O pulso veio novamente.
Mais forte.
Mais próximo.

Como se tivesse sentido.
Kaeryn fechou a mão.
— Não.
Ela olhou para ele.
— Nós não vamos controlar.
Pausa.
— Vamos entender.
Rhaek'Tor sustentou o olhar.
E dessa vez…
não discordou.
Lá fora, o vento voltou.
Mais intenso.
E ao longe…
quase imperceptível… algo se moveu.
Observando.
Esperando.

CAPÍTULO 4
COMBATE BRUTAL NO CASTELO

O vento voltou primeiro.

Mais forte.

Mais cortante.

Como se algo tivesse sido perturbado.

Kaeryn ainda estava olhando para o local onde o holograma havia desaparecido quando parou.

Então sentiu.

Seu instinto gritou.

— Não estamos sozinhos.

Rhaek'Tor já estava se virando.

A mão direita deslizou para a lâmina curva.

A esquerda… se fechou.

As garras metálicas se projetaram com um som seco.

E então vieram.

Das estruturas quebradas.

Das sombras entre os pilares congelados.

Movimento rápido.

Coordenado.

Silencioso demais para ser improvisado.

Primeiro um.

Depois três.

Depois mais.

Vestidos com as cores dos Khuur'Kaal.

Armaduras ocres.

Marcas de guerra.

Postura agressiva.

Rhaek'Tor estreitou os olhos.

— Isso não faz sentido.

Kaeryn não respondeu.

Mas seu corpo já estava em posição.

— Não temos tempo para pensar nisso.

Foi tudo o que disse.

E então o primeiro ataque veio.

O impacto foi direto.

Um dos atacantes avançou com força total, lâmina descendente, buscando encerrar a luta no primeiro movimento.

Rhaek'Tor não recuou.

Nunca recuava.

A lâmina curva dele subiu em interceptação, desviando o golpe com força bruta enquanto a mão esquerda avançava no mesmo movimento.

As garras atravessaram a lateral da armadura do inimigo.

Metal cedeu.

Carne também.

O corpo caiu antes mesmo de entender o que havia acontecido.

Outro veio pela direita.

Kaeryn já estava em movimento.

Não havia hesitação.

Não havia força excessiva.

Apenas precisão.

Ela girou o corpo, desviando por centímetros, e as duas lâminas curvas traçaram um arco limpo no ar.

Primeiro corte.

Depois o segundo.

O atacante caiu em silêncio.

Ela já não estava mais ali.

Mais dois avançaram juntos.

Rhaek'Tor absorveu o primeiro impacto com o corpo, empurrando o atacante para trás enquanto girava a lâmina em um movimento pesado.

Kaeryn entrou no espaço aberto por ele.

Movimento rápido.

Vertical.

Um corte preciso na articulação do segundo inimigo.

Ele caiu.

Rhaek'Tor finalizou o primeiro esmagando-o contra o chão com suas garras metálicas.

O gelo rachou sob o impacto.

— Lento — disse Kaeryn, sem olhar para ele.

— E mesmo assim estou vivo — respondeu Rhaek'Tor.

Outro atacante veio por trás dela.

Rhaek'Tor viu primeiro.

— Atrás.

Ela não se virou.

Apenas se moveu.

Um passo lateral.

Um giro.

As lâminas encontraram o alvo antes mesmo do ataque completar.

Rhaek'Tor avançou ao mesmo tempo.

Sem coordenação perfeita.

Mas funcional.

Imperfeita.

E eficiente.

O último tentou recuar.

Erro.

Rhaek'Tor lançou a lâmina curta com força.

O impacto foi direto.

O corpo caiu para trás.

Silêncio.

De novo.

Mas agora carregado de respiração.

E calor.

E sangue no gelo.

Kaeryn se manteve em posição por mais alguns segundos.

Observando.

Garantindo.

Rhaek'Tor embainhou a lâmina.

As garras ainda expostas.

Kaeryb se aproximou de um dos corpos.

Abaixou-se.

Analisou.

— Realmente são armaduras dos Khuur'Kaal.

Silêncio.

Rhaek'Tor não respondeu.

Ela olhou para ele.

— Quer explicar?

— Não.

A resposta veio imediata.

Fria.

— Porque eu não tenho explicação.

Kaeryn se levantou lentamente.

— Eles estavam esperando aqui.

— Sabiam que viríamos.

— E estavam vestidos como o seu clã.

O vento passou entre eles.

Aumentando a tensão.

Rhaek'Tor deu um passo à frente.

Agora mais próximo.

— Você acha que isso foi ordem dos Khuur'Kaal?

— Eu acho que isso foi conveniente demais.

Silêncio.

Pesado.

Direto.

— Meu clã não ataca pelas sombras.

— Seu clã não admite quando está errado.

O impacto daquela frase foi maior que qualquer golpe da luta.

Rhaek'Tor se aproximou mais.

Agora não como aliado.

Mas como oposição.

— Cuidado com que fala.

— Eu tenho cuidado com o que falo.

Ela sustentou o olhar.

Sem recuar.

— Você deveria ter também.

O vento aumentou.

O castelo ao redor parecia observar.

Testar.

Esperar.

Rhaek'Tor desviou o olhar primeiro.

Mas não por submissão.

Por controle.
Ele olhou para os corpos novamente.
Mais atento.
Mais crítico.
Ajoelhou.
Observou detalhes.
Mais fundo.
Mais técnico.
E então…
— Não são nossos.
Kaeryn não respondeu.
— A armadura é.
— Mas a construção não.
Ela se aproximou novamente.
Observou.
Agora com mais atenção.
— Modificada.
— Adaptada.
— Sem marca de origem.
Rhaek'Tor olhou para o horizonte.
— Alguém quer que pareça que fomos nós.
Kaeryn cruzou os braços.
— Ou alguém dentro do seu clã quer nós matar.
Silêncio.
De novo.
Mas agora… diferente.
Mais perigoso.
Rhaek'Tor se levantou.
— Então vamos descobrir.
Kaeryn olhou para ele.
Longo.
Avaliando.
Ainda desconfiando.
Mas… sem recuar.

Eles não confiavam um no outro.

Ainda.

Mas tinham um objetivo em comum.

E por enquanto… isso era suficiente.

— Espera um pouco... eu percebi algo na luta.

Kaeryn voltou a se agachar ao lado de um dos corpos.

Mas agora não estava olhando para a armadura.

Nem para as armas.

Estava olhando além do óbvio.

Rhaek'Tor permaneceu em pé, observando o perímetro.

— Encontrou algo?

Ela não respondeu de imediato.

Passou os dedos pela lateral do pescoço do atacante.

Afastou parte da pelagem.

E então parou.

— Isso…

Rhaek'Tor se aproximou.

— O quê?

Ela inclinou levemente a cabeça, analisando melhor.

Havia uma marca.

Quase imperceptível.

Queimada na pele.

Não recente.

Mas também não antiga o suficiente para ser natural.

Um símbolo.

Pequeno.

Geométrico.

Estranho.

— Não é marca de clã — disse Rhaek'Tor imediatamente.

— Eu sei.

Kaeryn continuava olhando.

Algo ali a incomodava.

— Já vi isso antes.

Silêncio.

— Onde?

Ela franziu levemente o cenho.

Tentando puxar da memória.

— Não sei... não consigo me lembrar.

Pausa.

Rhaek'Tor cruzou os braços.

— Então temos assassinos sem identidade…

— Com marca própria — completou Kaeryn.

Ela se levantou.

— Isso é um tipo de organização.

— Não só improviso.

O vento passou entre as ruínas.

Como se escutasse.

Eles se voltaram novamente para o interior do castelo.

Agora mais atentos.

Mais focados.

A câmara onde o registro havia sido ativado ainda estava parcialmente iluminada por resquícios de energia.

Mas havia algo diferente agora.

Mais sutil.

Kaeryn percebeu primeiro.

— Aqui.

Ela se aproximou da base da estrutura.

Ajoelhou.

Passou a mão pela superfície.

— Isso não estava ativo antes.
Rhaek'Tor se aproximou.
— O que é?
Ela pressionou levemente uma seção.
A superfície respondeu.
Um novo pulso de luz percorreu a estrutura.
Menor.
Mais instável.
E então…
uma nova projeção surgiu.
Diferente da anterior.
Fragmentada.
Incompleta.
— Registro secundário — disse a voz, mais distorcida.
Linhas de dados começaram a aparecer.
Intermitentes.
Corrompidas.
Mas legíveis o suficiente.
Kaeryn avançou um passo.
— Isso foi acessado recentemente.
— Há quanto tempo?
— Difícil dizer…
Ela observava os padrões.
— Mas não é antigo como o outro.
Rhaek'Tor estreitou os olhos.
— Alguém esteve aqui.
A projeção mudou.
Coordenadas surgiram.
Três pontos.
O castelo.
A clareira do ritual.
E uma terceira localização…
incompleta.

Fragmentada.
Mas reconhecível.
— Yggdrasil.
O nome veio quase automático.
Kaeryn sentiu um leve aperto no peito.
— Eles estavam mapeando os pontos.
A voz continuou.
Falhando entre palavras.
— Acesso… autorizado…
Ruído.
Interferência.
— Sequência de ativação… indireta…
Outro corte.
Rhaek'Tor deu um passo mais próximo.
— Indireta?
Kaeryn respondeu sem tirar os olhos.
— Deve estar falando de interferência em cadeia.
— Se um ponto falha… os outros respondem.
Silêncio.
Agora pesado.
— Então eles sabiam que não precisavam atacar todos — disse Rhaek'Tor.
— Apenas um.
— E o resto… desestabiliza.
A projeção piscou.
Mais instável agora.
— Identificação de acesso…
A linha apareceu.
Corrompida.
Incompleta.
Mas não vazia.
— Usuário… [DADOS CORROMPIDOS]
Kaeryn se aproximou ainda mais.
Tentando forçar leitura.

Um fragmento permaneceu.

Pequeno.

Mas suficiente.

Não era padrão romano.

Rhaek'Tor percebeu também.

— Isso não é código deles.

— Não.

Kaeryn respondeu.

— É adaptado.

Silêncio.

— Alguém dos nossos clãs acessou isso.

O vento atravessou a estrutura parcialmente aberta.

A luz das auroras oscilou.

Como se o mundo reagisse à conclusão.

A projeção falhou completamente.

Apagou.

Deixando apenas o som distante do vento e o pulso… ainda presente sob o gelo.

Kaeryn ficou em silêncio por alguns segundos.

Conectando.

Revisando.

— Eles sabiam dos pontos de poder.

— Sabiam como ativar uma falha.

— E estavam preparados para eliminar qualquer um que descobrisse.

Rhaek'Tor olhou para ela.

— Não são só os romanos.

— Não.

Ela virou o rosto lentamente.

— Mas estão usando Roma.

— Ou sendo usados por Roma..

Silêncio.

Mais uma vez.

Mas agora…
direcionado.
Rhaek’Tor respirou fundo.
— Então temos alguém dentro dos clãs…
— Com acesso à tecnologia romana.
— E com interesse em quebrar o pacto.
Kaeryn assentiu levemente.
— E que não quer deixar testemunhas vivas.
Os olhos dela voltaram brevemente para a direção onde haviam deixado os corpos.
— Nem investigadores.
Rhaek’Tor fechou a mão.
Pensando.
— Isso não é apenas sabotagem.
— Não.
Kaeryn respondeu.
— Isso é preparação para algo maior.
O vento aumentou.
Mais forte.
Mais agressivo.
Como se algo estivesse se aproximando.
Ou despertando.
Kaeryn cruzou os braços.
O olhar distante.
Mas focado.
— Aquela marca…
Rhaek’Tor olhou para ela.
— Você disse que já viu.
Ela assentiu.
Lentamente.
— Eu já vi.
Pausa.
— Só não lembro onde.
Silêncio.

Mas dessa vez… não era vazio.
O inimigo deixou de ser invisível.
Ainda sem nome.
Ainda sem rosto.
Mas agora… real.

CAPÍTULO 5
TRAVESSIA ATÉ A YGGDRASIL

O som do vento voltava a preencher o espaço.

Mas agora parecia distante.

Como se o castelo ainda estivesse… escutando.

Rhaek'Tor foi o primeiro a se mover.

— Se isso foi acessado recentemente…

Ele caminhou até a base da estrutura.

— Então ainda deve haver atividade residual do ponto de poder.

Kaeryn assentiu levemente.

Já retirando um dos dispositivos que Tharvok havia fornecido.

O scanner respondeu ao toque.

Luz azul.

Estável.

Ela se ajoelhou ao lado da estrutura.
Encostou o dispositivo na superfície.
O visor começou a processar.
Linhas.
Oscilações.
Profundidade.
Rhaek'Tor observava.
Sem interromper.
Mas atento.
— Isso vai dizer o que exatamente?
— O que está acontecendo abaixo de nós.
Ela ampliou a leitura.
Mais fundo.
Mais além da estrutura.
Até o gelo.
Até o que havia sob ele.
O dispositivo hesitou por um segundo.
E então estabilizou.
Kaeryn franziu levemente o cenho.
— Estranho.
— O quê?
Ela inclinou o visor na direção dele.
— O núcleo de poder… está estável.
Silêncio.
Rhaek'Tor cruzou os braços.
— Estável?
— Sem interferência.
— Sem ruptura.
— Sem desvio.
Ele olhou ao redor.
Para a estrutura.
Para o castelo.
— Então isso aqui…
— Não foi sabotado.

Kaeryn se levantou lentamente.

— Foi apenas acessado.

Ela olhou novamente para a estrutura.

— Usado.

Rhaek'Tor respirou fundo.

— Então o ataque de sabotagem não foi aqui.

— Não.

Ela já estava conectando.

— Aqui foi apenas uma parada.

— Não o destino final.

Silêncio.

Agora com direção.

— E se o sistema responde em cadeia… — disse Rhaek'Tor

— Então alguém sabe exatamente onde atacar — completou Kaeryn.

Os dois pensaram na mesma coisa.

Ao mesmo tempo.

— Yggdrasil.

A palavra caiu no espaço.

Pesada.

Inevitável.

O vento os recebeu com força quando deixaram o interior do castelo.

Mais agressivo agora.

Como se o mundo estivesse menos disposto a tolerar presença.

O Ferarx ainda estava onde haviam deixado.

Coberto por uma fina camada de gelo recente.

Como se o próprio ambiente tentasse engoli-lo.

Rhaek'Tor subiu primeiro.

Kaeryn entrou logo depois.

O sistema respondeu.

Motor ativo.

Painéis acendendo.

— Rota? — perguntou ele.

Kaeryn já estava no mapa.

Os dados do castelo ainda abertos.

Ela sobrepôs as coordenadas.

Clareira.

Castelo.

E o terceiro ponto.

Mais distante.

Mais isolado.

— Aqui.

Ela marcou.

O vale oculto.

— Não há rota direta.

— Não deveria haver.

Rhaek'Tor ajustou os controles.

O Ferarx respondeu.

As esteiras começaram a girar novamente.

— Então vamos abrir uma.

A travessia mudou rapidamente.

O terreno deixou de ser apenas gelo.

Passou a ser… irregular.

Antigo.

As formações ao redor começaram a perder a geometria rígida das regiões anteriores. O gelo não se erguia mais em estruturas definidas — ele se espalhava, se curvava, como se tivesse crescido ao invés de se formado.

Kaeryn percebeu.

— Isso aqui…

Ela ampliou os sensores.

— É diferente.

Rhaek'Tor também sentiu.

— Mais instável?

— Não.

Ela balançou a cabeça.

— Mais… vivo.

O silêncio entre eles não era desconfortável.

Mas também não era neutro.

Era carregado.

Processando tudo o que haviam descoberto.

— Se alguém escolheu Yggdrasil — disse Rhaek'Tor — então sabia exatamente o que estava fazendo.

— Sabia mais do que nós.

Ela ajustou os dados.

— Sabia como o sistema funciona.

— E onde quebrá-lo.

O vento diminuiu.

Gradualmente.

Até quase desaparecer.

O Ferarx continuava avançando.

Mas o mundo ao redor…

parecia conter a respiração.

Kaeryn observou os sensores.

— Leituras térmicas mudando.

— Como?
— Mais estáveis.
— Menos variação.
Rhaek'Tor franziu o cenho.
— Isso não faz sentido.
— Faz.
Ela olhou para frente.
— Se isso for o centro do poder…
— O resto do mundo reage a ele.
O horizonte começou a mudar.
Montanhas surgiam.
Altas.
Fechadas.
Como se escondessem algo.
O caminho se estreitava.
O Ferarx avançava com mais dificuldade agora.
Mas ainda avançava.
— Ninguém pode entrar aqui — disse Kaeryn.
— Não sem autorização.
Rhaek'Tor olhou ao redor.
— E mesmo assim…
— Alguém ousou entrar.
Silêncio.
Mais uma vez.
Mas agora…
inegável.
Ao longe…
entre as montanhas…
algo começou a se formar.
Não completamente visível ainda.
Mas presente.
Imenso.
Antigo.
Esperando.

E conforme avançavam…
o pulso voltou.
Mais forte.
Mais claro.
Como um coração… que sabia exatamente onde eles estavam.
As montanhas se fecharam ao redor deles.
Altas.
Impenetráveis.
Como muralhas naturais erguidas não só para proteger… mas também para esconder.
O Ferarx avançava agora por um caminho estreito, forçando passagem entre formações de gelo que pareciam ter sido moldadas pelo tempo. O vento praticamente desapareceu.
E isso era pior.
Muito pior.
— Isso não é normal — disse Rhaek'Tor, a voz mais baixa.
Kaeryn não respondeu.
Ela estava olhando os sensores.
— Leituras estáveis demais.
— Sem variação de vento.
— Sem interferência térmica.
Ela levantou o olhar.
— Isso não acontece em Valhalla IX.
O Ferarx passou por uma última formação.
E então…
o vale se abriu.
O mundo mudou.
Não gradualmente.
Mas completamente.
O vento cessou.
Totalmente.

O silêncio que tomou o espaço não era ausência de som.

Era presença.

Pesada.

Densa.

Quase consciente.

O vale se estendia à frente, amplo, protegido pelas montanhas que agora pareciam distantes, irrelevantes. O gelo ali não era irregular.

Era liso.

Antigo.

Intocado.

E no centro… ela.

Yggdrasil.

A árvore se erguia como algo que não deveria existir naquele mundo.

Massiva.

Colossal.

Seu tronco cristalino refletia as auroras que agora convergiam sobre ela, como se o próprio céu orbitasse sua existência. As raízes atravessavam o solo em todas as direções, algumas visíveis, outras desaparecendo sob o gelo, pulsando com uma luz suave.

Era viva.

Não como uma planta.

Mas como um sistema.

Kaeryn desceu do Ferarx sem dizer uma palavra.

Rhaek'Tor a seguiu.

Nenhum dos dois falou.

Porque não havia o que dizer.

O ar ali era diferente.

Mais leve.

Mas ao mesmo tempo…

mais pesado.

Cada passo parecia observado.

Não por algo externo.

Mas pelo próprio lugar.

Kaeryn parou.

Fechou os olhos por um instante.

Sentiu.

— Aqui…

Ela abriu os olhos lentamente.

— Aqui é o centro de tudo.

Rhaek'Tor olhava ao redor.

Mais atento.

Mais tenso.

— Tem algo… errado.

Ela virou levemente o rosto.

O primeiro sinal foi sutil.

Quase imperceptível.

Uma variação na luz.

Uma pulsação fora de ritmo.

Kaeryn avançou.

Mais rápido agora.

Seguindo a sensação.

As raízes começaram a se tornar mais visíveis conforme se aproximavam.

E então… eles viram.

A máquina estava ali.

Acoplada diretamente a uma das raízes principais.

Enterrada parcialmente no gelo.

Mas ativa.

Linhas metálicas atravessavam a superfície cristalina da raiz, como parasitas fixados em um organismo vivo. Tubulações pulsavam com uma energia escura, densa, que contrastava violentamente com a luz natural da árvore.

— Não…

Kaeryn desacelerou.

Como se o próprio corpo resistisse a se aproximar mais.

— É um tipo de coleta?

— Não parece ser isso.

Rhaek'Tor observava.

Os olhos estreitos.

— Então o que é?

Ela deu mais um passo.

Sentindo.

Agora claramente.

— Está a envenenando.

Não era uma extração.

Era uma infusão.

A energia escura pulsava em intervalos irregulares, se espalhando pela raiz e desaparecendo no sistema maior da árvore. A cada pulso, uma leve distorção percorria o tronco distante.

Como dor.

Como corrupção.

O chão respondeu.

Um leve tremor.

Diferente dos anteriores.

Mais… orgânico.

Rhaek'Tor apertou a mandíbula.

— Isso foi feito para quebrar o equilíbrio.

Ela olhou para o sistema.

Analisando rapidamente.

— Se isso continuar…

Ela não terminou.

Não precisava.

Rhaek'Tor completou.

— O selo se quebra e...

— A fera será solta.

Kaeryn completou.

Silêncio.

Mas agora com urgência.

Kaeryn se aproximou da máquina.

Mais cautelosa.

Mais focada.

— Tecnologia romana.

Rhaek'Tor se aproximou pelo outro lado.

— Mas modificada.

— Sim.

Ela apontou para uma das conexões.

— Isso não é padrão deles.

— Isso foi adaptado para esse mundo.

Rhaek'Tor olhou para ela.

— Então eles realmente não estão sozinhos.

Kaeryn não respondeu.

Mas a resposta estava ali.

Clara.

Inevitável.

Ela se ajoelhou.

Observando o núcleo da máquina.

— Posso tentar desligar.

— Tentar?

— Não sei o que acontece se interromper no meio do ciclo.

Rhaek'Tor olhou para a árvore.

Depois para a máquina.

— E se não fizer nada?

Kaeryn respirou fundo.

— Vai continuar até matá-la.

Silêncio.

Curto.

Decisivo.

— Então faz.

Ela posicionou o dispositivo.
Conectou.
O sistema respondeu.
Instantaneamente.
Como se estivesse esperando.
Ou… resistindo.
As linhas de energia oscura intensificaram.
O pulso da árvore desregulou.
Mais forte.
Mais instável.
Rhaek’Tor olhou ao redor.
Algo estava errado.
Mais do que antes.
— Kaeryn…
— Eu sei.
Ela estava focada.
Totalmente.
— Está reagindo.
— Não é só a máquina.
O chão vibrou novamente.
Mais forte.
Mais próximo.
Como se algo… lá embaixo… sentisse o que estavam fazendo.
A conexão avançou.
Lenta.
Forçada.
O sistema romano tentou manter controle.
Mas a adaptação local… falhava.
Kaeryn forçou mais.
— Só mais um pouco…
Rhaek’Tor virou o corpo.
Instinto.
Alerta.

— Estamos sendo observados.
Kaeryn não olhou.
— Sempre estivemos.
O pulso da árvore aumentou.
A luz nas raízes começou a oscilar violentamente.
E por um breve instante…
o vermelho apareceu.
Misturado ao branco.
Como uma infecção.
Kaeryn travou os dentes.
— Agora.
Ela puxou o sistema.
Forçando a desconexão.
A máquina respondeu.
Violenta.
A energia explodiu em um pulso curto, lançando fragmentos de gelo e metal ao redor.
A conexão foi rompida.
O fluxo cessou.
Silêncio.
Absoluto.
Por um segundo.
Dois.
E então…
a árvore respondeu.
A luz voltou.
Mas instável.
Ferida.
Ainda viva.
Mas afetada.
Kaeryn caiu para trás.
Respiração pesada.
— Não acabou ainda.
Rhaek'Tor já sabia.

Ele estava olhando para as bordas do vale.

— Não.

A voz veio baixa.

Preparada.

— É só o começo.

E ao redor deles… nas sombras do vale… algo começou a se mover.

CAPÍTULO 6

ROMA AETERNA CONTRA-ATACA

O silêncio do vale não durou.

A explosão da máquina ainda reverberava nas paredes naturais quando o primeiro som diferente surgiu.

Não era vento.

Era ritmo.

Passos.

Sincronizados.

Rhaek'Tor foi o primeiro a identificar.

— Formação.

Kaeryn já estava de pé.

O corpo ainda respondendo ao esforço anterior, mas a mente… clara.

— Quantos?

Ele não respondeu.

Porque não precisava.

Eles apareceram.

Das bordas do vale.

Entre as formações de gelo.

Descendo de posições elevadas com precisão controlada.

Soldados.

Roma Aeterna.

As armaduras eram inconfundíveis.

Mas transformadas.

Cinza pálido.

Cobertas por camadas finas de gelo e tecido térmico que quebrava suas silhuetas contra o ambiente. As capas, pesadas, quase se confundiam com a neve, mas quando se moviam… revelavam o vermelho interno.

Como sangue escondido.

Os capacetes mantinham a forma romana.

Mas os visores brilhavam em um tom alaranjado, refletindo o ambiente com distorção térmica.

Armas prontas.

Rifles de energia.

Gladius nas laterais.

Escudos projetores acoplados aos braços.

Eles não avançaram correndo.

Avançaram como uma parede.

Controlados.

Calculados.

Um deles se destacou.

Mais ornamentado.

O comandante.

Ele parou a alguns metros.

Observando os dois.

Depois a árvore.
Depois a máquina destruída.
Um leve suspiro.
Quase… desapontado.
— Corajosos.
A voz dele era clara.
Sem distorção.
— Ficar tão perto do veneno… sem proteção.
Kaeryn não respondeu de imediato.
Ela estava olhando para a armadura.
Para os detalhes.
Para o que aquilo representava.
— Preferimos manter distância durante a operação — continuou ele.
— Mais… seguro.
O silêncio durou um segundo a mais do que deveria.
E então Kaeryn avançou um passo.
— Vocês não têm vergonha?
A voz dela não era alta.
Mas carregava peso.
— Isso…
Ela apontou para a árvore.
— Isso mantém este mundo vivo.
— E vocês estão envenenando.
O comandante inclinou levemente a cabeça.
Como se considerasse a pergunta.
— Vergonha?
Um breve silêncio.
— Não.
Ele deu de ombros.
— Estamos seguindo ordens.
Pausa.
Curta.

— Não oficiais.

Outro silêncio.

Mais pesado.

— Na verdade…

Ele ajustou o rifle com naturalidade.

— Estamos aqui mais pelo pagamento mesmo.

O ar mudou.

Rhaek'Tor deu um passo à frente.

Agora sem controle.

Sem cálculo.

— Cala a boca.

A voz veio grave.

Baixa.

Mas carregada de ameaça real.

— Vem pra cima logo.

O comandante o observou por um segundo.

E então…

sorriu.

Quase imperceptível.

— Como quiser.

Eles se moveram ao mesmo tempo.

O primeiro movimento veio dos romanos, um disparo.

Um feixe concentrado de energia cruzou o ar, atingindo o gelo ao lado de Kaeryn e vaporizando parte da superfície instantaneamente.

O impacto liberou vapor.

Denso.

Quente.

Errado naquele lugar.

Kaeryn já estava em movimento.

Baixa.

Rápida.

Desviando enquanto avançava.

Rhaek'Tor foi direto.

Como uma força.

Absorvendo espaço.

Fechando distância.

Dois romanos avançaram com escudos ativos.

Discos de energia alaranjada se formaram à frente deles, vibrando com intensidade térmica visível.

O ar ao redor distorcia.

A neve próxima começava a derreter antes mesmo do contato.

Rhaek'Tor colidiu com o primeiro.

Força contra tecnologia.

A lâmina curva bateu contra o escudo.

O impacto gerou uma explosão de vapor.

O gelo abaixo deles derreteu parcialmente.

Ele não recuou.

Empurrou.

Forçando.

Kaeryn entrou pelo flanco.

Movimento limpo.

Preciso.

Uma das lâminas encontrou a abertura lateral da armadura.

Corte rápido.

Efetivo.

Mas não letal.

O romano reagiu.

Rápido.

Treinado.

Contra-atacou com o gladius.

A lâmina de energia alaranjada cortou o ar.

O calor era visível.

Um rastro de vapor seguia cada movimento.

Kaeryn recuou por centímetros.

Sentindo o calor passar próximo demais.

— Eles são melhores que os outros — disse ela, já reposicionando.

— Eu percebi — respondeu Rhaek'Tor.

Outro disparo.

Ele desviou, mas não rápido o suficiente.

O impacto atingiu a armadura de raspão.

Não perfurou.

Mas empurrou.

Dor.

Real.

Ele sorriu.

— Agora sim.

Um terceiro romano avançou com rifle.

Disparo contínuo.

Kaeryn se moveu entre as rajadas.

Mas uma passou.

Raspou o ombro.

Mas ela continuou avançando até chegar ao soldado.

Ela travou o movimento dele por um instante.

Suficiente.

Rhaek'Tor entrou.

Quebrou a linha.

As garras metálicas atravessaram o braço do soldado.

O rifle caiu.

Ele finalizou com a lâmina.

— Você hesitou — disse Rhaek'Tor.

— Eu estava calculando.

— Calcula mais rápido.

— Então para de entrar no meu caminho.

— Aargh... você é muito chata — disse Rhaek'Tor sorrindo.

O comandante avançou.
Agora pessoalmente.
Escudo ativo.
Gladius em mãos.
Movimento impecável.
Ele não atacava com força bruta.
Mas com eficiência.
Cada golpe tinha propósito.
Cada passo… posição.
Rhaek’Tor enfrentou direto.
Choque imediato.
Força contra técnica.
O impacto fez o gelo sob eles ceder.
Kaeryn entrou no combate.
Agora sincronizando.
Melhor do que antes.
Ainda imperfeito.
Mas funcional.
Ela atacava onde Rhaek’Tor abria.
Rhaek’Tor absorvia onde ela não podia.
Troca.
Ritmo.
Adaptação.
Mas eles estavam sendo pressionados.
Mais tiros.
Mais movimento.
Mais precisão.
Kaeryn recebeu outro corte leve na lateral.
Rhaek’Tor foi atingido novamente.
Dessa vez mais forte.
Ele recuou meio passo.
Apenas meio.
— Eles não vão parar — disse Kaeryn.
— Nem nós.

Ela girou.
Ataque duplo.
Uma lâmina desviou o escudo.
A outra encontrou uma abertura mínima.
Rhaek'Tor aproveitou.
Entrou com tudo.
Força total.
As garras rasgaram a defesa.
A lâmina finalizou.
O comandante caiu de joelhos.
Ainda vivo.
Mas derrotado.

Silêncio.
Agora o restante já estava no chão.
O vapor ainda subia ao redor.
Misturado com o sangue.
Criando uma névoa vermelha densa.
Irreal.
Kaeryn se aproximou.
Respiração controlada.
Mas pesada.
O comandante ergueu levemente a cabeça.
O visor rachado.
A luz alaranjada falhando.
Ele riu.
Fraco.
— Tarde demais.
Ela se abaixou.
— Quem mandou você?
Ele olhou para ela.
Por um segundo.
Claro.
Lúcido.
E então…
se inclinou.
Sussurrou.
Baixo.
Direto.
Kaeryn congelou.
Por um instante.
Apenas um.
Mas suficiente.
Rhaek'Tor percebeu.
— O que ele disse?
Ela não respondeu imediatamente.
Apenas se levantou.

Virando de costas.

— Nada útil.

Silêncio.

Mas agora… diferente.

O corpo do comandante parou de se mover.

E Kaeryn… já não estava mais olhando para a árvore.

Mas para o caminho de volta.

CAPÍTULO 7
O RETORNO

O vale não voltou ao que era.

Mesmo após a queda dos soldados.

Mesmo após a máquina ser destruída.

Yggdrasil permanecia de pé.

Mas não intacta.

A luz que antes pulsava de forma harmoniosa agora carregava pequenas falhas. Oscilações quase imperceptíveis, mas constantes. Como um organismo que havia sobrevivido… mas não saído ileso.

Kaeryn observava.

Em silêncio.

Rhaek'Tor limpava a lâmina.

Sem pressa.

Mas atento.

— Isso não acabou — disse ele.

Kaeryn assentiu levemente.

— Não.

Ela olhou para as raízes.

Para os pontos onde a corrupção havia tocado.

— Eles já sabiam onde atacar.

— Sabiam como.

— E estavam preparados para proteger.

Rhaek'Tor guardou a lâmina.

— E alguém daqui deu isso a eles.

Silêncio.

Kaeryn não respondeu.

Mas não negou.

Ela virou o corpo.

Já decidida.

— Vamos voltar.

Rhaek'Tor a encarou.

— Só isso?

— Não.

Ela respondeu, sem hesitar.

— Vamos levar isso para dentro da cidade.

Pausa.

— E ver quem reage.

Rhaek'Tor sustentou o olhar por um segundo.

Depois assentiu.

— Certo

O Ferarx respondeu ao comando.

O motor voltou à vida com um som profundo, quase reconfortante após o silêncio do vale.

As esteiras começaram a girar.

Lentas no início.

Depois firmes.

Deixando para trás o vale, a árvore e o que havia sido feito ali.

O caminho de volta parecia diferente.

Não porque o terreno havia mudado.

Mas porque eles haviam.

O silêncio dentro do Ferarx durou mais do que o normal.

Não era desconfortável.

Mas era carregado.

Rhaek'Tor foi o primeiro a quebrá-lo.

— O que ele disse de verdade?

Kaeryn não desviou o olhar dos sensores.

— Nada relevante.

Silêncio.

Rhaek'Tor respirou fundo.

— Eu não acho que seja verdade.

Ela não respondeu.

Ele continuou.

— Você travou.

— Por um segundo.

— Não foi nada.

Kaeryn apertou levemente o console.

— Não muda o que precisamos fazer.

— Muda sim.

Agora ele virou o corpo na direção dela.

— Se alguém grande dentro dos clãs está envolvido…

— Isso muda tudo.

Ela finalmente olhou para ele.

— Eu sei.

Silêncio.

Pesado.

Direto.

Rhaek'Tor relaxou levemente a postura.

Não completamente.

Mas o suficiente.

— Eu consigo imaginar o que ele disse.

Kaeryn manteve o olhar.

Sem confirmação.

Sem negação.

— Mas não vou forçar.

Ele virou de volta para frente.

— Não agora.

Pausa.

— Mas uma hora…

Ele olhou de canto.

— você vai ter que me contar.

Kaeryn desviou o olhar primeiro.

De volta aos sensores.

— Quando for necessário.

Rhaek'Tor assentiu.

— Justo.

O Ferarx avançava.

Agora deixando para trás o território das montanhas.

O vento voltou.

Gradualmente.

Depois com força total.

Como se o mundo estivesse retomando seu estado natural.

Mas algo ainda estava diferente.

O pulso.

Ainda presente.

Mais distante.

Mas não silencioso.

As primeiras estruturas começaram a surgir no horizonte muito tempo depois.

A cidade principal de Valhalla IX.

Construída com a mesma lógica dos clãs, força, resistência e função.

Torres baixas e robustas.

Estruturas parcialmente enterradas no gelo.

Luzes espalhadas como pequenos pontos de calor no branco absoluto.

Vida.

Organizada.

Mas agora… vulnerável.

Kaeryn observou.

Em silêncio.

— Eles não sabem.

Rhaek'Tor respondeu.

— Ainda não.

O Ferarx diminuiu a velocidade.

Se aproximando.

— E quando souberem?

Kaeryn respondeu sem hesitar.

— Todos vão se dividir.

Silêncio.

O veículo cruzou os limites da cidade.

Os portões se abriram.

Mas não com a mesma neutralidade de antes.

Agora havia atenção.

Olhares.

Movimento.

Algo já havia começado.

E enquanto avançavam para o centro…

Kaeryn sentiu novamente.

Não o pulso do mundo.

Mas algo diferente.

Mais próximo.

Mais feroz.

Mais perigoso.

Eles não estavam voltando para segurança.

Estavam voltando para o conflito.

O salão do conselho não era feito para conforto.
Era feito para decisão.
Pedra negra.
Cristais incrustados nas paredes emitindo luz fria.
E no centro…
o espaço.
Aberto.
Sem tronos.
Sem privilégios visuais.
Apenas presença.
Os líderes dos clãs já estavam reunidos quando Kaeryn e Rhaek'Tor entraram.
Aeryn Sol'Kha estava à frente.
Imóvel.
Observando.
Rhaegor Khord mais ao fundo.
Braços cruzados.
Silencioso.
Tharvok Vael'Thyr permanecia no centro.
Como sempre.
Como se nunca tivesse saído dali.
O som dos passos dos dois ecoou.
E então cessou.
Silêncio.
Expectativa.
— Relatório — disse Tharvok.
Direto.
Sem rodeios.
Kaeryn avançou um passo.
— O castelo não foi sabotado.
Murmúrios.
Baixos.
Controlados.
— Foi usado como preparação.

Ela fez um gesto.

Rhaek'Tor abriu o compartimento de carga do Ferarx que haviam trazido para dentro do salão.

Retirou o fragmento.

Parte da máquina.

Ainda instável.

Linhas metálicas queimadas.

Resquícios de energia escura ainda pulsando de forma irregular.

O objeto foi colocado no centro.

E o ambiente respondeu.

Leve vibração.

Instinto coletivo.

Rejeição.

— Isso estava conectado à Yggdrasil — continuou Kaeryn.

Agora mais firme.

— Injetando energia instável diretamente nas raízes.

O silêncio mudou.

Mais pesado.

Mais sério.

— Não era extração.

— Era contaminação.

Rhaek'Tor completou.

— E havia soldados protegendo a operação.

Agora os olhares mudaram.

— Soldados?

— Roma Aeterna — disse ele.

Dessa vez, sem dúvida.

Sem espaço para interpretação.

O impacto foi imediato.

Alguns líderes se moveram.

Outros permaneceram imóveis.

Mas todos reagiram.

Aeryn foi a primeira a falar.

— Roma não pisaria aqui sem—

— Já pisou — interrompeu Kaeryn.

O olhar dela foi direto.

— E não estavam escondidos.

Silêncio.

Aeryn não respondeu.

Mas analisava.

Mais profundamente agora.

Rhaegor finalmente se moveu.

Um passo à frente.

— Isso implica infiltração.

— Sim — respondeu Kaeryn.

Sem hesitar.

— E acesso interno.

Agora o salão ficou completamente imóvel.

Tharvok apoiou o bastão no chão.

— Continue.

Kaeryn respirou.

Controlada.

— O sistema romano no castelo foi acessado recentemente.

— Não por eles.

— Por alguém daqui.

Os olhares começaram a circular.

Desconfiança.

Instinto.

— E os ataques que sofremos…

Ela olhou rapidamente para Rhaek'Tor.

— Não foram aleatórios.

— Foram para nos eliminar.

Rhaek'Tor completou:

— E estavam disfarçados como Khuur'Kaal.

Agora sim.
O impacto foi direto.
Aeryn deu um passo à frente.
— Isso é uma acusação grave.
— Não é uma acusação — disse Kaeryn.
— É um fato.
Silêncio.
Pesado.
E então…
Kaeryn olhou ao redor.
Devagar.
Um por um.
Como se estivesse confirmando algo.
Ou esperando.
E encontrou.
Velkor Nythar.
Entre os Zain'Kaal.
Exatamente onde deveria estar.
Exatamente como sempre.
Observando.
Calmo.
Controlado.
— Interessante — disse ele.
A voz veio suave.
Quase neutra.
— Vocês voltam com uma história sobre Roma… sabotagem… conspiração…
Ele deu um passo à frente.
— E esperam que acreditemos?
Kaeryn não desviou o olhar.
— Eu não espero.
Pausa.
— Eu sei.
Silêncio.

Velkor inclinou levemente a cabeça.

— Sabe?

— Sim.

Ela deu um passo à frente.

Agora dentro do espaço central.

— Porque você cometeu um erro... pequeno, mas suficiente.

O ambiente ficou imóvel.

Totalmente.

— A marca — disse Kaeryn.

— Nos corpos.

— Eu lembrava de já ter visto.

Ela deu mais um passo.

— Não lembrava onde.

Pausa.

Curta.

— Até agora.

Velkor não se moveu.

Mas seus olhos… mudaram.

Levemente.

Quase imperceptível.

— Eu vi esse símbolo nos seus homens.

O salão explodiu em murmúrios.

Rhaegor virou o rosto lentamente.

Aeryn também.

Rhaek'Tor não se moveu.

Mas agora estava totalmente focado.

Velkor sorriu.

Levemente.

— Isso é… uma suposição perigosa.

— Não.

Kaeryn respondeu.

Fria.

Precisa.

— É uma conexão concreta.
Ela apontou para o fragmento da máquina.
— Tecnologia romana modificada.
— Acesso interno.
— Assassinato de investigadores.
— E um símbolo…
Ela parou.
O olhar travado nele.
— Que só aparece em um lugar.
Silêncio.
Completo.
— Marcado em seus homens.
O ar mudou.
Não era mais tensão.
Era ruptura.
Velkor respirou.
Lentamente.
E então… riu.
Baixo.
Controlado.
— Demorou mais do que eu esperava.
O salão congelou.
Literalmente.
Ninguém se moveu.
Rhaegor deu um passo à frente.
— O que você fez?
Velkor virou o rosto.
— O necessário... uma pena que meus homens não conseguiram dar cabo de nossos queridos... investigadores.
Aeryn avançou.
— Você colocou Roma dentro do nosso mundo.
— Não — corrigiu Velkor.
— Eu apenas abri a porta.

O olhar dele percorreu o salão.
Sem medo.
Sem pressa.
— Vocês vivem presos a um pacto antigo.
— A uma fera que poderia ter sido usada.
— A um poder que vocês enterraram por medo.
Ele deu mais um passo.
— Eu não tenho esse medo.
Rhaek'Tor avançou.
Agora sem contenção.
— Você condenou todos nós.
Velkor o encarou.
— Não.
Pausa.
— Eu vou nos libertar.
O silêncio voltou.
Mas agora… irreversível.
Tharvok ergueu o bastão.
E dessa vez… não foi apenas gesto.
Foi decisão.
— Você traiu o pacto.
— E colocou este mundo em risco.
Velkor não recuou.
— Este mundo já estava condenado.
Kaeryn deu um passo à frente.
— Não enquanto estivermos aqui.
O olhar dele encontrou o dela.
Pela última vez sem conflito direto.
— Então me impeçam.
O ar pareceu rasgar.

CAPÍTULO 8
BATALHA CONTRA O TRAIDOR

Velkor permaneceu no centro do salão.
Imóvel.
Mas não sozinho.
Foi sutil.
Quase imperceptível.
Um deslocamento.
Um olhar.
Um passo fora de ritmo.
E então ficou claro.
Eles estavam por toda parte.
Entre os Zain'Kaal.
Entre os Khuur'Kaal.
Guerreiros.
Conselheiros.

Guardas.

Olhos que agora não olhavam mais para os clãs… mas para ele.

Rhaek'Tor percebeu primeiro.

— Infiltrados.

Tarde demais.

Velkor ergueu levemente a mão.

E a resposta veio imediata.

Armas sendo sacadas.

Posturas mudando.

Linhas sendo quebradas.

O salão deixou de ser conselho.

E virou campo de batalha.

— Você realmente acha que isso termina com você no controle? — disse Kaeryn.

A voz firme.

Sem hesitação.

Velkor sorriu.

Agora sem disfarce.

— Controle?

Ele deu um passo à frente.

— Isso nunca foi só sobre controle.

Os infiltrados começaram a se mover.

Cercando.

Separando.

Isolando.

— Foi sobre oportunidade.

O olhar dele percorreu o salão.

Agora aberto.

Agora honesto.

— Vocês vivem presos a um pacto que ninguém mais entende.

— A uma tradição que só existe por medo.

Ele abriu os braços.

Como se apresentasse algo inevitável.

— Eu só acelerei o que já estava destinado a acontecer.

Kaeryn deu um passo à frente.

— Você envenenou o próprio mundo.

— Eu preparei o mundo.

Ele respondeu, sem alterar o tom.

— O ritual falha.

— O caos começa.

— Os clãs se voltam uns contra os outros.

Pausa.

Um leve sorriso.

— Eu assumo o controle.

O silêncio foi curto.

Porque agora… todos estavam ouvindo.

— E então Roma entra.

O impacto foi imediato.

Rhaegor avançou.

— Você venderia este mundo?

Velkor virou o rosto lentamente.

— Eu lucraria com ele.

Ele apontou para o fragmento da máquina no chão.

— Eles têm capacidade de conseguir os minérios.

— Energia.

— Pontos de poder.

— Vocês estão sentados sobre algo que nem compreendem.

Aeryn apertou o punho.

— E você acha que Roma vai dividir isso com você?

Velkor sorriu.

— Não preciso que dividam.

— Preciso que entrem com suas máquinas.

Pausa.
— Depois…
Ele olhou para Kaeryn.
— Eu resolvo o resto.
Rhaek'Tor avançou um passo.
— Resolve como?
Velkor respondeu sem hesitar.
— O ritual.
Silêncio.
— Eu reativo, controlo a fera para lutar por mim.
Kaeryn balançou levemente a cabeça.
— Não.
Ele inclinou o rosto.
— Não?
— Você viu o que está despertando.
Ela deu um passo à frente.
— Isso não é algo que você controla... outros tentaram e não conseguiram.
O olhar dele endureceu.
— Então eu o mato.
O salão congelou.
— Antes que desperte completamente.
Kaeryn sustentou o olhar.
— Você sabe que não chegaria nem perto disso.
Silêncio.
Pesado.
Final.
Velkor respirou fundo.
E então… ele fez um gesto.
O combate começou.
Os infiltrados avançaram primeiro.
Coordenados.
Precisos.
Mas não silenciosos.

Agora não havia mais necessidade.

Rhaek'Tor foi o primeiro a colidir.

Força bruta.

Sem contenção.

Ele atravessou a linha inicial como um impacto vivo, a lâmina curva abrindo espaço enquanto as garras da outra mão rasgavam armaduras e desviavam ataques.

O chão tremeu sob o impacto.

Kaeryn entrou no vazio que ele criou.

Movimento limpo.

Fluído.

Letal.

Suas lâminas não buscavam força.

Buscavam abertura.

E encontravam.

Um.

Dois.

Três cortes.

Cada um preciso.

Cada um definitivo.

Os clãs reagiram.

Mas não como um só.

Ainda.

Era confuso.

Desorganizado.

Aliados lutando lado a lado… sem saber quem ainda era aliado.

Aeryn avançou com os Khuur'Kaal.

Rhaegor com os Zain'Kaal.

Tentando estabilizar.

Mas a batalha já estava fragmentada.

Velkor não se moveu de imediato.

Observava.

Analisava.
Esperando o momento.
Rhaek'Tor derrubou mais um.
Girou.
Interceptou um ataque lateral.
Mas outro veio.
Rápido.
A lâmina cortou sua lateral.
Raso.
Mas suficiente.
Ele sorriu.
— Vamos lá.
Kaeryn foi atingida logo depois.
Um impacto de energia atravessou seu ombro.
Ela travou por um instante.
Curto.
Perigoso.
Rhaek'Tor entrou na frente.
Absorveu o próximo ataque.
— Foco.
— Eu estou focada.
Eles se moveram juntos.
Melhor agora.
Mais sincronizados.
Ainda imperfeitos.
Mas perigosos.
Velkor avançou.
Finalmente.
Ele não lutava como os outros.
Não era força.
Não era velocidade pura.
Era controle.
Cada movimento dele quebrava ritmo.
Criava falhas.

Explorava espaço.
Ele atacou Kaeryn primeiro.
Direto.
Sem aviso.
Ela bloqueou.
Mas sentiu.
Força.
Mais do que esperava.
Rhaek'Tor entrou.
Golpe pesado.
Velkor desviou.
Sem esforço.
Contra-atacou.
A lâmina passou pelo braço de Rhaek'Tor.
Corte limpo.
Profundo.
— Fraco — disse Velkor.
Kaeryn girou.
Ataque duplo.
Velkor bloqueou um.
Desviou do outro.
Mas teve que recuar meio passo.
Primeira vez.
— Melhor — disse ele.
Agora os dois estavam juntos.
Frente a ele.
Respirando pesado.
Feridos.
Mas firmes.
— Você não entende o que está fazendo — disse Kaeryn.
— Entendo perfeitamente.
Ele respondeu.
— Estou quebrando um ciclo.

— Um que eu controlo.
— Mas vocês estão me atrapalhando...
Então Rhaek'Tor surgiu e se juntou a Kaeryn.
Sem mais palavras.
O combate final começou ali.
Força contra técnica.
Velocidade contra leitura.
Instinto contra cálculo.
Kaeryn abriu as defesas.
Rhaek'Tor entrou nas aberturas.
Velkor respondeu contra-atacando.
Mas agora era diferente.
Eles estavam aprendendo.
Durante a luta.
Kaeryn mudou o ritmo.
Rhaek'Tor acompanhou.
Ataque cruzado.
Velkor bloqueou um.
Mas o outro passou.
Corte.
Superficial.
Mas real.
Ele recuou.
Agora dois passos.
Os olhos mudaram.
— Interessante.
Rhaek'Tor avançou novamente.
Mas dessa vez… não sozinho.
Kaeryn veio junto.
Sincronizados.
Não perfeitos.
Mas suficientes.
O erro apareceu.
Pequeno.

Mas fatal.
Kaeryn aparou o golpe de Velkor.
Abrindo uma micro abertura em sua defesa.
Rhaek'Tor entrou com força total.
As garras prenderam.
A lâmina finalizou.
Velkor travou.
O corpo resistiu por um segundo.
Dois.
Ele olhou para Kaeryn.
Sem raiva.
Sem medo.
Apenas certeza.
— Tarde demais.
O corpo cedeu.
Silêncio.
Mas não paz.
O tremor voltou.
Mais forte.
Mais profundo.
E dessa vez… ninguém precisou perguntar.
Algo estava vindo.
E era muito maior do que qualquer um deles.

CAPÍTULO 9
RITUAL INCOMPLETO

O silêncio após a queda de Velkor durou pouco.
Porque o mundo não esperava.
O primeiro estalo veio de longe.
Não do salão.
Não da cidade.
Mas da direção da clareira.
Profundo.
Lento.
Como algo gigantesco ajustando posição.
Tharvok foi o primeiro a olhar.
Não para os corpos.
Não para os sobreviventes.
Mas para fora.
— Tarde demais.

Dessa vez… não era constatação.

Era aviso.

Uma fenda atravessou o solo da cidade.

Rápida.

Violenta.

Separando estruturas.

Rasgando o gelo como se fosse apenas vidro frágil.

Os clãs reagiram.

Agora juntos.

Sem divisão.

Sem discussão.

Porque agora… não havia mais lados.

— Clareira! — gritou alguém.

— Está vindo de lá!

Kaeryn não esperou.

Já estava se movendo.

Rhaek'Tor veio junto.

Mesmo ferido.

Sem hesitar.

O Ferarx foi ativado antes mesmo deles chegarem.

O motor rugiu.

As esteiras esmagaram o gelo.

E o veículo avançou.

Sem cerimônia.

Sem planejamento.

Apenas urgência.

O caminho não era mais o mesmo.

O terreno se quebrava enquanto eles avançavam.

Fendas abrindo.

Gelo colapsando.

O mundo literalmente cedendo.

Eles chegaram à clareira.

Ou ao que restava dela.
O círculo ritual não existia mais.
No lugar… uma cratera.
Gigantesca.
Viva.
E no centro… a ruptura.
A geleira havia se partido.
Camadas inteiras de gelo estavam sendo empurradas para fora.
De dentro.
Como se algo estivesse… emergindo.
A luz não era mais vermelha.
Nem verde.
Era ambas.
Misturadas.
Instáveis.
Respirando.
E então… eles viram.
Não completamente.
Mas o suficiente.
Uma forma.
Imensa.
Muito maior do que qualquer estrutura da cidade.
Uma superfície que não era pele.
Nem pedra.
Nem energia.
Mas algo entre tudo isso.
Olhos.
Ou algo que observava como olhos.
Se abriram.
Lentos.
Antigos.
E olharam.
Não para os clãs.

Não para a cidade.
Para Kaeryn.
O mundo parou.
Por um segundo.
Apenas um.
E nesse segundo… não houve som.
Não houve vento.
Não houve guerra.
Apenas consciência.
Rhaek'Tor sentiu.
Não como medo.
Mas como… irrelevância.
— Isso não é só uma criatura — ele disse.
— Eu sei — respondeu Kaeryn.
— É o mundo vivo.
A presença aumentou.
A fissura se abriu mais.
O gelo cedeu.
Mais.
Mais.
Se continuasse…não haveria retorno.
Kaeryn se moveu.
Rápida.
Decidida.
— Precisamos refazer o ritual.
Rhaek'Tor virou o rosto.
— Aqui?
— Agora?
— Não temos outra opção.
Ela já estava no centro.
Ou no que restava dele.
— Isso não é o círculo original — disse ele.
— Não temos os anciões.
— Não temos o traçado completo.

— Não precisamos — respondeu ela.
Pausa.
— Precisamos do apenas do princípio.
Rhaek'Tor a encarou.
— E qual é?
Ela olhou para ele.
— União.
Silêncio.
Curto.
— Então vamos ver se funciona.
Ele se posicionou ao lado dela.
Sem mais perguntas.
Momentos depois outros começaram a se aproximar.
Aeryn.
Rhaegor.
Guerreiros.
Anciões sobreviventes.
Não organizados.
Não perfeitos.
Mas presentes.
Kaeryn ajoelhou.
As lâminas foram colocadas no gelo.
Ela não estava repetindo o ritual antigo.
Ela estava adaptando.
— Não é sobre controle — ela disse.
— Nunca foi.
O gelo respondeu.
Fraco.
Mas respondeu.
— É sobre equilíbrio.
Rhaek'Tor fechou os olhos por um instante.
Respirou.
E então… seguiu.

Outros acompanharam.

Não como tradição.

Mas como escolha.

A energia começou a se formar.

Instável.

Irregular.

Mas viva.

A fissura reagiu.

A presença também.

Primus Ferox… observava.

E dessa vez… não como algo sendo despertado.

Mas como algo… avaliando.

A energia aumentou.

Mas não estabilizou completamente.

Era incompleta.

Imperfeita.

Mas suficiente para tentar.

E o mundo… pela primeira vez desde o início… hesitou.

A energia não estabilizou.

Mas não colapsou.

Ficou entre os dois.

Como tudo naquele momento.

Kaeryn sentiu antes de ver.

A mudança.

Não no mundo.

Mas na atenção.

Primus Ferox não avançou.

Não recuou.

Ele… focou.

A presença que antes era difusa, esmagadora, impossível de compreender…se concentrou.

Nela.

O som desapareceu.

De novo.
Mas diferente.
Mais profundo.
Mais direto.
Kaeryn não estava mais ajoelhada.
Não completamente.
Mas também não estava em pé.
Ela estava… entre.
— Não é sobre te prender.
A voz dela saiu.
Mas não ecoou no ar.
Ecoou nele.
Rhaek'Tor percebeu.
Mas não interferiu.
Ninguém interferiu.
Porque todos sentiram.
Aquilo não era ritual.
Era comunicação.
— Nunca foi.
A presença respondeu.
Não em palavras.
Mas em pressão.
Em memória.
Em algo impossível de traduzir.
Kaeryn viu.
Não com os olhos.
Mas com o que o mundo usava antes de ter forma.
Conflito.
Clãs.
Guerra.
Tentativas.
Falhas.
Domínio.

Destruição.
E então… o pacto.
Não como solução.
Mas como contenção.
— Eles tiveram medo de você.
A resposta veio.
Não como negação.
Não era medo.
Era erro.
— E nós repetimos esse ciclo.
A presença aumentou.
Por um instante.
O suficiente para quebrar qualquer outro.
Mas não ela.
— Não precisamos te controlar.
Pausa.
— Nem selar.
O mundo hesitou.
— Precisamos coexistir.
Silêncio.
Total.
E então… algo mudou.
Primus Ferox não recuou de imediato.
Mas deixou de avançar.
A pressão diminuiu.
Levemente.
O suficiente.
O ritual incompleto respondeu.
A energia estabilizou.
Não perfeita.
Mas alinhada.
Rhaek'Tor abriu os olhos.
Sentiu.
— Está funcionando…

Kaeryn não respondeu.
Ela ainda estava lá.
Ainda conectada.
— Não somos os mesmos de antes.
A presença observou.
Mais uma vez.
Dessa vez… sem julgamento.
A fissura começou a se fechar.
Lentamente.
Não completamente.
Nunca completamente.
Mas o suficiente.
A forma colossal recuou.
Camada por camada.
Como se o mundo a engolisse novamente.
Os olhos foram os últimos.
E quando desapareceram…
o silêncio voltou.
Mas não o mesmo.
O vento retornou.
Gradualmente.
Depois com força.
A clareira estava destruída.
Irreconhecível.
Mas estável.
Os clãs permaneciam ali.
De pé.
Vivos.
Mas não intactos.
Aeryn olhou ao redor.
— Isso não foi uma vitória.
Rhaegor respondeu.
— Foi apenas sobrevivência.

Rhaek’Tor permaneceu em silêncio por um momento.

Depois olhou para Kaeryn.

— Você mudou o ritual.

Ela respondeu sem olhar para ele.

— Eu mudei a forma.

Pausa.

— O princípio sempre esteve errado.

Tharvok se aproximou.

Lento.

Mas firme.

— Não.

Ele disse.

— O princípio foi esquecido.

Silêncio.

— E agora foi relembrado.

Kaeryn finalmente olhou ao redor.

Para os clãs.

Misturados.

Sem divisão clara.

Sem certeza.

Mas… juntos.

— Isso não vai durar.

Aeryn disse.

— Vai ter resistência.

— Vai ter conflito.

Rhaegor completou.

— Vai ter mudança.

Kaeryn assentiu.

— E dessa vez…

Ela olhou para o horizonte.

— Nós não vamos resistir a ela.

Silêncio.

Mas não pesado.

Diferente.
Então um dos vigias se aproximou.
Respiração irregular.
— Contato.
Todos olharam.
— Assinaturas detectadas no limite do sistema.
Pausa.
— Múltiplas.
O silêncio voltou.
Mas agora… familiar.
Inevitável.
Rhaek'Tor virou o rosto lentamente.
— Naves?
— Sim.
Kaeryn não se moveu.
Não se surpreendeu.
Apenas confirmou.
Baixo.
Frio.
— Roma.

FIM.